



Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
Universidade de Coimbra

MEMÓRIAS DE UM MERCADO TROPICAL

O Mercado do Kinaxixe e Vasco Vieira da Costa

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura realizada por:
Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz

Orientada por:
Prof. Doutora Ana Cristina Fernandes Vaz Milheiro
Prof. Doutor José António Oliveira Bandeirinha

Coimbra, Junho de 2012

MEMÓRIAS DE UM MERCADO TROPICAL

O Mercado do Kinaxixe e Vasco Vieira da Costa

Agradecimentos

Aos meus orientadores, Prof. Doutora Ana Vaz Milheiro e Prof. Doutor José António Bandeirinha, pelos conhecimentos que me transmitiram e pela paciência que tiveram para comigo ao longo da realização desta tese. Ao Prof. Doutor Rui Lobo pela orientação na fase inicial deste trabalho.

Aos Arquitectos Francisco Castro Rodrigues, Fernão Simões de Carvalho, Ângela Mingas, Manuel Correia Fernandes, José Quintão, Maria João Teles Grilo e Sérgio Fernandez pela disponibilidade e ajuda na realização das entrevistas.

Aos irmãos Mário e Lucien Vieira da Costa pela sua simpatia, pelo interesse que demonstraram em me ajudar e por partilharem comigo algumas histórias do seu pai.

Ao tio "Oka" Cunha, Mário Amaro, José Bettencourt, Rosa Morais e outros angolanos pelo material que me conseguiram enviar de Angola.

À Dra. Ofélia, Dra. Conceição Gonçalves, Dra. Conceição Vieira, Arquitecta Margarida Quintã, Arquitecta Marta Poiares, Dona Lurdes Eufrásio e ao Nuno Nina pelo apoio e disponibilidade que demonstraram.

À Débora Félix e Filipa Fiúza, pelos desenhos dos mercados da Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. Ao *Institut d'Urbanisme de Paris* pelo material enviado.

Aos meus amigos Avelino Vieira, Fernando Luís, Filomena Carvalho, Jaqueline Soeiro, Marcia Xavier, Nuno Matos, Sara Bronze, Vítor Almeida e a todos os outros que, directa ou indirectamente, contribuíram para a realização desta tese.

Por fim, aos meus pais e família pela força e motivação que sempre senti durante o meu percurso académico.

Índice

ÍNDICE

Introdução.....	1
CAPÍTULO 1 – O MOVIMENTO MODERNO EM ARQUITECTURA	
1.1. O Moderno em Portugal.....	13
1.2. O Moderno em Angola.....	29
CAPÍTULO 2 – LUANDA: INTRODUÇÃO A UMA CIDADE ATLÂNTICA	
2.1. Contexto geográfico e considerações climáticas.....	43
2.2. Desenvolvimento até ao século XIX.....	47
2.3. Primeira metade do século XX.....	53
2.4. Projectos de ordenamento do território.....	57
CAPÍTULO 3 – ARQUITECTO VASCO VIEIRA DA COSTA	
3.1. Formação académica (1911-1948).....	69
3.2. CODA: Cidade Satélite Nº3 (1948).....	75
3.3. Actividade em Angola e a criação do curso de arquitectura (1949-1982).....	81
3.4. A herança de um arquitecto tropical (1982-2012).....	93
CAPÍTULO 4 – O MERCADO DO KINAXIXE	
4.1. Localização.....	101
4.2. O projecto.....	105
4.3. Vantagens das técnicas construtivas aplicadas: luz, calor e ventilação.....	113
4.4. Estudo Comparativo com outras tipologias de mercado.....	127
CAPÍTULO 5 – A DEMOLIÇÃO: CONSIDERAÇÕES.....	145
CONCLUSÃO.....	157
REFERÊNCIAS.....	163
FONTE DE IMAGENS.....	173

Introdução

«A atracção do território virgem e sem limite, pronto a ser transformado pelo arquitecto organizador e transformador das sociedades, será protagonizada no caso português pelas colónias africanas»

Ana Tostões, 1997¹

¹ Tostões, Ana – “Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50”, FAUP, 1997, p. 43

Os últimos vinte e cinco anos da ocupação portuguesa do território angolano marcaram o período de maior desenvolvimento construtivo em quase quatro séculos de colonização. Este período representa, igualmente, o aparecimento dos melhores exemplos de arquitectura moderna concebidos pelo traço arquitectónico português – obras de uma qualidade impar que se enquadravam naturalmente com a ambiência envolvente, proporcionando condições de bem-estar no seu interior, sem recorrer a sistemas mecânicos de climatização. Tornaram-se, portanto, os primeiros exemplos do que, hoje em dia, podemos denominar de “arquitectura sustentável”, apesar do termo ter surgido apenas por volta da década de 1980.²

Deste modo, o objectivo desta tese, também apoiada na investigação financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia chamada “Gabinetes Coloniais de Urbanização: Cultura e Prática Arquitectónica”,³ foca-se na concretização de uma monografia sobre um dos edifícios que assinalou a entrada desta linguagem construtiva em Angola – o Mercado do Kinaxixe – e no estabelecimento de um paralelo entre este e outros mercados construídos na época do Estado Novo, tanto na Metrópole, como nas restantes ex-colónias africanas.

Esta obra da autoria do Arquitecto Vasco Vieira da Costa, inaugurada em 1958, foi uma das mais emblemáticas da África colonial portuguesa. Destacou-se, não apenas a nível arquitectónico, mas também pela sua influência na organização da malha urbana de Luanda, servindo ainda como símbolo de desafio à postura mais tradicionalista da arquitectura, adoptada pelo regime português nas décadas anteriores. Todavia, o projecto foi demolido no ano 2008, sucumbindo, assim, às necessidades de um país em crescente desenvolvimento e que tende a negligenciar o valor patrimonial que estes edifícios possuem. Pretende-se por isso, avaliar igualmente o carácter único que este mercado teve para o povo angolano, assim como o impacto provocado pelo seu desaparecimento.

O Mercado do Kinaxixe não foi a primeira obra de importância arquitectónica a sofrer este destino (como foi primeiro, o caso do Palácio de Dona Ana Joaquina e, mais recentemente, o “Prédio da Cuca”)⁴ e muito certamente não será a última. Assim sendo, torna-se imperativo o levantamento de todo este espólio arquitectónico modernista e que o mesmo seja abordado em futuras dissertações.

² Segundo a *Royal Institute of British Architects*, este termo terá surgido oficialmente com a publicação de “*Our Common Future*”, editada em 1987, pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas.
Fonte: <http://www.architecture.com/SustainabilityHub/Designstrategies/Introduction/1-0-5-Inbriefahistoryofsustainablearchitecture.aspx> [consultado a 1 de Maio de 2012]

³ Ref. FCT: PTDC/AURAQ/104964/2008. Investigadora responsável: Ana Vaz Milheiro.

⁴ Ultimamente, fala-se na eventual demolição da Cine-esplanada Miramar.

Durante a procura por material bibliográfico, que pudesse auxiliar no desenvolvimento deste trabalho, foram localizadas diversas publicações, que estudaram a arquitectura realizada nas antigas colónias africanas portuguesas (nomeadamente Angola e Moçambique) entre as décadas de 1940-1970. Neste conjunto algumas das obras que mais se destacaram foram: “Geração Africana: Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975” de José Manuel Fernandes; “Luanda a cidade e a arquitectura” de Isabel Martins; “Urbanismo e Arquitectura em Angola – de Norton de Matos à Revolução” de Maria Manuela da Fonte; “Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975”, escrito por Ana Magalhães e ilustrado com fotografias tiradas por Inês Gonçalves e “Modernismo Luanda” de Ângela Mingas. Por outro lado, foram também identificados documentos que se focavam na obra de Vasco Vieira da Costa como foi o caso da prova final de Margarida Quintã intitulada “Geografia de um Lugar: Luanda e a Arquitectura de Vasco Vieira da Costa” ou os textos biográficos escritos pelos arquitectos Manuel Correia Fernandes e José Quintão. Para além destes elementos, o Mercado do Kinaxixe veio também a ser integrado em selecções para diversas exposições, como a de Frankfurt por Ana Tostões, a “Europa” da 1ª Trienal de Lisboa comissariada por Jorge Figueira e Nuno Grande e no inventário Docomomo Ibérico de obras de Arquitectura Moderna entre os anos 1925 e 1965. Porém, na maioria destes textos, apesar de reconhecida a importância do mercado, este acabava por ser mencionado de um modo superficial.

Dada a impossibilidade do autor desta dissertação de mestrado poder visitar Angola, as entrevistas realizadas aos Arquitectos Francisco Castro Rodrigues, Fernão Simões de Carvalho, Ângela Mingas, Manuel Correia Fernandes, José Quintão, Maria João Teles Grilo e Sérgio Fernandez acabaram por se tornar uma das componentes mais relevantes da pesquisa efectuada, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da tese. Os testemunhos providenciados por quem conheceu Angola, antes e depois da independência, ajudaram a compreender, de um modo mais concreto, a situação socio-cultural que se vivia na altura e o papel do Mercado do Kinaxixe na Arquitectura Moderna deste território. Além disso, o contacto próximo que algumas destas pessoas tiveram com Vieira da Costa, proporcionaram uma nova perspectiva sobre a vida de uma das principais figuras do panorama arquitectónico africano.

Neste ponto, realçam-se os depoimentos prestados pelos seus dois filhos, Mário e Lucien Vieira da Costa.

Como não foi possível adquirir os desenhos originais do Mercado do Kinaxixe durante a elaboração desta tese, procedeu-se a uma reconstituição dos rigorosos do mesmo projecto, com base em elementos cedidos pela Arquitecta Maria João Teles Grilo, nomeadamente um levantamento a tinta-da-china do edifício e também, no conjunto de fotos que foi possível recolher ao longo deste processo. Especial ênfase às fotos tiradas pela Arquitecta Maria Margarida Quintã durante a sua visita a Luanda e que foram essenciais para a compreensão do funcionamento da obra. Outras fotografias usadas para esse efeito foram também recolhidas de livros, *blogues* e *websites* associados aos portugueses regressados de Angola, após a independência. É de assinalar o facto dos desenhos em questão serem uma interpretação pessoal do autor da tese em apreço, havendo a possibilidade de determinados pormenores não corresponderem à realidade do edifício.

Esta tese encontra-se estruturada em quatro capítulos.

O primeiro oferece uma contextualização histórica sobre aparecimento do Movimento Moderno no panorama português e a sua posterior transição para os territórios ultramarinos, onde prosperou. Neste capítulo encontram-se também enunciados os principais representantes desta corrente arquitectónica e as suas obras mais significativas.

No segundo, pretende-se efectuar uma breve introdução de Luanda, do ponto de vista climatérico e geográfico para que se possa compreender melhor as condições a que os edifícios na capital angolana estavam sujeitos. Neste contexto, foi também elaborado um estudo sobre a evolução do planeamento urbano da cidade, desde a sua fundação até à data da independência das colónias portuguesas.

O terceiro capítulo corresponde a um relato sobre o percurso de vida do autor da obra em estudo, Vasco Vieira da Costa. Começando pela formação académica, passando pelo estágio realizado no atelier de Le Corbusier e culminando com a sua actividade em Angola. Esta abordagem permitirá compreender os aspectos que levaram à origem da criação do mercado. Será ainda abordado o papel que teve na fundação do primeiro curso de arquitectura de Angola e a organização do mesmo.

O quarto capítulo foca-se no Mercado do Kinaxixe e descreve a história desta obra e a sua inserção no largo com o mesmo nome. De seguida, explicita, em pormenor, o funcionamento interior do projecto e as vantagens subjacentes às técnicas utilizadas por Vieira da Costa para responder às questões da ventilação e sombreamento num clima tropical. Por fim, será ainda realizado um estudo

comparativo entre o Mercado do Kinaxixe e outras tipologias de mercados criados na mesma altura, não só em Angola, mas também em Portugal, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde.⁵

Por último, serão expostas algumas considerações, onde se pondera sobre os motivos que conduziram à demolição da obra em estudo e o significado que a mesma teve tanto, para o povo angolano, como para o património arquitectónico de Angola.

Em anexo, encontram-se as transcrições de algumas das entrevistas efectuadas, uma iconografia com fotografias do Mercado do Kinaxixe ao longo do seu período de existência e outros elementos de interesse para a concretização deste trabalho.

⁵ É de referir que, dentro do período em estudo, não foi possível identificar mercados feitos em Moçambique. No entanto, estão presentes exemplos provenientes das restantes ex-colónias africanas portuguesas.

Capítulo 1

Movimento Moderno em Arquitectura

«É que nós, a gente nova, acreditávamos que havia um mundo novo em gestão, mais belo e equitativo e que tínhamos um papel a desempenhar nele: uma Função Social. Trabalhávamos com muita convicção acerca disso e um entusiasmo transparente. Julgávamos que íamos ajudar muita gente a viver melhor.»

Francisco Keil do Amaral, 1972⁶

⁶ Amaral, Francisco Keil do – Entrevista, revista “Arquitectura”, nº125, 1972 in Tostões, Ana – “Arte Portuguesa: da Pré-história ao século XX – Arquitectura Moderna e obra global a partir de 1900”, Fubu Editores, 2009, p.48

1.1. O MODERNO EM PORTUGAL

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, a produção industrial desenvolveu-se pela Europa e, em pouco tempo, as principais capitais europeias depararam-se com dificuldades provocadas pelo crescimento demográfico e pela mecanização dos transportes que ocorreram nas décadas de 1920 e 1930. Estes factores provocaram uma ruptura das estruturas urbanas existentes e obrigaram a uma reformulação das teorias de planeamento da cidade, não só a nível funcional, social, higiénico e político, como também no âmbito do desenvolvimento da habitação colectiva. Estas e outras questões seriam abordadas no quarto Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM) em 1933, cujo tema se intitulava “A Cidade Funcional”.

O resultado dos estudos analisados e discutidos no decorrer do congresso foi publicado pelo arquitecto suíço Le Corbusier, juntamente com o seu projecto da *Ville Radieuse* (1935) na Carta de Atenas em 1943. O discurso racional de Corbusier, apoiado na Carta de Atenas e na definição dos Cinco Pontos da Arquitectura Moderna,⁷ ganhou popularidade no período de reconstrução que sucedeu à Primeira Guerra Mundial, de tal forma que o mesmo passou a denominar-se Estilo Internacional, graças à projecção mundial alcançada.

A arquitectura brasileira, por exemplo, foi uma das primeiras a aplicar os princípios corbusianos, estabelecendo, no entanto, uma imagem de diversidade, a qual contrastava com a mensagem de homogeneidade proposta pelo Movimento Moderno. O que a tornou única foi o modo como ela conseguiu adaptar, com sucesso, a linguagem arquitectónica moderna, de origem europeia, ao clima e território tropicais do Brasil, sem nunca esquecer a sua própria identidade, definida pela arquitectura do barroco colonial. Isto reflecte-se num aparente abandono da máxima do Arquitecto Louis Sullivan – a forma segue a função⁸ – pela adopção de uma ideologia que dava mais valor à forma do edifício.

Por outro lado, em países governados por regimes ditatoriais, como era o caso de Portugal, houve alguma resistência oficial ao espírito modernista, recorrendo-se a diversos meios para travar a sua influência, designadamente a nível legislativo, onde as entidades municipais assumiam posturas que favoreciam o seguimento de determinadas linhas de pensamento arquitectónico. Neste contexto,

⁷ Planta livre, a fachada livre, os pilotis, o terraço-jardim e a janela longitudinal.

⁸ Esta expressão de Luis Sullivan foi pronunciada no seu texto de 1896 “*The Tall Office Building Artistically Considered*” e aplicava-se directamente à composição dos arranha-céus segundo uma perspectiva culturalista. Mais tarde foi apropriado pelo Movimento Moderno e é dentro do sentido que aí adquiriu, que se usa nesta tese.



1. PORTUGAL DOS PEQUENITOS, COIMBRA, CASSIANO BRANCO (1940)



2. POSTO DOS CORREIOS, CRATO, ADELINO NUNES (ANOS 1930/1940)



3. INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS NO ANO 1940



4. VISTA GERAL DO ESPAÇO ONDE DECORREU A EXPOSIÇÃO

estes países realçavam as suas respectivas arquitecturas de estilo nacionalista, com o intuito de exaltar o poder do estado. Em Portugal, existiu, por exemplo, a corrente do “Estilo Português Suave”, representada por arquitectos como Cassiano Branco (1897-1970), Veloso Reis Camelo (1899-1985), Lucínio Guia da Cruz (1914-1999), entre outros.

A década de 1940 foi importante no âmbito da reflexão da arquitectura moderna em Portugal. O desfecho da Segunda Guerra Mundial e a consequente democratização dos países europeus teve um grande impacto na estabilidade política e social do Estado Novo. Perante um clima de grande agitação cultural associada a um crescente descontentamento com o regime Salazarista⁹, o governo recorreu a uma máquina de propaganda, que já tinha dado provas da sua eficácia durante a Exposição do Mundo Português (1940), de maneira a consolidar as suas directrizes políticas de âmbito cultural. Para esse efeito, o Estado Novo promoveu a realização do I Congresso Nacional de Arquitectura em 1948, para se discutir a situação da arquitectura que era praticada em Portugal e nas suas colónias. Contudo, com a entrada na década de 1950, assistiu-se a uma mudança no comportamento do regime, no sentido de obter aprovação internacional. Este facto foi evidente, quando se permitiu a realização do congresso da III União Internacional dos Arquitectos (UIA), onde obras portuguesas estiveram expostas lado a lado com obras estrangeiras.¹⁰ Esta atitude comprovou que a postura adoptada pelo Estado Novo, nessa fase, relativamente à inserção gradual da arquitectura moderna dentro do meio cultural português, era de uma perceptível indiferença.

Durante este período de contestação ao regime, surgiram duas organizações de arquitectos que viriam a ganhar muito protagonismo no decorrer do I Congresso Nacional de Arquitectura.

Das duas, a primeira a ser criada, no ano de 1946, foi a Iniciativas Culturais Arte e Técnica Lda (ICAT) em Lisboa, com o objectivo de renovar as concepções referentes aos diversos ramos artísticos (dado que dela faziam parte não só arquitectos, mas também artistas plásticos, etc.), apesar das suas pretensões serem de uma natureza mais ideológica e política. Era constituída por vinte e um membros (número necessário na época para criar uma empresa técnica), entre os quais se encontravam Keil do Amaral, Francisco Castro Rodrigues, João Simões e muitos outros. Do ponto de vista da arquitectura, este

⁹ Em 1945, Salazar convoca eleições legislativas antecipadas aparentando uma maior abertura por parte do regime. A oposição organiza-se em torno do Movimento da Unidade Democrática (MUD) criado nesse ano e que veio a substituir o Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista (MUNAF). Apesar de reunir grande apoio popular, este grupo desiste da corrida por considerar que o acto eleitoral não passaria de uma farsa. Após a dissolução em 1948, por suspeitas de ligação ao Partido Comunista, o movimento viria a apoiar a candidatura do General Norton de Matos à presidência da República em 1949, que também viria a desistir.

¹⁰ Cf. Milheiro, Ana Vaz – “Experiências em Concreto Armado na África Portuguesa: Influências do Brasil”, *in* Revista “Pós – Revista do Programa de Pós-Graduação e Urbanismo da FAUUSP”, nº25, Junho 2009, p. 65



5.

KEIL DO AMARAL

grupo funcionava como um pólo de oposição ao governo e de promulgação das teorias funcionalistas europeias e brasileiras através das Exposições Gerais de Artes Plásticas (EGAP), realizadas anualmente na Sociedade Nacional de Belas-Artes (SNBA) entre 1946 e 1956¹¹ e da revista *Arquitectura*, a qual foi comprada a um desenhador de obras públicas chamado Francisco Pereira da Costa em 1947.¹² Esta revista passou a desempenhar um papel importante na marcação de encontros clandestinos entre este grupo de “arquitectos do contra”,¹³ que, no ano seguinte, conquistaram o Sindicato Nacional dos Arquitectos e, por isso, precisavam de um espaço para se organizarem.¹⁴ Reuniam-se num pequeno “cubículo”¹⁵ de um escritório de engenheiros (onde exerciam os Arquitectos Francisco Castro Rodrigues, Huertas Lobo e João Simões) situado no rés-do-chão do prédio nº17 na Rua Alexandre Braga, sob pretexto de trabalhar na publicação, em teoria mensal, mas que na prática sofria alguns atrasos que se prolongavam por dois ou três meses. A saída das diversas publicações dependia assim da disponibilidade de cada membro para participar activamente na edição da revista, sendo que, por vezes, era Keil do Amaral quem tinha a maior parte da responsabilidade.¹⁶ Através da consulta das edições preparadas pelas ICAT é possível identificar os arquitectos que montaram cada edição.

Relativamente à segunda, a Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) surgida em 1947, apesar de um modo geral partilhar das mesmas opiniões das ICAT, teve um desempenho mais proeminente. A O DAM era constituída somente por arquitectos da Escola de Belas Artes do Porto (ESBAP) – juntava a geração que sucedeu aos primeiros modernistas com a dos alunos recém-formados, respectivamente nascidos nas décadas de 1910 e 1920¹⁷ – e contestava, sobretudo, o conteúdo disciplinar do ensino arquitectónico e as estipulações ligadas ao exercício profissional.¹⁸ Um dos seus membros mais célebres, o Arq. Fernando Távora (1923-2005) havia publicado no semanário ALÉO a 10 de Novembro de 1945 um ensaio denominado “O Problema da Casa Portuguesa”, o qual seria

¹¹ Esta década corresponde ao período de existência tanto das ICAT como das EGAP. É de salientar que as EGAP de 1952 não se concretizaram devido ao encerramento SNBA pela PIDE. *in* Rodrigues, Francisco Castro; Dionísio, Eduarda – “Um Cesto de Cerejas”, Casa da Achada – Centro Mário Dionísio, 2009, p. 149 e 208

¹² Cf. Milheiro, Ana Vaz – “Experiências em Concreto Armado na África Portuguesa: Influências do Brasil”, *in* Revista “Pós – Revista do Programa de Pós-Graduação e Urbanismo da FAUUSP”, nº25, Junho 2009, p. 65

¹³ Rodrigues, Francisco Castro – Entrevista realizada a 26 de Setembro de 2011

¹⁴ Keil do Amaral é eleito Presidente do Sindicato a 9 de Março de 1948, mas nunca chega a ser promulgado. *in* Rodrigues, Francisco Castro; Dionísio, Eduarda – “Um Cesto de Cerejas”, Casa da Achada – Centro Mário Dionísio, 2009, p. 210

¹⁵ Rodrigues, Francisco Castro – Entrevista realizada a 26 de Setembro de 2011

¹⁶ Cf. *Ibidem*

¹⁷ Cf. Tostões, Ana – “Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50”, FAUP, 1997, p.30

¹⁸ Cf. Rosa, Edite – “ODAM: Valores Modernos e a Confrontação com a Realidade Produtiva”, Tese de Doutoramento, Escuela Tecnica Superior de Arquitectura de Barcelona, 2005, p. 42 e 43. Fonte: <http://tdx.cat/handle/10803/6819> [consultado a 15 de Janeiro de 2012]



6.

ALGUNS ELEMENTOS DO GRUPO ODAM NA INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE 1951

também usado dois anos mais tarde nos Cadernos de Arquitectura, dirigidos na altura pelo Arquitecto Nuno Teotónio Pereira:

«Não é justo nem razoável que nos fechemos numa ignorância procurada às obras dos grandes mestres de hoje (...). É paradoxal (...) que esteja a proteger-se um conceito de Arquitectura que é falso, que não corresponde à verdade portuguesa...»¹⁹

O discurso ideológico deste texto, centrado na questão do “Movimento da Casa Portuguesa” iniciado por Raul Lino (1879-1974) em 1929, procurava criticar a doutrina instituída pelo Estado Novo assente em preconceitos e estabelecer uma posição de total abertura face à arquitectura moderna – a única adequada à realidade portuguesa – que seria adoptada desde o início pela ODAM. Após a sua primeira intervenção, no I Congresso Nacional de Arquitectura, esta organização viria novamente a ganhar notoriedade com a montagem da Exposição dos Arquitectos do Porto destinada ao presidente da Câmara, tendo sido noticiada pela revista *Arquitectura de Lisboa*.²⁰ No entanto, o momento auge de divulgação da mensagem crítica defendida pela ODAM veio a concretizar-se na Exposição de Arquitectura no Ateneu Comercial do Porto (1951), onde foram exibidos aproximadamente trinta trabalhos provenientes de vinte e quatro autores, tendo sido acompanhada por conferências organizadas por Carlos Ramos, Matos Veloso e Fernandes Amorim.²¹ De entre os 40 arquitectos que pertenceram à ODAM, para além dos mencionados, destacam-se também Arménio Taveira Losa (1908-1988), Arnaldo Araújo (1925-1982), Viana de Lima (1913-1991) e Luís Oliveira Martins (1918-1997).

O I Congresso Nacional de Arquitectura, para além de ter sido o evento que marcou o ponto de viragem do pensamento arquitectónico português na década de 1940, veio também assinalar a entrada da segunda geração moderna, de arquitectos com vontade de assumir uma consciência crítica social, ética e política pela arquitectura portuguesa. Tendo começado a exercer a sua actividade profissional em meados dos anos 1940, estes jovens arquitectos, defensores da teoria internacionalista, procuraram contestar a geração anterior, a qual era acusada de se submeter aos gostos tradicionalistas determinados pelo regime político de então.

¹⁹ Távora, Fernando *in* Fernandez, Sérgio – “Percurso: Arquitectura Portuguesa 1930/1974”, FAUP, 1988, p.55

²⁰ *Arquitectura*, 2ª série, nº 32, Agosto/Setembro 1949 *in* Tostões, Ana – “Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50”, FAUP, 1997, p. 30

²¹ Cf. Tostões, Ana – “Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50”, FAUP, 1997, p.30



7. CAPITÓLIO-MUSIC-HALL, TEATRO E CINEMA, LISBOA, CRISTINO DA SILVA (1925-1929)



8. LICEU FIALHO DE ALMEIDA, BEJA, CRISTINO DA SILVA (1931-1934)



9. PAVILHÃO DO RÁDIO, INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA, LISBOA, CARLOS MARTINS (1927-1933)



10. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, LISBOA, PARDAL MONTEIRO (1931-1935)

De facto, a arquitectura moderna introduzida em Portugal através do I Salão de Independentes, realizado em Março de 1930, era produto da tendência decorativa das Beaux-Arts associada a um ambiente revivalista e acabou por ser fortemente dominada pela Art Déco, predominante na obra de Robert Mallet-Stevens (1886-1945).²² Por outras palavras, tratava-se de uma arquitectura cuja filiação pelo Estilo Internacional de Le Corbusier se limitava ao uso das inovadoras técnicas e materiais construtivos, como foi o caso do betão armado aliado a uma maior geometria das formas dos edifícios. Este estilo foi utilizado maioritariamente em prédios de rendimento, habitação social e equipamentos. A esta primeira geração moderna, ou “geração de 1927”,²³ como a denominou o Arquitecto Pedro Vieira de Almeida, pertenceram Carlos Ramos (1892-1969), Cristino da Silva (1896-1976), Porfírio Pardal Monteiro (1897- 1957), Cottinelli Telmo (1897-1948) e Adelino Nunes (1903-1948), entre outros.

Era, portanto, a intenção dos arquitectos da nova geração proporem novos desafios e defenderem arquétipos modernos inovadores, tanto ao nível da arquitectura, como do urbanismo, de maneira a solucionar alguns aspectos ligados ao problema da habitação, não só em Portugal como também nos territórios ultramarinos portugueses. A tese apresentada por João Simões no Congresso, “A profissão do arquitecto nas colónias”, tinha como objectivo dar a conhecer a ausência de uma arquitectura funcionalista nas colónias e de condições que incentivassem os arquitectos a permanecerem nesses territórios. Segundo a sua opinião, as intervenções arquitectónicas portuguesas nas regiões tropicais não passavam de “simples transplantações de tradicionalismos metropolitanos”,²⁴ revelando-se desta maneira ineficazes e devendo, assim, seguir o exemplo das intervenções francesas, no Norte de África; das belgas, no Congo e das holandesas na Ásia. Surpreendentemente, João Simões não mencionou a arquitectura sul-africana – influenciada pela linguagem corbusiana desde os anos 1930²⁵– nem a brasileira, que entretanto seria mencionada noutras intervenções suas no congresso.²⁶ Apesar de as características desta arquitectura tropicalista não serem discutidas na dissertação, foram referidas as

²² Cf. Baptista, Marta – “Arquitectura como Instrumento na Construção de uma Imagem do Estado Novo”, Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, FCTUC, 2008, p. 20-21

²³ Almeida, Pedro Vieira de – “Arquitectura Moderna em Portugal”, in “História de Arte em Portugal”, vol. 14, Edições Alfa, 1986, p. 112

²⁴ Simões, João – SNA, 1948, p.147. in Milheiro, Ana Vaz – “Experiências em Concreto Armado na África Portuguesa: Influências do Brasil”, in Revista “Pós – Revista do Programa de Pós-Graduação e Urbanismo da FAUUSP”, nº25, Junho 2009, p. 63

²⁵ O Movimento Moderno na África do Sul foi representado sobretudo pelo *Transvaal Group*, cujos membros foram os primeiros alunos a formarem-se na “*Architecture School at Witwatersrand University*” fundada em 1923 na cidade de Johannesburg. Em 1933 três Arquitectos desta Escola –Rex Martienssen (1905-1942), Gordon McIntosh (1904-1983) e Norman Hanson (1909-1991)– publicaram o manifesto “Zero Hour” onde se declararam a favor do Movimento Moderno. Uma cópia deste documento foi entregue a Le Corbusier que respondeu entusiasticamente a esta nova sociedade, chegando a apelidá-la “*Le Groupe de Transvaal*”.

²⁶ Foi o caso de “Do ensino ao exercício da profissão” juntamente com Francisco Castro Rodrigues e “O alojamento colectivo” em conjunto com Francisco Castro Rodrigues e Huertas Lobo in Milheiro, Ana Vaz – “Opúsculo 15: As Coisas não são o que parecem que são”, Dafne Editora, Porto, 2008, p. 5



11. BAIRRO DAS ESTACAS, LISBOA, RUY D'ATHOUGUIA E SEBASTIÃO SANCHEZ (1949-1955)



12. EDIFÍCIO "SOARES E IRMÃO", PORTO, ARMÉNIO LOSA E CASSIANO BARBOSA (1950-1955)

condições climáticas e geográficas que afectam estas zonas de intervenção. Por fim, propôs a criação de gabinetes de urbanização nas colónias, cuja gestão ficasse a cargo dos arquitectos, de maneira a que o estatuto de “arquitecto nas colónias” fosse reconhecido pela Metrópole como um quadro específico.

Passados alguns anos, realizou-se no Palácio da Foz em Lisboa, entre os dias 20 e 27 de Setembro de 1953, o III Congresso da União Internacional dos Arquitectos (UIA) em Lisboa, cujo tema se apelidava “A Arquitectura no Cruzamento dos Caminhos”.²⁷ Este congresso, apesar de não ser tão divulgado como o de 1948, teve igualmente importância na transmissão de uma imagem de maior receptividade por parte do governo português às novas linguagens arquitectónicas. Neste evento participaram delegados dos E.U.A., Brasil, Reino Unido, Alemanha, França, países nórdicos e, inclusive, da União Soviética.²⁸ Relativamente à representação da U.R.S.S., o Arquitecto Francisco Castro Rodrigues relatou um episódio ocorrido durante o congresso, no qual, juntamente com outros arquitectos portugueses que constituíam a equipa de montagem da exposição, conseguiram impedir que a comitiva soviética exibisse os painéis da sua apresentação, onde estavam presentes exemplos de arquitectura classicista (semelhante à do Estado Novo), considerada retrógrada em comparação com as “exposições maravilhosas dos franceses, dos dinamarqueses, etc.”²⁹

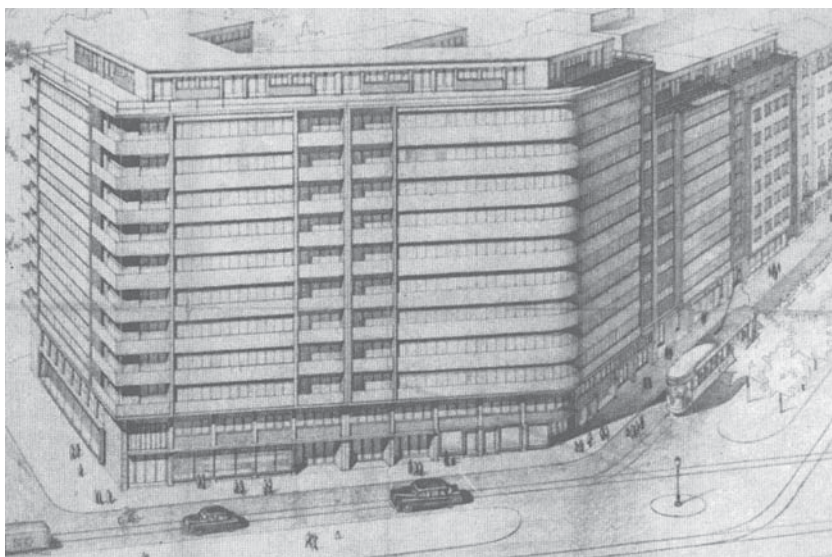
Como já foi referido anteriormente, o ambiente de mudança relativamente ao modo como a arquitectura portuguesa devia ser interpretada e que deu origem a estes dois congressos marcou o início de um processo de libertação gradual dos regionalismos e da arquitectura designada “nacional”. Em contrapartida, estabeleceu-se uma clara aproximação com os principais centros de produção arquitectónica internacional presentes nos CIAM. O efeito destes contactos foi sobretudo evidente em Lisboa, onde se começaram a realizar as primeiras intervenções urbanísticas dirigidas segundo os princípios da Carta de Atenas, como foi o caso do Bairro das Estacas, a Avenida do Brasil e a Avenida Estados Unidos da América na freguesia de Alvalade (1948-1958). No Porto ocorreram também algumas experiências, nomeadamente, a construção de blocos na Rua de Ceuta,³⁰ como, por exemplo, o edifício de escritórios e habitação “Soares e Irmão” projectado e construído por Arménio Losa e Cassiano Barbosa (1911-1998) entre 1950 e 1955.

²⁷ Milheiro, Ana Vaz; Ferreira, Jorge Manuel – “A Joyous Architecture: As exposições de Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal e a sua influência nos territórios português e africano”, p.6. Fonte: <http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/018.pdf> [consultado a 15 de Janeiro de 2012]

²⁸ Conversa com Prof. Ana Vaz Milheiro, 14 de Setembro de 2011

²⁹ Rodrigues, Francisco Castro; Dionísio, Eduarda – “Um Cesto de Cerejas”, Casa da Achada – Centro Mário Dionísio, 2009, p. 225

³⁰ Cf. Figueira, Jorge – “Digitalizar a dúvida. 5 pontos sobre a arquitectura portuguesa contemporânea”, in “A Noite em Arquitectura”, Relógio D’Água Editores, 2007, p. 24



13.

PROJECTO DE MANOLO POTIER E LIMA FRANCO PARA O QUARTEIRÃO NA AV. AGUSTO AGUIAR, LISBOA (1953)

Foi também possível constatar esta mudança de atitude no decorrer de um concurso no ano de 1953, para a construção de um lote na Avenida José Augusto de Aguiar, em Lisboa. Esta avenida era constituída por edifícios em “Português Suave” projectados por arquitectos da primeira geração, como Lucínio Cruz e Veloso Reis Camelo. No entanto, quem acabou por vencer o concurso foi a equipa formada por Manolo Potier e Lima Franco, cuja proposta era claramente modernista e que, um ano mais tarde, levou a uma renovação do quarteirão inteiro onde esta se encontrava, de maneira a que os edifícios assumissem esta nova tipologia.³¹

Durante esta fase de adesão aos princípios corbusianos, os arquitectos portugueses foram buscar inspiração ao outro lado do Atlântico, onde a arquitectura brasileira gozava de uma enorme divulgação, não só na imprensa internacional, como também em diversas exposições pelo mundo fora, tendo o catálogo da *“Brazil Builds – Architecture New and Old 1652-1942”* sido um dos documentos mais influentes em Portugal. Esta corrente começou a ter uma maior presença, a nível nacional, com a exposição realizada no Instituto Superior Técnico em 1949³² e com as conferências que contaram com a participação do arquitecto brasileiro Wladimir Alves de Souza (1908-1994), que se tornou um dos seus maiores promotores. É importante referir que o III Congresso da UIA foi acompanhado por uma Exposição de Arquitectura Contemporânea Brasileira que esteve instalada na SNBA e a qual marcou “o ponto mais alto do entusiasmo português pela cultura moderna do Brasil”,³³ desde a sua introdução na Exposição do Mundo Português. Nela estiveram expostos 240 painéis compostos por fotos e desenhos de obras de trinta e cinco autores, onde se destacaram Burle Marx, Lúcio Costa e Óscar Niemeyer.

Apesar do entusiasmo causado pela arquitectura corbusiana, esta não conseguiu vingar em Portugal. A razão para este desfecho prendeu-se no facto de Portugal ser um país com uma considerável carga histórica, ao nível da tradição construtiva, quando comparado com o Brasil; uma nação mais jovem e que beneficiava de uma maior área disponível para construção. Esse factor, associado a uma mentalidade conservadora que dominava o pensamento da época, tornou difícil implementar as teorias experimentalistas de Le Corbusier num meio caracterizado por uma grande quantidade de edificações pré-existentes. Isto provocou uma interpretação errada por parte dos arquitectos da Metrópole, os quais

³¹ Cf. Milheiro, Ana Vaz – “Manolo Potier: o Arquitecto Violinista” in *Jornal Arquitectos* nº 241, 2010, p. 104

³² Esta exposição noticiada pela revista *Arquitectura* nº28 (1949) esteve aberta durante três dias. in Milheiro, Ana Vaz – “Opúsculo 15: As Coisas não são o que parecem que são”, Dafne Editora, Porto, 2008, p. 5

³³ Milheiro, Ana Vaz; Ferreira, Jorge Manuel – “A Joyous Architecture: As exposições de Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal e a sua influência nos territórios português e africano”, p.8. Fonte: <http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/018.pdf> [consultado a 15 de Janeiro de 2012]

tomavam a arquitectura tropical e a arquitectura moderna como uma e a mesma coisa, quando, na realidade, a primeira era uma vertente da segunda.

Pode-se concluir, segundo as palavras do Prof. Jorge Figueira, que, em Portugal, “a arquitectura moderna não é expressão de uma identidade nacional, como acontece no Brasil, nem possui a hiperconsciência de ser veículo privilegiado para a aclimação de um mundo moderno, como é notório na sua génese centro-europeia”.³⁴ Em última análise, é possível determinar com base na actividade relatada até esta altura, que a “aventura moderna” em Portugal decorreu entre 1948 e 1953, tendo sido posteriormente substituída por uma arquitectura de vertente mais organicista.

Todavia, o conhecimento adquirido da interpretação brasileira da linguagem moderna revelou-se essencial, quando houve a necessidade de edificar e expandir a malha urbana nas colónias portuguesas em África, sobretudo em Angola e Moçambique. Estas regiões possuíam muitos elementos comuns com o Brasil, quer ao nível da dimensão do território, quer ao nível das condições geográficas e climáticas. O facto de estas áreas apresentarem uma grande potencialidade construtiva, aliada ao afastamento da Metrópole e dos ditames do Estado Novo, proporcionava aos jovens arquitectos recém-formados a oportunidade ideal de explorarem livremente os seus gostos artísticos, passando a serem apelidados de “geração africana”.³⁵

³⁴ Figueira, Jorge – “Digitalizar a dúvida. 5 pontos sobre a arquitectura portuguesa contemporânea”, in “A Noite em Arquitectura”, Relógio D’Água Editores, 2007, p. 24

³⁵ Fernandes, José Manuel – “Geração Africana: Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975”, Livros Horizonte, 2001

1.2. O MODERNO EM ANGOLA

A maioria dos arquitectos que foram para a África Portuguesa começaram por trabalhar na função pública, tendo mais tarde optado pela actividade privada, ou, até mesmo, exercer em simultâneo para os dois ramos. Naturalmente, houve casos que não seguiram este rumo como foi o de Manolo Potier.³⁶ Dentro deste conjunto de jovens arquitectos coloniais surgiram dois importantes grupos com comportamentos diferentes entre si.

Um, os arquitectos de Angola, nomeadamente o grupo de Luanda, possuíam uma ligação de maior dependência com as grandes metrópoles portuguesas (ou seja, Lisboa e Porto) e conviviam frequentemente nos meios populares. O outro, os arquitectos de Moçambique, sobretudo os que exerciam em Lourenço Marques e Beira, gozavam de uma maior autonomia, estabelecendo, assim, um contacto socioeconómico mais próximo com a África do Sul (país vizinho). A abertura à cultura anglófona promoveu a inserção destes arquitectos num meio mais elitista da sociedade.³⁷

«Castro Rodrigues (...) fez uma única viagem a Moçambique, de que gostou mas onde estranhou um ambiente e um comportamento social da comunidade de arquitectos, obviamente muito distinto da vivência, quiçá mais “caseira e vernácula”, a que se habituara no seu pequeno Lobito angolano.»³⁸

Apesar das aparentes diferenças que separavam estes dois grupos, partilhavam, no entanto, um objectivo comum: inovar o papel do arquitecto colonial e expandir os limites da sua arquitectura através da aplicação de novos materiais e sistemas construtivos nas regiões tropicais.

É de salientar que com a chegada aos territórios coloniais, a nova geração de arquitectos portugueses e luso-africanos deparou-se com um cenário semelhante ao que sucedera em Portugal, envolvendo a presença de uma corrente conservadora, a qual apesar de estar numa fase de “relativa

³⁶ Manolo Potier parte para Angola em 1958, onde se torna professor do Liceu Nacional Salvador Correia (actual Escola Secundária Mutu Ya Kevela) em Luanda. Em 1964 deixa o cargo e abre um escritório na Rua António de Oliveira onde trabalha por conta própria até 1975, data em que regressa a Lisboa. *in* Cf. Milheiro, Ana Vaz – “Manolo Potier: o Arquitecto Violinista” *in* Jornal Arquitectos nº 241, 2010, p. 107

³⁷ Cf. Fernandes, Manuel Correia – Entrevista realizada no dia 2 de Dezembro de 2011

³⁸ Fernandes, José Manuel – “Geração Africana: Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975”, Livros Horizonte, 2001, p.20



14. LICEU SALVADOR CORREIA, LUANDA, JOSÉ COSTA DA SILVA (1942)



15. BANCO DE ANGOLA, LUANDA, VASCO REGALEIRA (1952)



16. PALÁCIO DE DONA ANA JOAQUINA, CONSTRUÍDO EM LUANDA NO SÉC. XVIII



17. CONTRASTE DE TIPOLOGIAS ARQUITECTÓNICAS NA BAIXA DE LUANDA NOS ANOS 1960

estagnação (...) foi persistindo, moribunda³⁹ até à década de 1960. Como seria de prever, os representantes desta tipologia arquitectónica opuseram-se desde logo às reformas inspiradas pelo Movimento Moderno. Destacando o caso angolano, a arquitectura de vertente mais tradicionalista esteve geralmente associada aos equipamentos colectivos que compunham as obras públicas de carácter monumental (típicas do Estado Novo) como, por exemplo, o Liceu Salvador Correia (actual Escola Secundária Mutu Ya Kevela), de José Costa da Silva inaugurado em 1942, a Praça do Porto de Luanda, de Paulo Cunha de 1945⁴⁰ e o Banco de Angola (actual Banco Nacional de Angola), de Vasco Regaleira do ano 1952.

A partir da década de 1950, embora houvesse uma convivência entre os dois estilos, a arquitectura moderna veio a adquirir uma maior expressividade quando comparada com a desactualizada vertente tradicionalista. A maioria dos representantes da arquitectura do Estado Novo projectava as suas obras longe da zona de intervenção, trabalhando ao serviço do Gabinete de Urbanização Colonial (GUC) sediado na Metrópole.⁴¹ Contudo, apesar dos técnicos do Gabinete se terem também envolvido mais tarde na construção moderna, nomeadamente a partir de 1957,⁴² esta foi sobretudo realizada por arquitectos que viveram no local onde exerceram a profissão. Estes factores contribuíram para que o Movimento Moderno proliferasse ao longo da paisagem urbana colonial, dando origem a uma nova linguagem estética que surge como uma evolução do Estilo Internacional fortemente inspirada pela arquitectura tropical brasileira.

Este estilo inovador era caracterizado pela concepção de edifícios cuja composição volumétrica proporcionava espaços livres mais dinâmicos, procurando ao mesmo tempo dar uma nova resposta à questão da funcionalidade habitacional. Para além disso, considerava fundamental resolver os dilemas referentes à ventilação natural, sombreamento e pluviosidade através de soluções inteligentes procedentes do estudo das condições geográficas e climáticas do espaço de intervenção. Exemplos disso foram a introdução das coberturas em “asa de borboleta”⁴³ na habitação singular, galerias exteriores

³⁹ Idem, p.21-22

⁴⁰ Cf. Idem, p.78

⁴¹ O Gabinete de Urbanização Colonial foi criado em 1944 por Marcelo Caetano, na altura ministro das Colónias. Devido às alterações constitucionais de 1951, passou-se a designar como Gabinete de Urbanização do Ultramar. Por ser um órgão governativo desempenhava um papel centralizador a partir Lisboa, o que causava muitos problemas ao nível burocrático sempre que se tentava realizar um projecto em territórios coloniais. Devido à crescente necessidade de haver uma proximidade entre o arquitecto e o local de intervenção, foram criadas em 1950 duas delegações do GUC: uma em Angola e a outra em Moçambique. O responsável pela sucursal de Luanda foi o arquitecto Fernando Batalha. O Gabinete acabou por ser dissolvido em 1957 e foi substituído pela Direcção de Serviços de Urbanismo e Habitação da Direcção Geral de Obras Públicas que esteve em funcionamento até 1974.

⁴² Milheiro, Ana Vaz; Saldanha, José Luis – “Luis Possolo: Um Arquitecto do Gabinete de Urbanização do Ultramar”, CIAAM, 2012, p. 7

⁴³ A cobertura invertida ou em “asa de borboleta” teve a sua origem no projecto da Casa Errázuriz em Zapallar (Chile), desenvolvido



18. HOSPITAL DE SÁ DA BANDEIRA/LUBANGO, JOSÉ PINTO DA CUNHA (1968-1970)



19. HOTEL PRESIDENTE, LUANDA, ANTÓNIO CAMPINO (ANOS 1960)



20. PALÁCIO DAS REPARTIÇÕES, VILA CABRAL/LICHINGA, JOÃO JOSÉ TINOCO (1961-1968)



21. "O LEÃO QUE RI", LOURENÇO MARQUES/MAPUTO, PANCHO GUEDES (1956-1958)



22. CINEMA MIRAMAR, LUANDA, JOÃO GARCIA DE CASTILHO (1964)

públicas ou privadas cobertas na habitação colectiva e o uso de brise-soleils (ou “quebra luzes”, como eram geralmente denominados em documentos oficiais portugueses em África)⁴⁴ como um elemento protector da incidência directa da luz solar e promotor de ventilação no interior do edifício. A aplicação destes sistemas construtivos deveu-se, em grande parte, à versatilidade plástica proporcionada pelo betão.

Uma das primeiras construções em Luanda a anunciar a entrada simbólica desta nova abordagem à arquitectura modernista foi a obra sobre a qual esta tese se baseia – o Mercado do Kinaxixe.

A arquitectura implementada pela geração africana conseguiu, assim, distanciar-se dos ideais decretados pelo poder centralizador do governo salazarista e acabou inclusivamente por servir de “ferramenta de manifesto social, utilizando como bandeira a palavra-chave do pensamento modernista: romper com o passado”.⁴⁵ Os arquitectos deste movimento que alcançaram maior notoriedade foram: Vasco Vieira da Costa (Mercado do Kinaxixe, Luanda); José Pinto da Cunha (Hospital de Sá da Bandeira/Lubango); António Campino (Hotel Presidente, Luanda); João Garcia de Castilho (Cinema-esplanada Miramar, Luanda); Pancho Guedes (Edifício “O Leão que Ri”, Lourenço Marques/Maputo); João José Tinoco (Palácio das Repartições, Vila Cabral/Lichinga), entre muitos outros. Contudo, dentro do contexto angolano desenvolvido nesta dissertação, é necessário dar um especial destaque aos arquitectos Francisco Castro Rodrigues e Fernão Lopes Simões de Carvalho.

Francisco Castro Rodrigues (n. 1920), depois de ter realizado o plano de urbanização municipal da cidade do Lobito ao serviço do GUC, deslocou-se para lá em finais de 1953⁴⁶ a convite do Presidente da Câmara, o Comandante Pina Cabral. Durante os trinta e quatro anos em que permaneceu em Angola, Castro Rodrigues foi o principal impulsionador do crescimento do Lobito, graças a um reportório arquitectónico composto por vários programas que se adaptam perfeitamente ao clima tropical onde estão inseridos. Entre eles salientam-se o Mercado Municipal (1963), o Cinema-esplanada ao ar livre Flamingo (1963) e o Liceu do Lobito (1966-67). A grande afinidade que tinha pela arquitectura moderna

por Le Corbusier e Pierre Jeanneret em 1930, mas que nunca chegou a ser construído. Contudo, Le Corbusier acabaria por implementar efectivamente este sistema em 1935 na construção de uma casa de fim-de-semana em La Rochelle. As vantagens da aplicação deste tipo de cobertura passam por simplificar o método de recolha das águas pluviais integrando-o na organização interior do edifício. As suas propriedades aerodinâmicas tornam-na muito útil em climas tropicais, onde o vento é usado no resfriamento da cobertura.

⁴⁴ Cf. Matos, Madalena Cunha; Ramos, Tânia Beisl – “Por Via do Atlântico: Traçados e Monumentos Urbanos no Brasil e em Territórios Africanos de Colonização Portuguesa”, UTL, p. 3

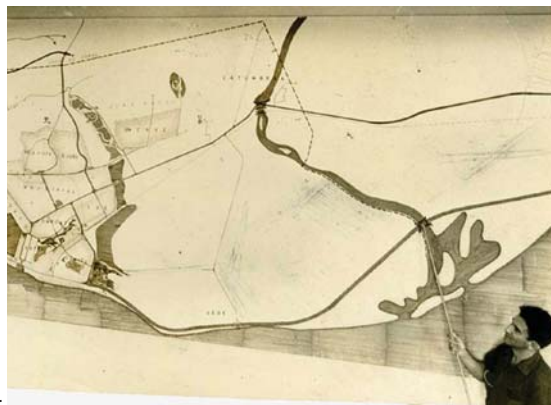
⁴⁵ Mingas, Ângela – “Modernismo Luanda”, Ed. Goethe-Institut Angola/Universidade Lusíada de Angola, 2011, p. 17

⁴⁶ Devido ao tempo passado em viagem, Francisco Castro Rodrigues só chegou ao Lobito em 1954.

MEMÓRIAS DE UM MERCADO TROPICAL



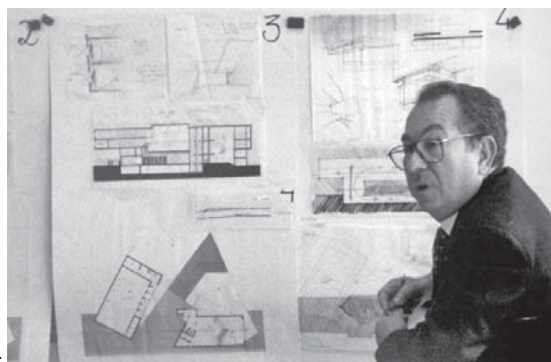
23. LICEU DO LOBITO, CASTRO RODRIGUES (1966-1967)



24. O PLANO PARA A CIDADE DO LOBITO APRESENTADO PELO ARQUITECTO FRANCISCO CASTRO RODRIGUES



25. CENTRO DE RADIODIFUSÃO DE ANGOLA, LUANDA, SIMÕES DE CARVALHO (1965-1967)



26. ARQUITECTO FERNÃO LOPES SIMÕES DE CARVALHO



27. FÁBRICA DE CIMENTO DO LOBITO



28. ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS NA ZONA DOS MUSSEQUES

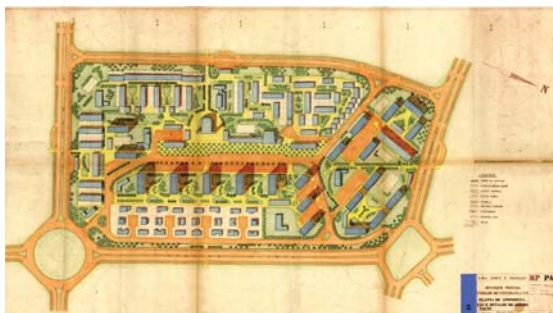
brasileira (proveniente das comunicações em que participou no Congresso de 1948 e pelo contacto que teve durante a montagem da exposição da III UIA de 1953) levou-o a organizar uma exposição a 5 de Junho de 1961, promovida pelo Núcleo de Estudos Angolanos-Brasileiros (do qual fazia parte), tendo como objectivo dar a conhecer o carácter deste estilo arquitectónico e a influência que este tinha nas colónias portuguesas.

Fernão Lopes Simões de Carvalho (n. 1929), natural de Luanda, tornou-se o único arquitecto angolano, até hoje, com projectos realizados fora do seu país de origem, possuindo uma extensa produção arquitectónica, não só em Angola (Unidade de Vizinhança nº1 no Bairro do Prenda, Luanda, 1963-65), mas também no Brasil (Escola Naval dos Fuzileiros da Armada, Rio de Janeiro, 1976) e em Portugal (Ministério da Agricultura, Areeiro, 1980-83). A sua obra é caracterizada por uma expressão brutalista evidente em edifícios como o Centro de Radiodifusão de Angola (Luanda, 1963-67), realizado em parceria com José Pinto da Cunha. Porém, é sobretudo na qualidade de urbanista que se reconhece o mérito de Simões de Carvalho, dado o papel significativo que desempenhou na inserção do pensamento modernista, ao nível do planeamento urbanístico da capital angolana, com a execução dos diversos Planos Parcelares que compuseram o Plano Director Municipal para a cidade, o qual será abordado posteriormente nesta tese.

Entre 1961 e 1975 assistiu-se a um grande crescimento da construção civil nas colónias portuguesas em África. Neste período, a dificuldade que havia em movimentar bens monetários das colónias para Lisboa, obrigava as pessoas a aplicarem o seu dinheiro de duas maneiras: guardá-lo no banco ou investi-lo localmente. Para esse efeito, o governo central introduziu uma estratégia onde se proporcionou uma série de incentivos ao investimento local de maneira a conseguir pôr a economia colonial a circular internamente. Estes incentivos eram aplicados sob a forma de medidas legislativas que procuravam estimular a construção nas colónias como, por exemplo, isenções de impostos ou a descida das taxas de juro ao crédito imobiliário que foram efectuadas em 1964.⁴⁷ Esta situação, associada a uma ausência de sistemas de construção alternativos nos territórios coloniais (ao contrário do que acontecia no continente europeu), conduziu à instalação de diversas indústrias locais de construção – sobretudo cimenteiras e materiais cerâmicos⁴⁸ – o que, por sua vez, permitiu a estas regiões adquirirem

⁴⁷ Cf. Milheiro, Ana Vaz – “Experiências em Concreto Armado na África Portuguesa: Influências do Brasil”, in Revista “Pós – Revista do Programa de Pós-Graduação e Urbanismo da FAUUSP”, nº25, Junho 2009, p. 61

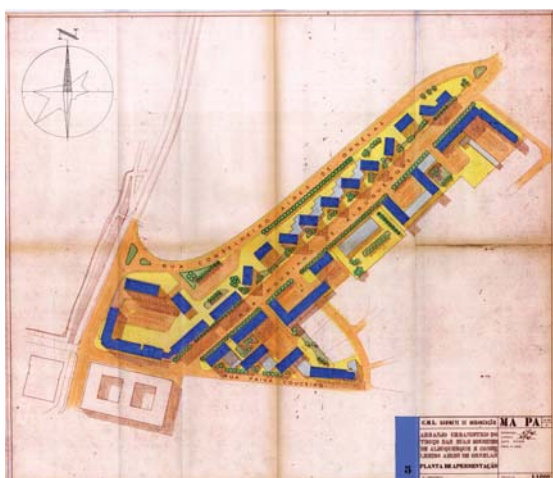
⁴⁸ Os mosaicos e azulejos passaram a incorporar uma função decorativa, tendo sido frequentemente aplicados nos edifícios coloniais construídos durante este período, como é possível observar, por exemplo, nos Mercados do Kinaxixe e do Lobito.



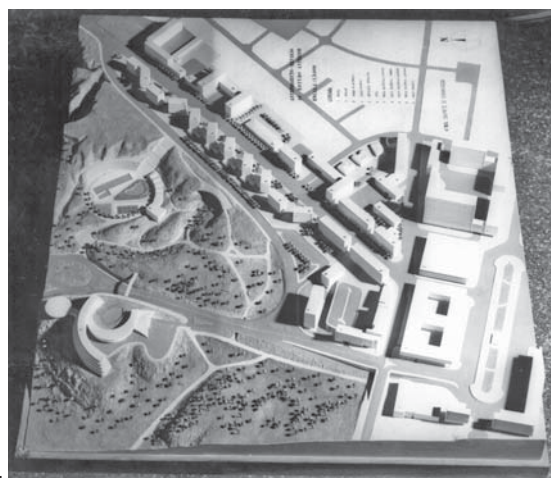
29. PLANO URBANÍSTICO PARA A UNIDADE DE VIZINHANÇA N.º3 NO MUSSEQUE DO PRENDA, SIMÕES DE CARVALHO (1962)



30. MAQUETE DO PLANO ANTERIOR



31. PLANO URBANÍSTICO DO TROÇO DAS RUAS MOUSINHO DE ALBUQUERQUE E CONSELHEIRO AIRES DE ORNELAS, SIMÕES DE CARVALHO (1962)



32. MAQUETE DO PLANO ANTERIOR



33. LUANDA VISTA DA FORTALEZA DE S. MIGUEL EM 1938



34. LUANDA VISTA DA FORTALEZA DE S. MIGUEL EM 1968

uma maior autonomia na produção de materiais construtivos a serem utilizados pelos arquitectos. Entre as diversas fábricas que se montaram nas colónias encontravam-se, por exemplo, a Champalimaud e a Secil, que competiam entre si. É deste modo que as novas tecnologias entram nas colónias portuguesas, deixando de ser necessário o transporte por navio dos materiais de construção, a partir da Metrópole ou da África do Sul, como se fazia antes da Segunda Guerra Mundial.⁴⁹

Não tardou muito para que a actividade construtiva de Angola alcançasse um nível equiparável ao Brasil, que em 1960 atingiu o exemplo máximo do modernismo através da criação da cidade de Brasília.⁵⁰ No entanto, os Planos Parcelares projectados por Simões de Carvalho um ano depois representaram uma evolução do pensamento urbanístico existente no projecto de Lúcio Costa, onde uma cidade com uma importante carga simbólica (de representação nacional por ser a capital de um país) se encontra dividida em 4 escalas distintas,⁵¹ as quais se desenvolvem horizontalmente. Por outro lado, nos Planos Parcelares era demonstrada uma nova abordagem do ponto de vista social através da integração das culturas locais e a hierarquização de funções era planeada verticalmente (por exemplo, o comércio localizado nos pisos inferiores, a habitação e serviços em pisos superiores, etc.).⁵² Isto demonstra que a construção moderna em Angola, apesar de se ter iniciado relativamente tarde, não só conseguiu obter uma qualidade própria como também apresentou novas soluções no campo do pensamento teórico.

Com o desencadear das guerras coloniais em Angola (1961), Guiné-Bissau (1963) e Moçambique (1964), as obras, em vez de diminuir, aumentaram ainda mais, particularmente nas principais cidades, que acabaram por ganhar uma imagem de urbes modernas desenvolvidas e em constante expansão. O governo português procurou providenciar a todas as cidades e povoações equipamentos públicos de grande modernidade, com o objectivo de justificar a manutenção da administração portuguesa nas colónias através de obras de investimento. Entre esses equipamentos públicos encontravam-se mercados, hospitais, piscinas, cineteatros, cinemas, escolas, hotéis e aeroportos.

⁴⁹ Conversa com Prof. Ana Vaz Milheiro, 14 de Setembro de 2011

⁵⁰ O plano piloto da nova capital brasileira foi realizado pelo Arquitecto Lúcio Costa após ter vencido o concurso em 1956. Este plano contou igualmente com a participação de Oscar Niemeyer que desenhou os principais edifícios públicos do projecto como a Catedral de Brasília, o Edifício do Congresso Nacional, os Palácios da Alvorada e do Planalto, entre outros. A cidade foi inaugurada a 21 de Abril de 1960 pelo então Presidente Juscelino Kubitschek.

⁵¹ Escalas que definem a composição hierárquica da cidade de Brasília: Residencial, gregária, monumental e bucólica.

⁵² Conversa com Prof. Ana Vaz Milheiro, 15 de Março de 2012.

Após o 25 de Abril e a consequente independência dos territórios ultramarinos, todo este espólio arquitectónico obteve um estatuto controverso. Ao contrário do que aconteceu no Brasil, onde a arquitectura moderna foi sempre usada como um símbolo de identidade nacional, nas colónias ela foi introduzida pelos agentes do poder colonial. Isto fez com que os povos nativos adquirissem um certo ressentimento pela “arquitectura dos colonizadores” e associassem os autores dessas obras ao regime salazarista.⁵³ Esta acusação era claramente falsa, atendendo a que muitos destes arquitectos tinham nascido no território ou adquiriram mais tarde nacionalidade angolana. É de notar que as intervenções realizadas durante o domínio português em África ainda hoje exercem a sua influência, suportando a malha urbana das antigas capitais coloniais que se encontram, actualmente, em constante crescimento. Observou-se também que muitos dos edifícios de grande importância construídos neste tempo passaram a acolher Ministérios e outras tipologias de serviços públicos.⁵⁴

Na verdade, apesar dos diversos estudos realizados pelas escolas de arquitectura para inventariar o património arquitectónico deixado pelos portugueses em África, é possível constatar que não houve ainda uma mudança na mentalidade da população das ex-colónias para encarar essas obras como suas, interpretando-as como emblemas de um passado que preferem esquecer. Factores como a especulação e a riqueza desgovernada, com base na exploração do petróleo e dos diamantes, só foram prejudicar ainda mais a situação, como foi o caso do Mercado do Kinaxixe demolido em 2008 por pressão do Estado, para dar lugar a um novo Shopping Kinaxixe, a fim de favorecer interesses particulares.

⁵³ Cf. Matos, Madalena Cunha; Ramos, Tânia Beisl – “Por Via do Atlântico: Traçados e Monumentos Urbanos no Brasil e em Territórios Africanos de Colonização Portuguesa”, UTL, Pág.2

⁵⁴ É o caso do Edifício da Mutamba (1968) do Arquitecto Vieira da Costa que hoje alberga o Ministério das Obras Públicas ou também o actual Ministério das Finanças (1953) do Arquitecto João Aguiar, que anteriormente serviu de Direcção dos Serviços de Fazenda e Contabilidade.

Capítulo 2

Luanda: Introdução a uma Cidade Atlântica

«Sobe pelas encostas do vale em que se criou para ver o Atlântico, de mirantes surpreendentes, onde domina em tardes de cacimbo, a perturbadora luz dos trópicos»

Henrique Galvão, 1952⁵⁵

⁵⁵ Galvão, Henrique – “Império Ultramarino Português: Monografia do Império, Vol.3”, 1952 in Fernandes, José Manuel – “Geração Africana: Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975”, Livros Horizonte, 2009, p. 67

2.1. CONTEXTO GEOGRÁFICO E CONSIDERAÇÕES CLIMÁTICAS

Luanda localiza-se sensivelmente a 8°50'00" de latitude Sul e a 13°14'00" de longitude Este. Construída numa zona de savana existente entre os rios Bengo e Kwanza, esta área, tal como grande parte do país, é afectada por um clima tropical moderado, com níveis humidade e calor que se mantêm constantes ao longo do ano e ausência de estação invernal. Contudo, este ambiente é também caracterizado por duas estações distintas: a de chuvas que corresponde à época das temperaturas mais elevadas e a estação seca designada de "*cacimbo*", onde se registam baixas temperaturas, assim como uma subida da concentração de humidade no ar.⁵⁶

Os dados que serão seguidamente aqui abordados foram retirados da consulta feita por Vieira da Costa, aquando da realização da sua prova final de curso no ano de 1948 e que será explorada no próximo capítulo. Apesar da informação recolhida corresponder a estudos concebidos maioritariamente durante a primeira metade do séc. XX, estes foram considerados os mais relevantes em termos do contexto histórico em que o tema desta tese se insere.

Relativamente à temperatura, está comprovado que esta atinge os seus valores máximos durante os meses de Março e Abril e mínimos entre Julho e Agosto. É de referir que os níveis de calor em Luanda, tal como em toda a zona litoral angolana, tendem a ser mais baixos do que nas regiões do interior, dado a proximidade do mar que regulariza a temperatura para valores mais estáveis e do efeito proveniente da Corrente de Benguela. Esta última representa uma corrente oceânica fria que faz parte do Giro Oceânico do Atlântico Sul e se desloca para norte acompanhando a linha costeira angolana até Benguela, virando depois para Oeste, onde se une à aquecida Corrente do Brasil.

Os níveis de humidade relativa do ar são na generalidade elevados apresentando uma média anual de 82%, obtendo a percentagem máxima de 84% em Julho e mínima de 78,5% em Fevereiro. Durante a estação seca, as baixas temperaturas que, por sua vez, levam à fixação da humidade do ar perto do solo, dão origem a uma névoa intensa a que os angolanos chamam de "*cacimbo*", a qual dá o nome à estação. No dia-a-dia, a humidade atinge valores mínimos às doze horas e máximos por volta da madrugada, onde atinge a saturação.⁵⁷

⁵⁶ Cf. Amaral, Ilídio do – "Luanda (Estudo de Geografia Urbana)", Junta de Investigações do Ultramar, 1968, p. 22

⁵⁷ Cf. Costa, Vasco Vieira da – "Luanda plano para a cidade satélite Nº3: Concurso para obtenção do diploma de arquitecto (1948)", ESBAP e DAFEUA, 1984, p. 29-30

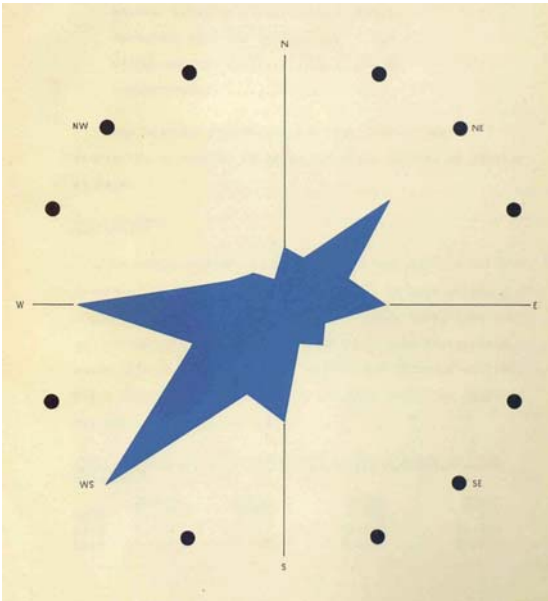


35.



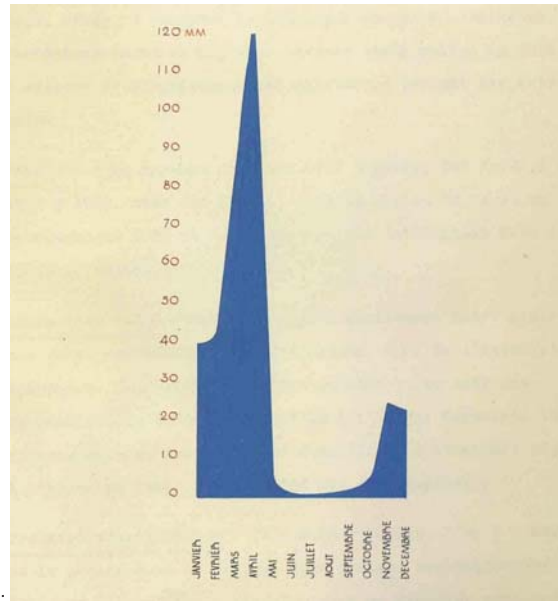
36.

IMAGENS DOS DANOS CAUSADOS PELAS CHEIAS DE MARÇO DE 1963



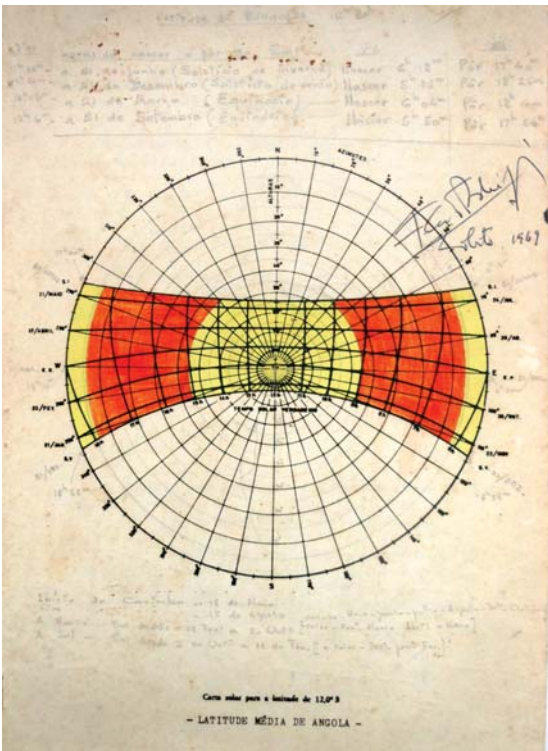
37.

ROSA DOS VENTOS



38.

GRÁFICO DA DISTRIBUIÇÃO MENSAL DE CHUVA (MÉDIA DE 33 ANOS)



39.

CARTA SOLAR DE ANGOLA DESENHADA PELO ARQUITECTO FRANCISCO CASTRO RODRIGUES

Como é típico das regiões tropicais, a precipitação é composta por chuvas de curta duração, mas de forte intensidade. Seguindo as indicações do gráfico preparado por Vieira da Costa, durante um período de 33 anos, observou-se que este elemento obteve o valor máximo absoluto em Abril, onde se atingiu os 120mm e um máximo relativo de 25mm em Novembro. Por outro lado, nos meses correspondentes à época seca do “cacimbo” houve muito pouca, ou nenhuma, precipitação. Esta tipologia de pluviosidade irregular aliada a um sistema de escoamento de águas deficiente torna-se responsável pelo aparecimento de inundações – como as que houve em Março de 1963 – as quais resultam em custos elevados por danos materiais, acabando por afectar o funcionamento da cidade.

Luanda é essencialmente atingida por ventos provenientes do sudoeste cuja velocidade média calculada no ano de 1943 foi de 12,9 km/h, a qual, segundo a escala de Beaufort, é considerada uma brisa leve. Todavia, ao longo do ano, podemos assistir a situações excepcionais em que é possível observar rajadas de vento a mais de 70 km/h, normalmente ligadas a casos de instabilidade atmosférica como aguaceiros ou trovoadas e que ocorrem geralmente na época mais quente, ou seja, de Outubro a Março.⁵⁸

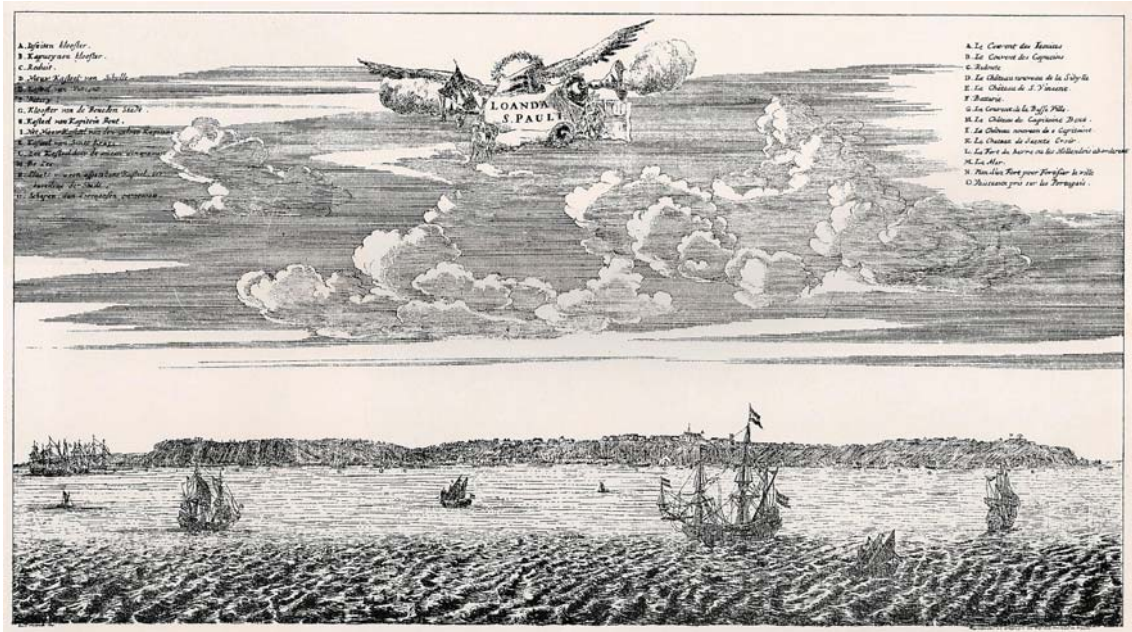
Como se encontra implicado nas coordenadas mencionadas no início do capítulo, Luanda situa-se entre o equador e o trópico de Capricórnio, o que, por sua vez, significa que o sol se move tanto a norte como a sul, dependendo da estação do ano. Para além disso, o sol situa-se muito próximo da vertical, passando duas vezes por ano pelo zénite em Fevereiro e Outubro.⁵⁹ De acordo com a Carta Solar de Luanda, os dias têm períodos de insolação de doze horas (das 6:00 às 18:00), os quais sofrem pouca alteração ao longo do ano.⁶⁰

É possível concluir que a composição climática de Luanda não proporciona condições de conforto favoráveis para as pessoas que lá vivem, com maior ênfase para a humidade excessiva do que propriamente para os níveis de calor, tornando-se assim necessário erguer edifícios que consigam ultrapassar as limitações impostas por estas características ambientais.

⁵⁸ Cf. Quintã, Maria Margarida – “Geografia de um Lugar: Luanda e a Arquitectura de Vasco Vieira da Costa”, Prova de Licenciatura, ESBAP, 2007, p. 73

⁵⁹ Dados calculados em – <http://www.sunposition.info/sunposition/spc/locations.php#1> [consultado a 26 de Abril de 2012]

⁶⁰ Isto verifica-se quando se compara que o período de insolação entre os solstícios de verão (21 de Dezembro) e inverno (21 de Junho), respectivamente o dia mais longo e mais curto do ano, é praticamente o mesmo.



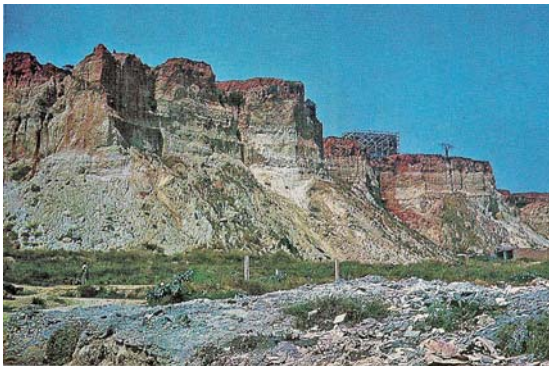
40. PANORÂMICA DO PORTO DE LUANDA, EM MEADOS DO SÉCULO XVII



41. PLANTA DA CIDADE DE LUANDA, DE 1647



42. FORTALEZA DE SÃO MIGUEL



43. AS "BARROCAS" NO LADO NORTE DE LUANDA



44. ENCONTRO ENTRE A CIDADE "BAIXA" E A CIDADE "ALTA"

2.2. DESENVOLVIMENTO ATÉ AO SÉCULO XIX

A capital angolana foi fundada no ano de 1576, sob o nome de São Paulo da Assunção de Loanda, pelo Almirante Paulo Novais Dias, neto do navegador Bartolomeu Dias, cerca de um ano após o desembarque português na ilha de Luanda a 11 de Fevereiro de 1575.

Esta cidade costeira, que tinha por objectivo servir de base de fixação e ponto de partida para a exploração do território angolano, prosperou a partir da actividade comercial (marfim, cera e escravos) e, como consequência, começou a desenvolver-se de um modo espontâneo através de uma malha urbana cujo traçado estava influenciado pela configuração da Baía de Luanda. O resultado foi o aparecimento de um desenho urbano irregular, o qual ia evoluindo a partir de intervenções consecutivas e sem qualquer planeamento sério, procurando somente responder às necessidades imediatas que a colonização ia exigindo. Este tipo de situações disseminou-se pelos diversos centros urbanos distribuídos pelo litoral angolano.⁶¹

Luanda começou a erguer-se lentamente em torno da Fortaleza de São Miguel, estendendo-se por toda a baía, a qual era usada como um porto natural bem protegido pela Ilha de Luanda. O desenvolvimento urbanístico deste núcleo, conhecido como a “baixa” da cidade, foi-se adaptando à topografia local, que, por sua vez, acabou por orientar o sentido dos arruamentos, de maneira a maximizar a acção favorável dos ventos dominantes.⁶² Esta zona era limitada por um morro com cerca de 60 metros de altura constituído por barrancos causados pela erosão, também conhecido por “barrocas”.

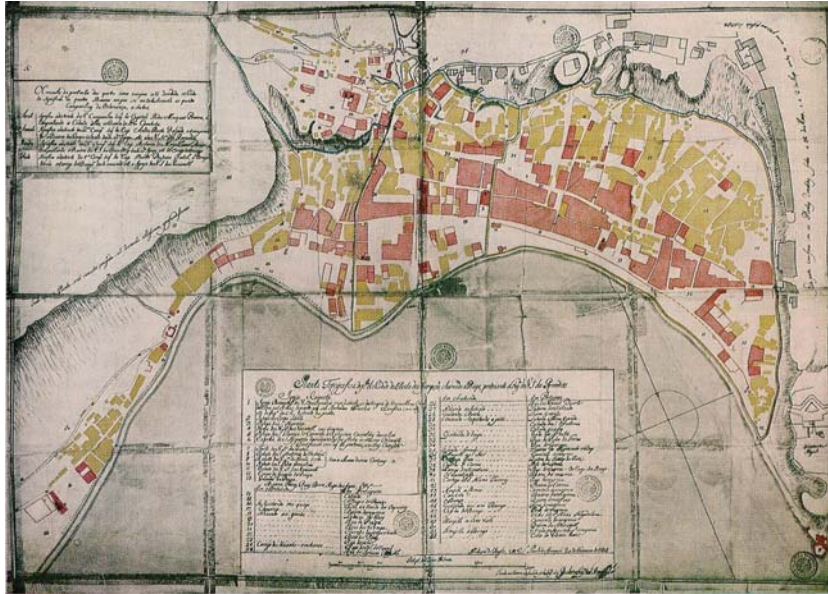
Ao longo deste período de crescimento, as necessidades de expansão (relacionadas com o tráfego mercantil) levaram a uma ocupação do planalto situado no topo das “barrocas”, dando origem à parte “alta” da cidade, a qual foi conquistando gradualmente o interior do território.⁶³ Neste novo espaço, o traçado urbano adquiriu uma configuração diferente da aplicada nas áreas mais acidentadas da “baixa”, traduzindo-se assim num modelo com maior regularidade, acompanhando os arruamentos principais paralelamente ao mar.⁶⁴

⁶¹ Cf. Amaral, Ilídio do – “Luanda (Estudo de Geografia Urbana)”, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, p. 23-25

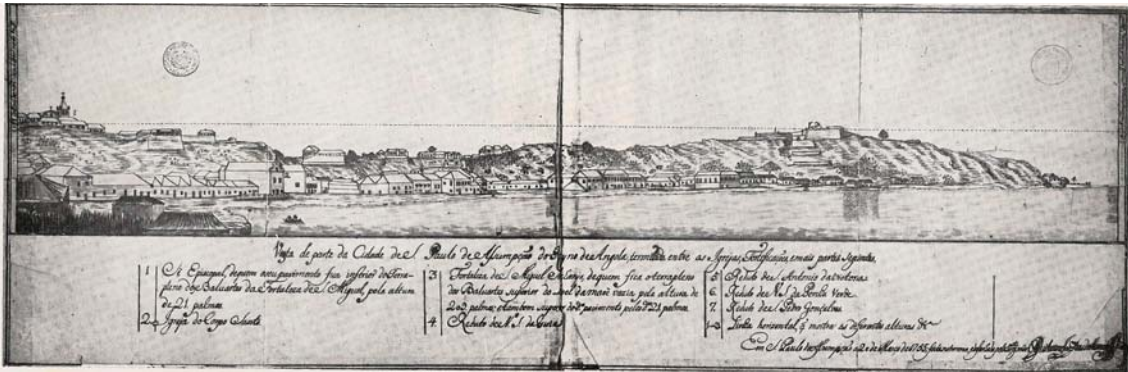
⁶² Cf. Batalha, Fernando – “A Urbanização de Angola” *in* “Angola: Arquitectura e História”, Edições Nova Veja, 2006, p. 146

⁶³ Cf. Amaral, Ilídio do – “Luanda (Estudo de Geografia Urbana)”, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, p. 18

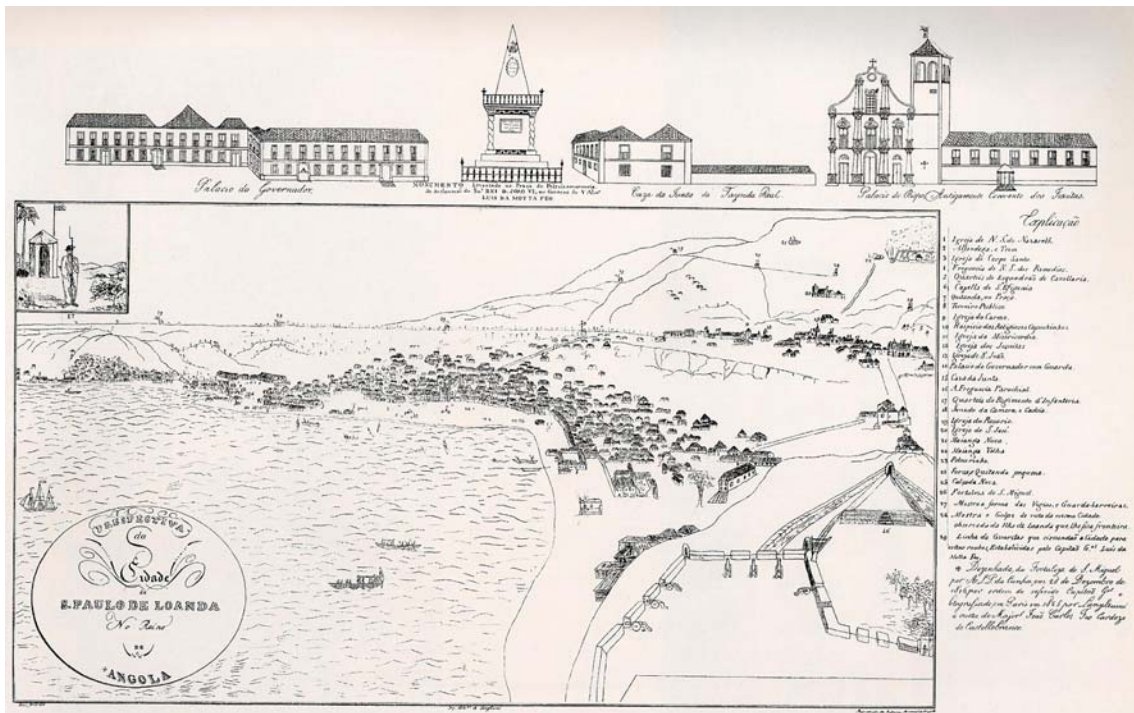
⁶⁴ Cf. Batalha, Fernando – “A Urbanização de Angola” *in* “Angola: Arquitectura e História”, Edições Nova Veja, 2006, p. 147



45. PLANTA DE LUANDA DE 1755



46. "VISTA DE PARTE DA CIDADE DE S. PAULO DE ASSUMÇÃO DO REYNO DE ANGOLA", DESENHADA NO ANO 1755



47. PANORÂMICA DE LUANDA, DESENHADA EM 1816

Os elementos que mais se destacaram na urbanização angolana e, conseqüentemente, na de Luanda foram o predomínio de largos, arruamentos e numerosas praças que promoviam a ventilação em toda a cidade. Para além desta característica, assistiu-se, igualmente, a uma ortogonalidade dos arruamentos, todavia sem a regularidade geométrica normalmente associada a uma urbanização moderna. Em Luanda, como já foi referido, os arruamentos principais foram planeados longitudinalmente à orla marítima, enquanto as vias transversais, mais numerosas, adquirem no geral um papel menos importante.⁶⁵

Em Luanda, foram realizadas algumas intervenções ao nível urbanístico, as quais procuraram estabelecer uma aproximação com aquela que era feita na Metrópole (e também no Brasil) como foi o caso da Praça Pedro Alexandrino - localizada em frente às Portas do Mar - uma praça de desembarque, claramente baseada no Terreiro do Paço de Lisboa. A partir da segunda metade do século XVIII, durante o governo do Marquês de Pombal, foi possível constatar a presença de um elemento idealizado durante as obras de reconstrução do terramoto de Lisboa e que começou a ser instituído nas cidades coloniais para "refrigério da população e reuniões da sociedade":⁶⁶ o Passeio Público. A acção da administração Pombalina foi muito importante para o progresso urbano da capital angolana, pois foi nesse período que se empreenderam obras de embelezamento citadino, de saneamento, abastecimento de água, criação de edifícios públicos (como, por exemplo, mercados, alfândegas, etc.), obras de fortificação e defesa da população contra a pirataria e outros conflitos.

De entre os diversos governadores da colónia portuguesa, quem mais se destacou nesta época foi D. Francisco Inocêncio Sousa Coutinho, pela forma como conseguiu estimular o crescimento de Luanda em apenas oito anos (1764-1772). Durante o seu governo, promoveu a construção de vários edifícios públicos entre os quais se encontram: a Alfândega (1770), o Trem Nacional (1770) e a Casa dos Contos ou Erário. Por outro lado, mandou construir novos quartéis, ampliou e reconstruiu as fortalezas. De forma a assegurar o abastecimento da população, mandou construir o Terreiro Público ou mercado (1765), abrir cisternas, promover a agricultura na periferia da cidade, edificar um novo hospital e, por fim, foi o responsável pela implementação do já mencionado Passeio Público (1771).⁶⁷

⁶⁵ Cf. Batalha, Fernando – "A Urbanização de Angola" in " Angola: Arquitectura e História", Edições Nova Veja, 2006, p.147

⁶⁶ Batalha, Fernando – "A Urbanização de Angola" in " Angola: Arquitectura e História", Edições Nova Veja, 2006, p. 148-149

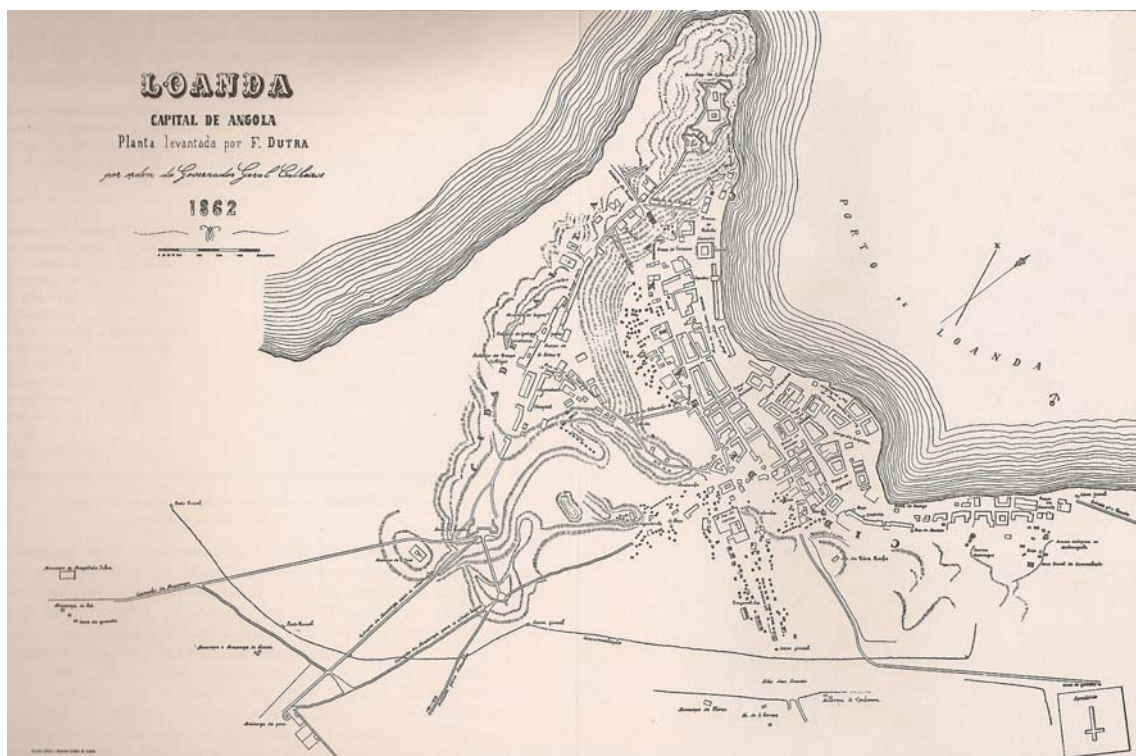
⁶⁷ Cf. Idem, p. 150



48. A "BAIXA" DE LUANDA, EM 1884



49. A "BAIXA" DE LUANDA, EM 1954

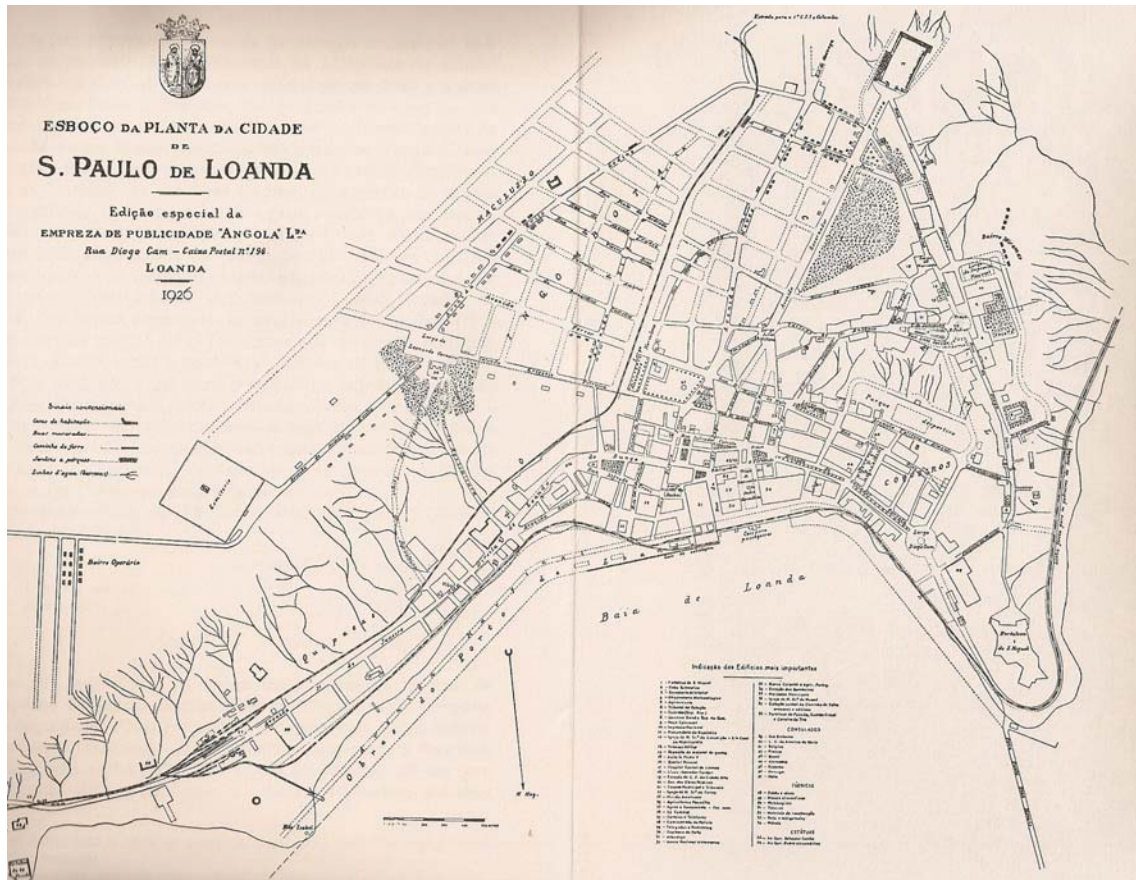


50. PLANTA DE LUANDA, DE 1862

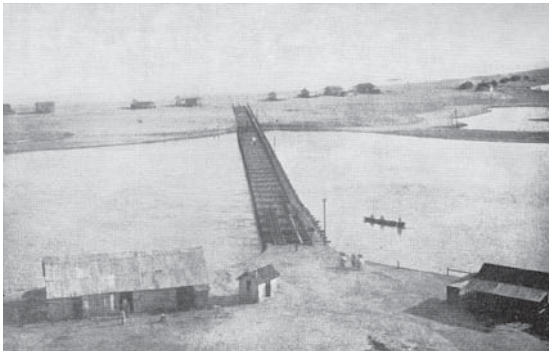
A abolição da escravatura em favor da exploração e comércio dos produtos agrícolas no século XIX marcou o início de uma nova etapa “civilizadora de fixação e verdadeira colonização”⁶⁸ em Angola, a qual teve uma grande afluência de imigrantes. Para conseguir lidar com este súbito crescimento demográfico, as intervenções urbanísticas realizadas em Luanda durante este período passaram a considerar novas guias de base científica assinaladas na Portaria decretada pela Rainha D. Maria II a 28 de Março de 1843. Este documento era muito elucidativo quanto a “algumas regras urbanas e arquitectónicas, tecendo considerações sobre a construção dos edifícios”,⁶⁹ com o objectivo de criar uma expressão definitiva desta tipologia de arquitectura tropical.

⁶⁸ Idem, p. 153

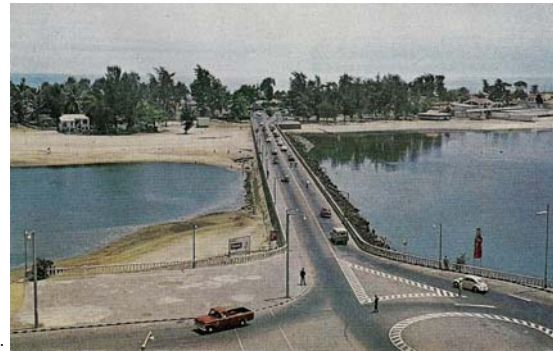
⁶⁹ Fonte, Maria Manuela – “Urbanismo e Arquitectura em Angola – de Norton de Matos à Revolução”, Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, UTL|FA, 2007, p. 90-91



51. PLANTA DE LUANDA, DE 1926



52. A PONTE DE ACESSO PARA A ILHA DE LUANDA, 1930



53. A PONTE DE ACESSO PARA A ILHA DE LUANDA, ANOS 1960



54. AVENIDA MARGINAL, 1940



55. AVENIDA MARGINAL, 1955

2.3. PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Por volta do séc. XX, Portugal procurava cumprir com o programa definido pelo documento assinado no Congresso de Berlim⁷⁰, onde estava estipulado que teria de assumir uma posição mais interventiva na ocupação e povoamento dos territórios africanos, sob pena de perder a soberania sobre as suas colónias. Recorreu-se a uma série de políticas de incentivo à emigração para África, com o propósito de formar novos colonatos no interior dos territórios. Tendo em conta todas as providências tomadas e as facilidades que se deram aos emigrantes, o facto é que o desenvolvimento em Angola, em geral, e em Luanda, em particular, não foi tão rápido quanto o esperado.⁷¹

Por essa altura, Norton de Matos, Governador-geral de Angola, emite uma circular a 17 de Abril de 1913, que estabelecia as regras de colonização. Dentro destas regras encontravam-se determinados os limites das circunscrições civis, os quais não podiam ser ultrapassados durante a edificação de sobrados – residências coloniais com, pelo menos, dois andares e normalmente associadas a pessoas de elevado estatuto social. Esta posição tinha como objectivo estabelecer uma relação amigável com os nativos, tentando, deste modo, evitar conflitos internos, o que demonstrava da parte do governo colonial um notável sentido de estado.⁷²

Na década de 1920, começaram a ficar definidos novos eixos estruturantes da cidade, como a passagem entre a cidade alta e a fortaleza de S. Miguel que favorecia a ventilação e o arejamento da baixa. Neste período, o traçado urbano de Luanda ganhou uma configuração “triangular, em planta, sendo os seus três lados a Alta, a Baixa e a nova área de expansão das Ingombotas”.⁷³ Esta área de expansão, por sua vez, possibilitou o desenvolvimento de outras infra-estruturas, destacando-se a abertura do Largo dos Lusíadas e a criação dos bairros da Maianga, Operário e do Maculusso. Como consequência destes dinamismos, que procuravam ampliar a fronteira urbana de Luanda, os musseques situados na periferia começaram a ser “empurrados” cada vez mais para fora do centro.⁷⁴

⁷⁰ O Congresso de Berlim, proposto por Portugal e organizado pelo Chanceler Alemão Otto von Bismark, foi realizado entre 19 de Novembro de 1884 e 26 de Fevereiro de 1885 e teve como objectivo regular a colonização europeia em África. Foi neste congresso que Portugal apresentou o projecto do “*Mapa Cor-de-rosa*”, que consistia em estabelecer uma ligação entre colónias de Angola e Moçambique através dos territórios da Zambia, Zimbabwe e Malawi. O projecto foi apoiado por todos os países participantes do congresso, com excepção da Inglaterra, que cinco anos mais tarde fez um ultimato a Portugal para abandonar os seus planos, sob a ameaça de guerra.

⁷¹ Cf. Martins, Isabel – “Luanda: a cidade e a arquitectura”, Dissertação para Doutoramento, FAUP, 2000, p. 246

⁷² Cf. Fonte, Maria Manuela – “Urbanismo e Arquitectura em Angola – de Norton de Matos à Revolução”, Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, UTLJFA, 2007, p. 30

⁷³ Fernandes, José Manuel – “Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa”, Caleidoscópio Editora, 2005, p. 36

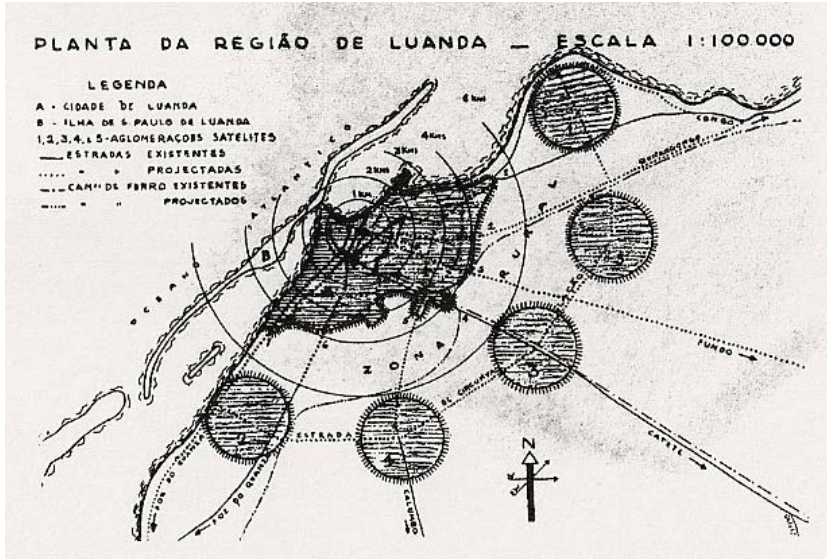
⁷⁴ Cf. Martins, Isabel – “Luanda: a cidade e a arquitectura”, Dissertação para Doutoramento, FAUP, 2000, p. 232-233

Nos anos 40, após o fim da Segunda Grande Guerra, Angola passou a estabelecer uma economia fortemente apoiada na cultura do café, o produto mais exportado da colónia, neste período, para mercado internacional. Isto, por sua vez, levou a uma procura de mão-de-obra, quer portuguesa quer nativa, para sustentar a produção agrícola e outros serviços. Tendo em conta a dificuldade sentida em acomodar o crescente afluxo populacional, o qual entrava principalmente por Luanda, foi essencial reestruturar as redes de transportes, que se traduziu na construção de portos nas cidades costeiras e também de novas ligações rodoviárias e ferroviárias que estabelecessem contacto com os núcleos urbanos no interior do território angolano.

A importância de cidades como Luanda estava no facto de elas servirem como “portas de entrada para o interior do território, tendo sido, cumulativamente, a representação da imagem do Império para o exterior”.⁷⁵ Este protagonismo colocou-as, logo a partir dos anos 30, num lugar prioritário ao nível do planeamento urbano, contrastando, desta maneira, com as povoações situadas no interior angolano (como, por exemplo, Vila Nova, Vila Teixeira de Sousa, entre outras) cujos planos de ordenamento e reconversão do território foram elaborados muito mais tarde, somente nas décadas de 60 e 70.⁷⁶

⁷⁵ Fonte, Maria Manuela – “Urbanismo e Arquitectura em Angola – de Norton de Matos à Revolução”, Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, UTL|FA, 2007, p. 171

⁷⁶ Cf. *Ibidem*



56.



57.

PLANO DE URBANIZAÇÃO DE LUANDA, ÉTIENNE DE GRÖER E DAVID MOREIRA DA SILVA, 1942

2.4. PROJECTOS DE ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

O urbanismo em Luanda começou, portanto, por ser o resultado da intuição por adaptação ao clima e à geografia local, passando a orientar-se segundo directivas científicas, até que no século XX foram executados os primeiros planos que faziam uso de toda a experiência que foi adquirida ao longo de séculos de ocupação africana.

Em 1942, a Câmara Municipal de Luanda contratou o urbanista francês Étienne de Gröer para realizar o primeiro plano de urbanização para a cidade, em conjunto com David Moreira da Silva.⁷⁷ O plano previa a criação de cinco aglomerados-satélites que envolveriam a cidade, os quais estavam exibidos numa Planta da Região de Luanda e cuja função seria a de causar o descongestionamento e um crescimento racional de Luanda. Um desses aglomerados, mais especificamente o terceiro, teria mais tarde um plano teórico desenvolvido pelo arquitecto Vasco Vieira da Costa no âmbito da sua dissertação de fim de curso. O afastamento entre o núcleo urbano principal e as cidades-satélite era realizado por meio da criação de uma zona rural inserida numa faixa com 2 km de largura para servir de zona de controlo ao crescimento da cidade. Para além disso, de Gröer definiu a morfologia urbana na zona marginal de Luanda através de um desenho radial e propôs, igualmente, a construção de uma estrada de circunvalação que ligaria os aglomerados envolventes entre si. Nos extremos desta rede viária encontrar-se-iam os dois principais acessos de Luanda.

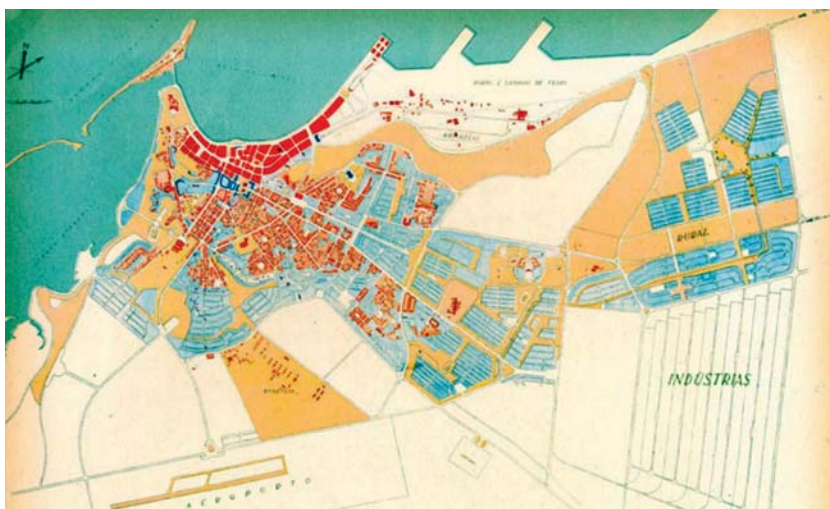
O objectivo deste tipo de planeamento era transformar estas novas cidades-satélite em verdadeiros dormitórios, criando assim uma fluidez constante na circulação rodoviária aos acessos da cidade. Apesar de tudo, o plano não chegou a ser concretizado, devido não apenas ao facto de a Câmara Municipal não possuir os quadros técnicos necessários para a sua execução, mas também por falta de aval jurídico.⁷⁸ É possível identificar aqui elementos oriundos das teorias desenvolvidas pelo seu mentor, Ebenezer Howard, sobre a “cidade policêntrica formada por um conjunto de cidades-jardim ligadas entre si por uma rede de transportes, constituindo-se num enorme aglomerado planeado”.⁷⁹

O Plano de Urbanização da Cidade de Luanda de Étienne de Gröer e David Moreira da Silva estabeleceu portanto, um afastamento da lógica tradicional que tinha decretado a estrutura das cidades

⁷⁷ Cf. Amaral, Ilídio do – “Luanda (Estudo de Geografia Urbana)”, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, p. 101

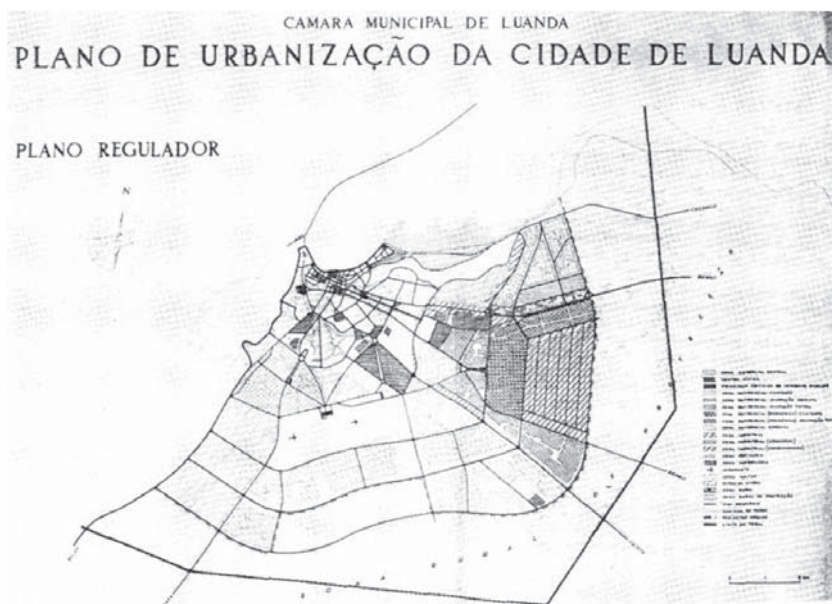
⁷⁸ Cf. Martins, Isabel – “Luanda: a cidade e a arquitectura”, Dissertação para Doutoramento, FAUP, 2000, p. 263

⁷⁹ Fonte, Maria Manuela – “Urbanismo e Arquitectura em Angola – de Norton de Matos à Revolução”, Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, UTL/JFA, 2007, p. 84



58.

PLANO DE URBANIZAÇÃO DE LUANDA DO GUC, ARQ. JOÃO AGUIAR, 1950



59.

PLANO DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE LUANDA - PLANO REGULADOR, CÂMARA MUNICIPAL DE LUANDA, 1957

coloniais litorais desde o século XVIII, a qual servia um propósito de natureza defensiva e comercial. Para além disso, preparou também o terreno para a introdução das teorias urbanísticas modernas que seriam aplicadas nas décadas subsequentes.

Com a entrada na década de 1950, o GUC encarregou-se de elaborar um novo Plano para Luanda, dirigido pelo Arquitecto João António Aguiar, o qual se deslocou de propósito a Angola para realizar um estudo preliminar da zona de intervenção. O seu plano conseguiu definir as zonas consolidadas e as zonas favoráveis à expansão urbana, identificando, ao mesmo tempo, as áreas consideradas industriais e rurais, de maneira a traçar os limites da cidade. Ao nível da circulação, estabeleceram-se vários eixos estruturantes e vias a Sul, seguindo as orientações do Plano de Gröer.⁸⁰

Em 1953, foi publicada uma planta turística de Luanda, onde está representado o desenvolvimento da malha urbana radial no decorrer da década anterior e as novas áreas que foram surgindo entretanto. Dentro das várias intervenções visíveis neste documento foi possível destacar a seguinte: o eixo paralelo ao litoral, que foi ampliado e modernizado (no sentido oeste-este), desde o Largo Infante D. Henrique, pela Av. dos Restauradores, continuando pelo Largo de D. Fernando e Rua de Salvador Correia, os quais foram providos de prédios de 5 pisos nos anos de 1960. Foram também adicionadas algumas novas vias, como o eixo das ruas Serpa Pinto e D. João II, tendo esta última se expandido a nascente.⁸¹

Quatro anos mais tarde, a Câmara Municipal de Luanda mandou elaborar outro Plano de Urbanização da cidade, denominado de Plano Regulador, que pretendia controlar o seu crescimento e, essencialmente, dividir a cidade em diferentes sectores, de acordo com as respectivas actividades de natureza económica e social nelas realizadas: a zona do porto e do caminho-de-ferro às quais se acrescentavam os cais e armazéns correspondentes; a “baixa” com competências administrativas e comerciais; a cidade “alta” como zona governativa e residencial, abrangendo os novos bairros. Foi ainda proposta a criação de uma zona industrial composta por um parque, que se inseria adequadamente no ambiente de gradual investimento na indústria de construção da altura. Modificou-se a regularização referente à circulação urbana, instituindo-se assim um sistema de “novos eixos que se desenvolviam formando circulares radiais e vias penetrantes para, como remate, ser criada uma zona verde rural de protecção e limite de expansão, um pouco à imagem do que era normalmente proposto para as pequenas povoações – a necessidade de estabelecer limites”.⁸²

⁸⁰ Cf. Fonte, Maria Manuela – “Urbanismo e Arquitectura em Angola – de Norton de Matos à Revolução”, Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, UTL|FA, 2007, p.182

⁸¹ Cf. Fernandes, José Manuel – “Geração Africana: Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975”, Livros Horizonte, 2009, p. 68

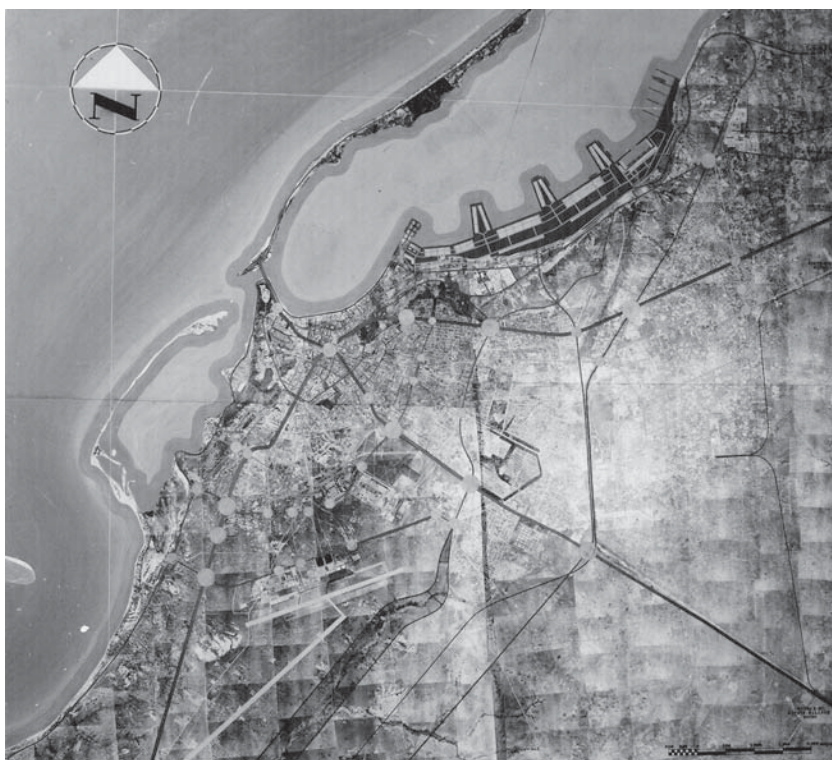
⁸² Fonte, Maria Manuela – “Urbanismo e Arquitectura em Angola – de Norton de Matos à Revolução”, Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, UTL|FA, 2007, p.182-183



60. LARGO DIOGO CÃO COM O EDIFÍCIO DA ALFÂNDEGA DO PORTO DE LUANDA EM PRIMEIRO PLANO



61. FOTO AÉREA DA MARGINAL DE LUANDA NOS ANOS 1960



62. PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DA CIDADE DE LUANDA, SIMÕES DE CARVALHO (1961-1962)

Foi durante esta década que se começaram a executar obras de arquitectura que acabaram por desempenhar um papel tão importante como os planos de urbanização anteriormente referidos na transformação de Luanda numa cidade moderna. O Arquitecto Vasco Vieira da Costa, na altura funcionário da Câmara Municipal, desenvolveu um Plano para a Baía de Luanda, onde se propôs a criação de uma frente contínua de edifícios que procurava consolidar a organização urbana e, simultaneamente, dar uma nova harmonia ao *skyline* da zona.⁸³ Ao longo de toda a marginal, foram abertas galerias contínuas no piso térreo, de modo a criar percursos pedonais que proporcionassem uma protecção adequada do sol. Os edifícios públicos, em particular, tiveram um grande impacto na evolução da imagem de Luanda, como foi o caso do Mercado do Kinaxixe, no Largo dos Lusíadas, o Banco de Angola situado na Avenida Paulo Dias de Novais (actual Av. 4 de Fevereiro) e o porto de Luanda, no largo Diogo Cão.⁸⁴

“Luanda, actualmente com cerca de 300 mil habitantes e que dentro de vinte anos deverá possuir mais de 500 mil, e apenas dez anos depois, talvez mais de um milhão, tem sofrido muitos males apontados. Com os seus tentáculos, a cidade tem vindo anexando crimosamente mais e mais terrenos, provocando, como diria Le Corbusier, «a apoplexia do centro e a paralisia nas extremidades». Chegou o momento de se definir a ocupação do solo, de se fixarem as densidades populacionais, de estabelecer o plano do seu equipamento à «escala humana», em suma de se elaborar o Plano Director da Cidade que definirá os princípios que deve guiar a utilização dos terrenos não só da cidade como da Região em que se apoia.”⁸⁵

O processo de transformação urbana da Luanda colonial, numa cidade moderna à imagem da Carta de Atenas, ganhou maior relevância através da criação do Plano Director de Luanda (1961-1962) por parte do Arquitecto-urbanista Fernão Simões de Carvalho, dirigente do recém-formado Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal de Luanda, o qual veio a substituir o extinto GUC.

Em 1963, Simões de Carvalho escreveu “Luanda do Futuro”, um texto onde ponderava sobre as suas previsões para o crescimento da capital angolana segundo as directrizes estabelecidas pelos

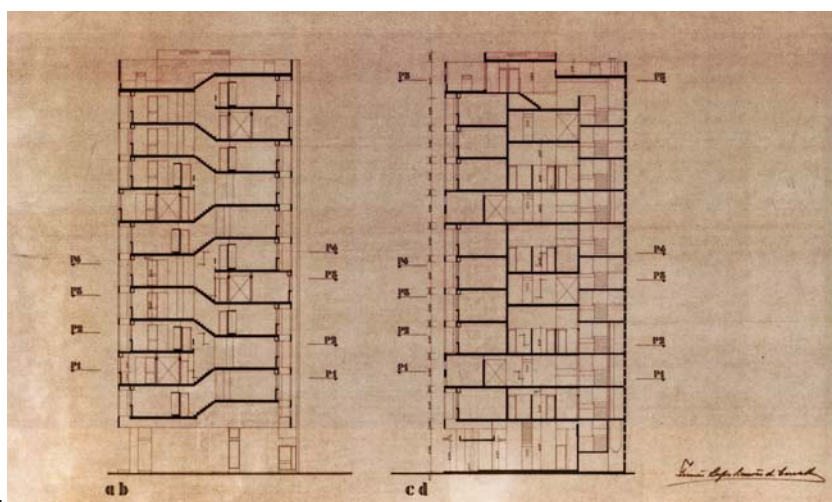
⁸³ Idem, p.184

⁸⁴ Cf. Ibidem

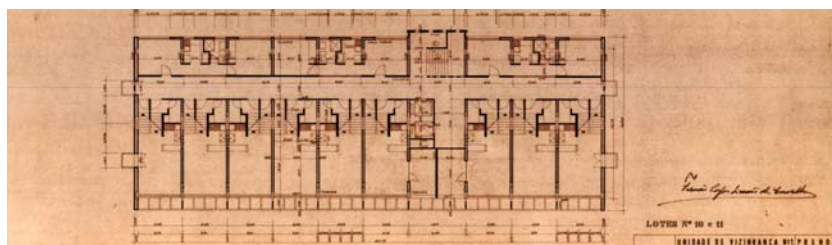
⁸⁵ Carvalho, Fernão Simões de – “Luanda do Futuro” in “Ronda pelo Ultramar, Angola terra de Portugal”, Edições Tapete Mágico, Lisboa, Dezembro de 1963, pág. 29



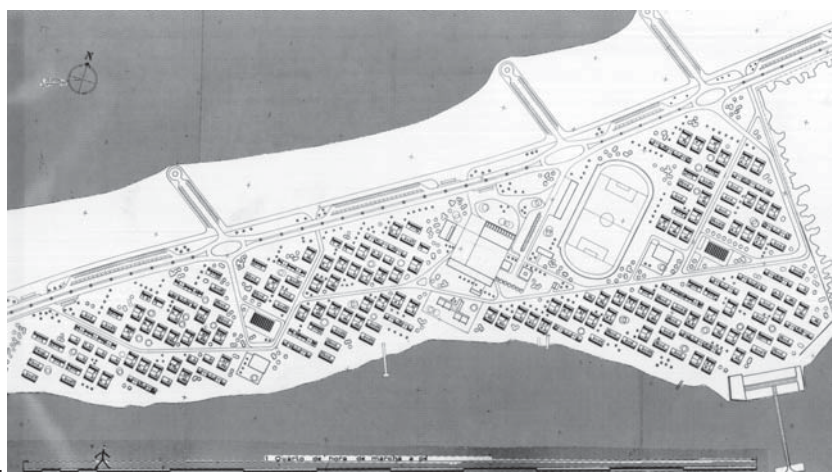
63. UNIDADE DE VIZINHANÇA Nº1, BAIRRO DO PRENDA, SIMÕES DE CARVALHO (1963-1965)



64. CORTES DO BLOCO RESIDENCIAL TIPO A, UNIDADE DE VIZINHANÇA Nº1, SIMÕES DE CARVALHO



65. PLANTA DO BLOCO RESIDENCIAL TIPO A, UNIDADE DE VIZINHANÇA Nº1, SIMÕES DE CARVALHO



66. PLANTA DO 2º ALDEAMENTO DO BAIRRO DE PESCADORES, SIMÕES DE CARVALHO (1963)

Planos Parcelares que configurariam o Plano Director da cidade. Nele estava manifesta, por exemplo, a oposição do arquitecto relativamente ao conceito da cidade ser atravessado por vias de circulação rápida, característica das cidades-jardim, “devendo os percursos ser realizados por vias periféricas, criando assim duas lógicas distintas, a dos grandes eixos viários e a dos pequenos percursos”.⁸⁶ Embora o Plano Director não tivesse sido totalmente sancionado foram postas em prática directivas que promoveram a construção de novos bairros com autonomia a nível de equipamentos e de um sistema viário que dividiu Luanda em duas zonas: a Norte, onde estava localizado o sector industrial e portuário; a Sul, expandiu-se a construção habitacional.⁸⁷

A equipa que trabalhou no Gabinete de Urbanização⁸⁸ elaborou um conjunto de unidades de vizinhança no Bairro do Prenda para dar uma maior consolidação da malha urbana à medida que a cidade ia ocupando as áreas periféricas. Dentro das únicas duas que chegaram a ser concretizadas,⁸⁹ a que mais se destacou foi a Unidade de Vizinhança nº1 (1963-1965), com aproximadamente 1150 apartamentos, estando alguns deles projectados segundo uma tipologia triplex, desenvolvida a partir da duplex criada por Le Corbusier nas suas Unités d’Habitation.

Simões de Carvalho tentou introduzir uma atitude progressista de integração racial, contrariando o pensamento da altura, pois, até então, a comunidade nativa costumava habitar as zonas não-urbanizadas na periferia da cidade. Planeados originalmente para serem preenchidos por 2/3 de habitantes negros e 1/3 brancos, esta situação acabaria por se inverter por vontade do Governador-General Deslandes, o qual considerava que para persuadir a população europeia a ocupar as Unidades de Vizinhança, seria essencial que esta não se encontrasse em minoria.⁹⁰

Para além destes projectos, o desenvolvimento do Plano Director contou, também, com outras intervenções como foi o caso do bairro de pescadores na ilha de Luanda, dos centros governativo e desportivo da cidade e da modernização da Mutamba.

⁸⁶ Fonte, Maria Manuela – “Urbanismo e Arquitectura em Angola – de Norton de Matos à Revolução”, Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, UTL|FA, 2007, p.186-187

⁸⁷ Cf. Fernandes, José Manuel – “Simões Carvalho: Urbanista de Angola” in “Arquitectos do Século XX”, Edições Caleidoscópio, 2006, p. 181

⁸⁸ Fernão Simões de Carvalho, durante a sua chefia do Gabinete de Urbanização de Luanda (1959-1961), orientou um grupo de trabalho constituído por: oito arquitectos (António Campino, Domingos Silva, Luís Taquelim da Cruz, Fernando Alfredo Pereira, Rosas da Silva, Vasco Morais Soares, José Pinto da Cunha e Fernando Alfredo Pereira), três engenheiros, um topógrafo, um artista plástico e um maquetista, sem contar com o pessoal administrativo. in Idem

⁸⁹ Simões de Carvalho, apesar de ter assinado o projecto de implantação para a Unidade de Vizinhança nº3, esta só viria a ser construída após a sua saída de Angola, tendo o projecto de arquitectura sido desenvolvido por outra pessoa.

⁹⁰ Cf. Carvalho, Fernão Simões – Entrevista realizada a 26 de Setembro de 2011

Quando se iniciaram as primeiras operações militares em Angola em 1961, a população de Luanda rondava os duzentos mil habitantes, mas com o crescimento rápido que se verificou neste período, esse número acabaria por triplicar até à data da independência. Foi graças à estratégia delineada pelos diversos Planos Parcelares, que foi possível manter uma progressão racionalizada na expansão da cidade, perante um elevado crescimento demográfico.⁹¹

⁹¹ Cf. Magalhães, Ana – “Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975”, Edições Tinta da China, 2009, p. 31

Capítulo 3

Arquitecto Vasco Vieira da Costa

«Exemplo de rectidão, respeito e seriedade que fez dele um homem do tempo e dos lugares em que viveu.»

Manuel Correia Fernandes, 1984⁹²

⁹² Fernandes, Manuel Correia – “Vasco Vieira da Costa, Arquitecto Angolano (1911-1982)”, prefácio de “Luanda plano para a cidade satélite Nº3: Concurso para obtenção do diploma de arquitecto (1948)”, ESBAP e DAFEUA, 1984, p. 8



67.

VASCO VIEIRA DA COSTA NA SUA JUVENTUDE



68.



69.

EXPOSIÇÃO-FEIRA ANGOLA DE 1938



70.

VASCO VIEIRA DA COSTA NA IDADE ADULTA



71.

SIR LESLIE PATRICK ABERCROMBIE

3.1. FORMAÇÃO ACADÉMICA (1911-1948)

Um dos membros mais importantes da emergente geração africana foi o arquitecto Vasco Vieira da Costa. Nascido em Aveiro a 12 de Março de 1911, foi para Angola com poucos meses de idade. Após concluir o liceu, considerou ir para a Alemanha estudar engenharia civil, mas por motivos financeiros, este plano nunca viria a ser concretizado. Começou, então, por exercer a profissão de agrimensor, o que lhe permitiu viajar pelo vasto território angolano. Todavia, acabaria mais tarde por se tornar um funcionário para a alfândega de Luanda.⁹³

A primeira intervenção oficial de Vieira da Costa encontra-se registada na ficha técnica da Feira-Exposição de Angola, realizada em 1938, pelo Governador-Geral de Angola, na altura o Coronel António Lopes Mateus. Segundo o que se pôde verificar durante a pesquisa, Vieira da Costa participou nas obras desta exposição (iniciadas em Outubro de 1937) na qualidade de “chefe dos serviços técnicos”, tendo recebido elogios⁹⁴ pelo trabalho prestado na realização do esboço que deu origem à implantação do certame.⁹⁵ O seu desempenho na exposição foi de tal modo apreciado que acabou por receber um prémio sob a forma de uma bolsa de estudos para ingressar no Curso de Arquitectura da ESBAP, para onde vai em 1940.⁹⁶

No início de 1945,⁹⁷ após a conclusão da parte curricular do curso, Vieira da Costa é encorajado por Carlos Ramos, seu professor na ESBAP, a ir para a *University College London* aprender urbanismo com Leslie Patrick Abercrombie.⁹⁸ Todavia, neste período, a capital inglesa estava a ser alvo de constantes bombardeamentos dos mísseis V1 e V2 alemães, o que levou a um adiamento dos planos de Vieira da Costa. Ainda assim, o Arquitecto decidiu viajar para Paris, entretanto já libertada pelas forças

⁹³ Cf. Vieira da Costa, Mário; Vieira da Costa, Lucien – Entrevista realizada no dia 16 de Março de 2012.

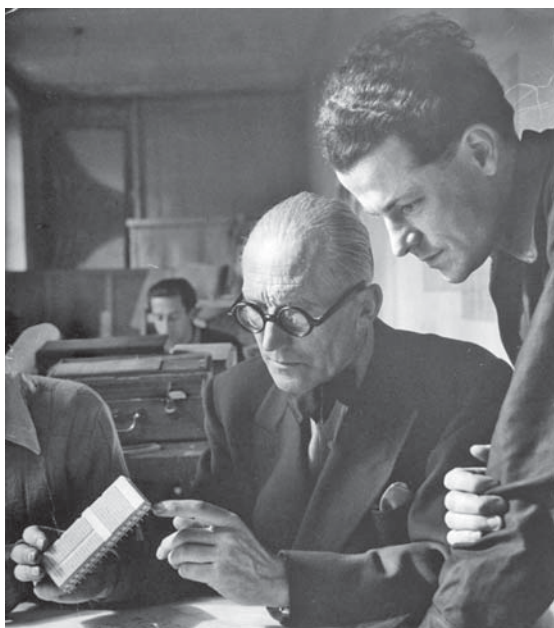
⁹⁴ “Funcionário aduaneiro artista de elevado merecimento” in “Exposição-Feira de Angola 1938”, Luanda: Agência Técnica de Publicidade, 1938, p.3

⁹⁵ Fernandes, José Manuel – “Geração Africana: Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975”, Livros Horizonte, 2001, p.85

⁹⁶ Cf. Quintão, José – “Vasco Vieira da Costa 1911-1982” in “Arquitectura Pintura Escultura Desenho, Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto”, Universidade do Porto, 1987, p.138

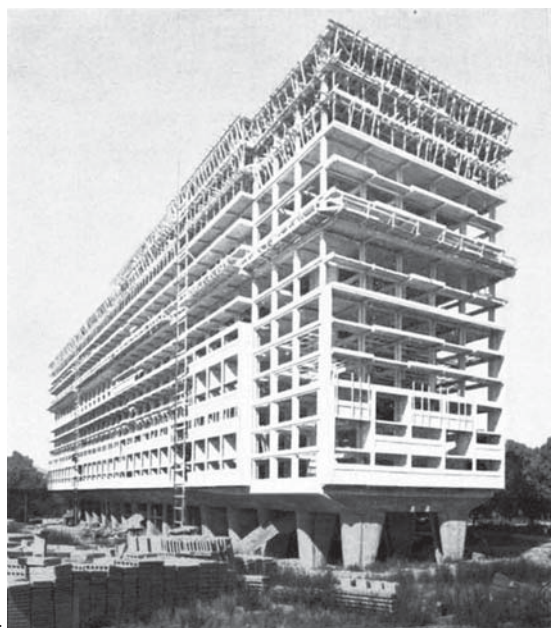
⁹⁷ Esta data é discutível, pois apesar de se encontrar mencionada na tese “Geografia de um Lugar: Luanda e a Arquitectura de Vasco Vieira da Costa” de Margarida Quintã e no texto “Ensino de Arquitectura: uma experiência de cooperação entre duas escolas” da ESBAP, entra em conflito com o texto escrito por José Quintão em 1987 para o Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, no qual refere Julho de 1946 como a data em que Vieira da Costa concluiu a parte curricular do curso.

⁹⁸ Sir Leslie Patrick Abercrombie (1879-1957) foi um arquitecto e urbanista britânico que ganhou notoriedade com o projecto de reestruturação de Dublin em 1916 e mais tarde em 1944 com o plano de reconstrução de Londres, parcialmente destruída pelos bombardeamentos da 2ª Guerra Mundial, o qual ficou conhecido por “Abercrombie Plan”. Em 1945 recebeu o título de cavaleiro.



72.

LE CORBUSIER E ANDRÉ WOGENSKY



73.

CONSTRUÇÃO DA *UNITÉ D'HABITATION* DE MARSELHA



74.

BARBARA E VASCO VIEIRA DA COSTA

Aliadas no ano anterior,⁹⁹ na esperança de que, quando a situação na Inglaterra acalmasse, fosse mais fácil deslocar-se para lá. Todavia, como os bombardeamentos continuaram, ele resolveu permanecer na capital francesa onde se matriculou, a 29 de Novembro de 1945, no Instituto de Urbanismo da Faculdade de Ciências de Paris. Para esse efeito, o Professor Francisco Joaquim Lopes (1886-1956), director da Escola do Porto, ajudou Vieira da Costa a estabelecer contactos com o Director do Instituto Francês em Portugal e com Presidente do Instituto da Alta Cultura, enaltecendo as qualidades do aluno de maneira a que este pudesse usufruir de todos os benefícios associados ao estatuto de Bolseiro do Governo Francês, os quais acabou por obter.¹⁰⁰

Foi neste período que Vieira da Costa iniciou o estágio no atelier de Le Corbusier. Como não existe qualquer informação concreta relativamente aos projectos em que participou activamente durante a sua passagem pela *Rue de Sévres*, torna-se apenas possível conceber suposições a partir de uma comparação entre datas.¹⁰¹ A opinião do autor desta tese de mestrado defende que o estágio terá começado logo após a chegada de Vieira da Costa a Paris e concluído no momento da sua inscrição no Instituto de Urbanismo de Paris. Segundo o que se verificou em consulta, durante este período estavam a ser desenvolvidos vários projectos de cariz urbanístico neste gabinete, nomeadamente: os planos de urbanização de *Saint-Gaudens* (1945), de *Saint-Dié* (1945-46), de *La Rochelle La Pallice* (1945-47). Para além destes havia igualmente outros projectos como, por exemplo, a *Unité d'habitation* em Marselha (1945-1952). Esta última terá seguramente influenciado a formação de Vieira da Costa dado o facto de ser “o elemento morfológico fundamental de organização dos planos urbanos realizados nesta época no atelier”.¹⁰² Enquanto se encontrava em Paris, recebeu no ano de 1947 o prémio de urbanística “Câmara Municipal do Porto”, relativo ao biénio 1944/45.¹⁰³

Esta fase da vida de Vieira da Costa foi de grande importância tanto a nível profissional como pessoal. Foi também em Paris que conheceu e se apaixonou por uma estudante norte-americana chamada Barbara Gratz-Carr com quem acabaria por se casar. Barbara tinha recebido uma bolsa para

⁹⁹ A 19 de Agosto de 1944

¹⁰⁰ Cf. Quintão, José – “Vasco Vieira da Costa 1911-1982” in “Arquitectura Pintura Escultura Desenho, Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto”, Universidade do Porto, 1987, p.138

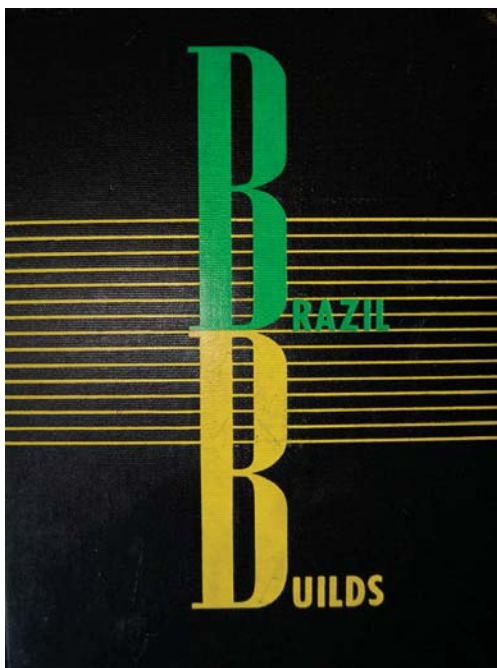
¹⁰¹ No entanto, o Arquitecto José Quintão é da opinião que Vieira da Costa trabalhou somente em projectos do ponto de vista urbanístico. in entrevista realizada no dia 9 de Dezembro de 2011.

¹⁰² Quintã, Maria Margarida – “Geografia de um Lugar: Luanda e a Arquitectura de Vasco Vieira da Costa”, Prova de Licenciatura, ESBAP, 2007, p. 77

¹⁰³ Cf. Quintão, José – “Vasco Vieira da Costa 1911-1982” in “Arquitectura Pintura Escultura Desenho, Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto”, Universidade do Porto, 1987, p.138



75. PLANO VOISIN, LE CORBUSIER (1925)



76. CARTAZ DA EXPOSIÇÃO BRAZIL BUILDS (1943)



77. EDIFÍCIO GUSTAVO CAPANEMA, RIO DE JANEIRO, LÚCIO COSTA E EQUIPA (1936-1945)

estudar História de Arte na Universidade de Sorbonne, tendo este curso despertado nela um grande interesse por África e pelas suas culturas. Este foi mais um dos motivos que levou Vieira da Costa a abandonar definitivamente a ideia de viver em Londres.¹⁰⁴

Para além de Vieira da Costa, apenas outros dois arquitectos portugueses tiveram o privilégio de trabalhar no círculo próximo de Le Corbusier. Foram eles, Nadir Afonso (de 1946 a 1948, e novamente, de 1950 a 1951) e Fernão Lopes Simões de Carvalho (de 1955 a 1959).¹⁰⁵ Enquanto Vieira da Costa e Simões de Carvalho continuaram a exercer a sua actividade mais tarde em Angola, Nadir Afonso, foi-se desligando da arquitectura para se dedicar à arte, tendo, ainda assim, trabalhado antes no atelier de Oscar Niemeyer. A obra destes três arquitectos não conseguiu influenciar a cultura arquitectónica da Metrópole, mas sim a das colónias africanas, onde a ausência de construções pré-existentes nesses territórios libertava os arquitectos de constrangimentos na introdução das teorias corbusianas, as quais assentavam numa ideia de “tábua rasa”, como é o caso do Plano Voisin (1925).

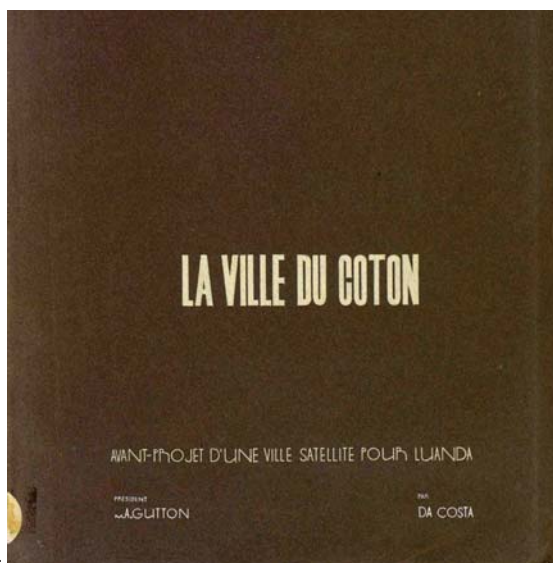
É importante referir que foi nesta altura que o Museum of Modern Art de Nova Iorque montou a exposição “*Brazil Builds – Architecture New and Old 1652-1942*” (1943) onde foram exibidos vários projectos exemplares da adaptação da linguagem arquitectónica moderna ao clima tropical, entre os quais, o Edifício Gustavo Capanema (mais conhecido por lá funcionar o Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro), o qual, na altura, ainda se encontrava em construção.¹⁰⁶ Como já foi mencionado anteriormente no primeiro capítulo da dissertação, o catálogo desta exibição impulsionou a arquitectura moderna brasileira para um nível de reconhecimento mundial como nunca antes visto, o que acabou por facilitar a aceitação de uma nova linguagem arquitectónica nas antigas colónias portuguesas em África. Ora, um acontecimento com o destaque internacional que teve o *Brazil Builds* não teria certamente passado despercebido a um arquitecto de índole modernista como Vieira da Costa, o qual apesar de se encontrar de momento a trabalhar em Paris, viria a desenvolver todos os seus futuros projectos em condições geográficas muito idênticas às dos projectos presentes nessa exposição.¹⁰⁷

¹⁰⁴ Cf. Fernandes, Manuel Correia – Entrevista realizada no dia 2 de Dezembro de 2011

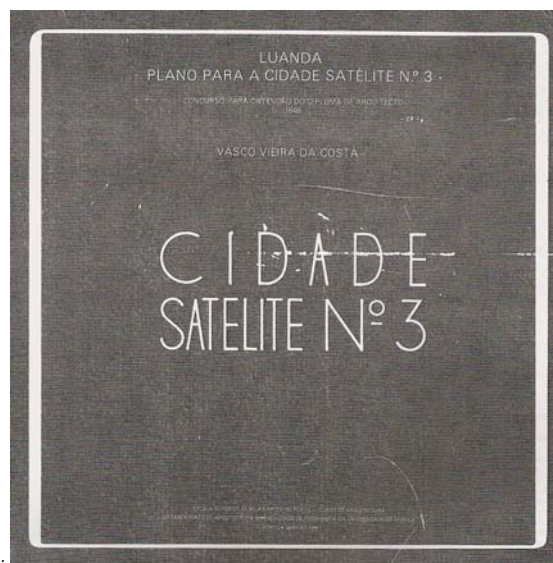
¹⁰⁵ Cf. Milheiro, Ana Vaz; Nunes Jorge – “Le Corbusier e os portugueses”, in revista “*arq/a*”, Julho|Agosto 2008, p.40

¹⁰⁶ Esta obra foi realizada por uma equipa de arquitectos brasileiros constituída por Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Affonso Eduardo Reidy, Ernani Vasconcellos e Jorge Machado Moreira. O grupo ainda convidou Le Corbusier para ser consultor da obra – *Il est beau, votre project* – exclamou quando conheceu o projecto final do edifício.

¹⁰⁷ Cf. Quintã, Maria Margarida – “Geografia de um Lugar: Luanda e a Arquitectura de Vasco Vieira da Costa”, Prova de Licenciatura, ESBAP, 2007, p. 76

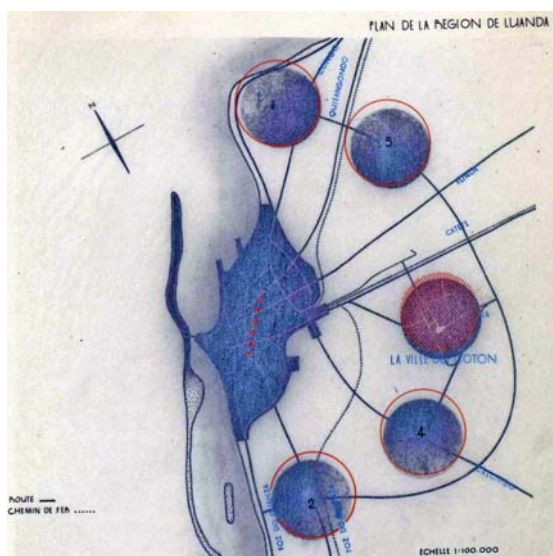


78.



79.

CAPAS DAS TESES APRESENTADAS POR VIEIRA DA COSTA EM PARIS E NO PORTO



80

REPRESENTAÇÃO DE VIEIRA DA COSTA DO PLANO DE URBANIZAÇÃO DE LUANDA DESENVOLVIDO POR ÉTIENNE DE GRÖER E DAVID MOREIRA

3.2. CODA: CIDADE SATÉLITE Nº3 (1948)

Vasco Vieira da Costa concluiu o curso de urbanismo na Sorbonne em 1948 com o desenvolvimento de uma tese intitulada *“La Ville du Coton: avant-projet d’une ville satellite pour Luanda”*, a qual foi orientada pelo Professor André Gutton. Esta dissertação foi a mesma usada pelo Arquitecto aquando do seu regresso à ESBAP ainda nesse ano, a fim de apresentar o Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA) tendo sido denominada “Cidade Satélite nº3: anteprojecto duma cidade satélite para Luanda”.

Esta tese deu origem a uma situação inédita, pois foi a primeira, na história da Escola do Porto, a abordar a temática do urbanismo, tendo sido necessário efectuar uma solicitação prévia de modo a obter o consentimento por parte da Direcção Geral do Ensino Superior para que esta pudesse ser apresentada.¹⁰⁸

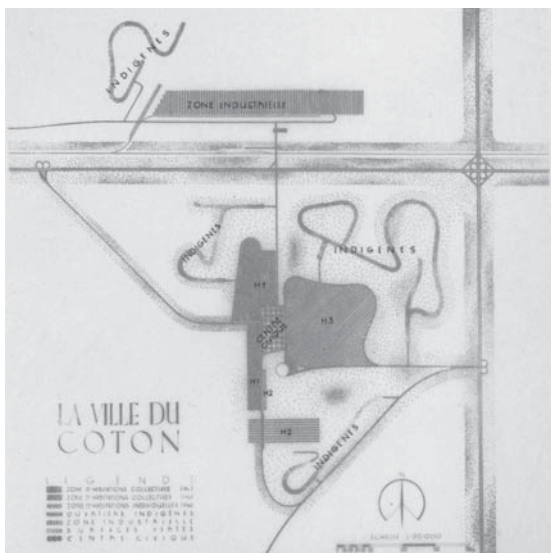
Vieira da Costa usou o Plano de Urbanização desenvolvido em 1942 por Étienne de Gröer e David Moreira da Silva como ponto de partida para a elaboração de um “simples esquisso de concepção mais ideal do que prática”¹⁰⁹ sobre a terceira cidade satélite presente nesse plano. No entanto, a sua interpretação deste aglomerado divergia da dos autores de 1942, no sentido em que considerava que não devia servir apenas uma função de cidade dormitório, mas sim a de um conjunto auto-suficiente composto por uma indústria de tecelagem e de desgranação do algodão que utilizaria dos recursos locais.

O Arquitecto começa por esclarecer que só um colono tem a noção de como lidar com os elementos adversos à condição humana neste território, entre os quais, o clima e as condições precárias de higiene associadas aos agregados indígenas. Este último factor, caso não fosse regularmente avaliado, podia levar ao aparecimento de epidemias, o que constituía um risco considerável para a saúde dos habitantes europeus.

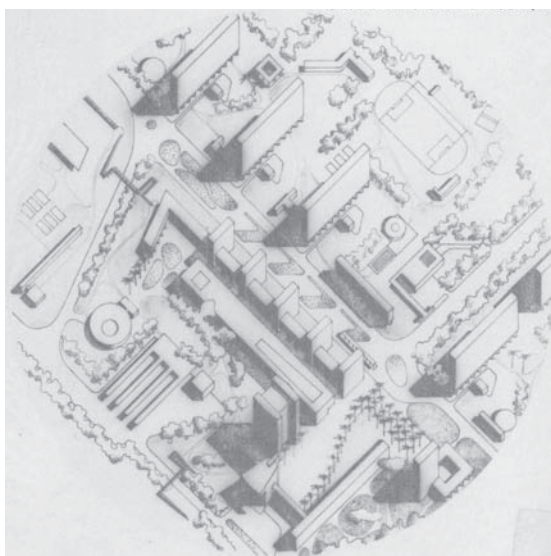
De seguida, aborda os atributos do planeamento eficiente de uma cidade colonial, cuja disposição devia ter como objectivo aproximar as populações indígenas que, por sua vez, iam ocupando lentamente a envolvente do núcleo central estabelecido pelos colonos, de maneira a fornecerem a mão-de-obra necessária para o desenvolvimento do comércio e indústrias locais.

¹⁰⁸ Cf. Quintão, José – “Vasco Vieira da Costa 1911-1982” in “Arquitectura Pintura Escultura Desenho, Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto”, Universidade do Porto, 1987, p.138

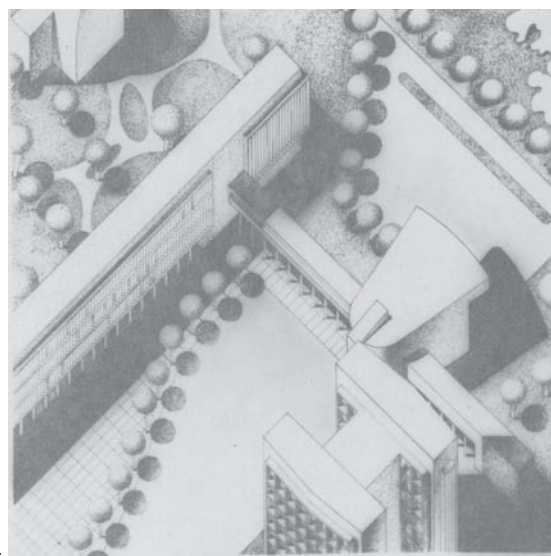
¹⁰⁹ Costa, Vasco Vieira da – “Luanda plano para a cidade satélite Nº3: Concurso para obtenção do diploma de arquitecto (1948)”, ESBAP e DAFEUA, 1984, p. 19



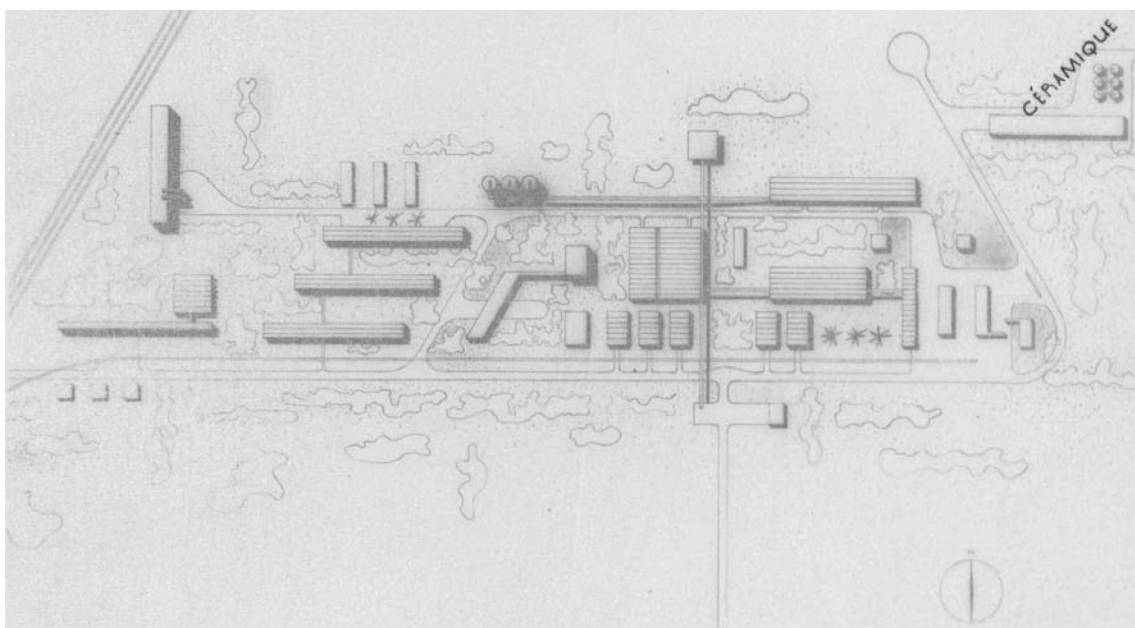
81. PLANO DE ZONEAMENTO



82. PERSPECTIVA CAVALERA DO CENTRO CÍVICO



83. PORMENOR DO CENTRO CÍVICO



84. ZONA INDUSTRIAL

«Compete pois ao europeu criar no indígena necessidades de conforto e de uma vida mais elevada, impelindo-o assim ao trabalho que o levará a fixar-se, e o que facilitará a obtenção de uma mão-de-obra mais estável.»¹¹⁰

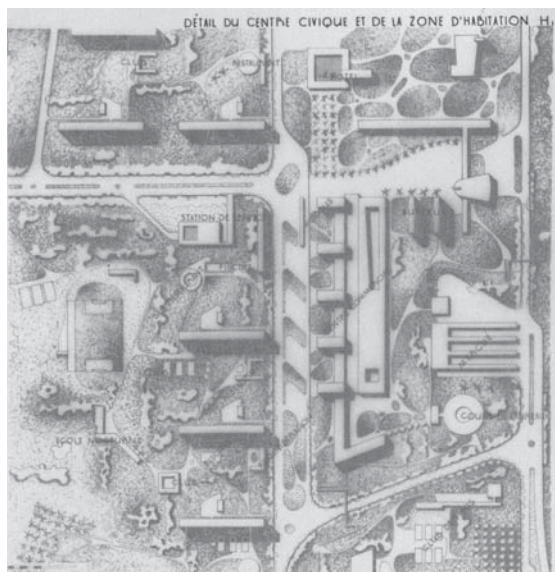
Contudo, apesar da proximidade dos bairros autóctones, foram tomadas em consideração medidas de prevenção sanitárias como, por exemplo, a implantação desses bairros numa posição de sotavento em relação às zonas residenciais europeias. Para além disso, havia sido estabelecido entre os dois aglomerados uma banda verde composta por uma zona arborizada, com intuito de servir de obstáculo à deslocação dos insectos, que representavam um dos principais veículos de propagação de doenças.

A dissertação reflecte a influência corbusiana adquirida pelo Autor durante a temporada passada na Rue de Sèvres, estando nela presentes elementos da ideologia moderna promulgada pela Carta de Atenas em 1943. Tal como aconteceu no Plano Voisin, a cidade satélite estava dividida em diversos sectores, cada um com uma função específica:

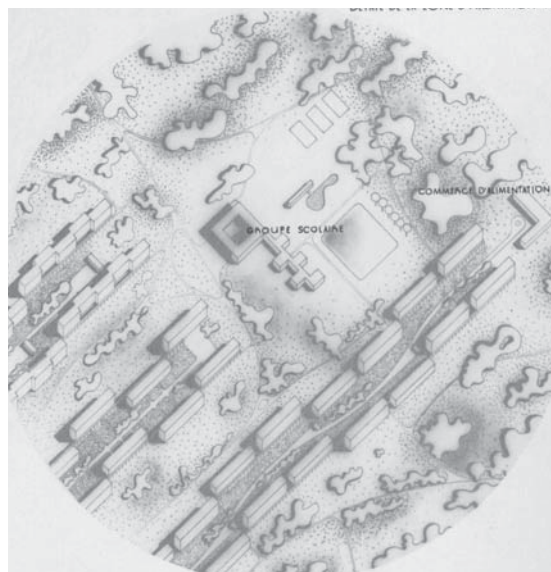
- A) Centro Cívico e Social
- B) Zona Industrial
- C) Zonas Residenciais
- D) Espaços Livres
- E) Zona Rural

Relativamente às zonas residenciais, o Arquitecto realçou o modo como os elementos naturais que actuam na área de intervenção, nomeadamente a orientação solar e os ventos dominantes, deviam influenciar a implantação dos edifícios, a qual necessita de estar alinhada com o eixo nascente-poente. Do mesmo modo, era proposta a elevação dos edifícios através de pilotis, de maneira a permitir a passagem do vento pelo piso de contacto com o solo. Ao aplicar esta técnica, o Arquitecto conseguia prevenir a transmissão do aquecimento por radiação nocturna e de doenças causadas por insectos e parasitas, melhorando, assim, a qualidade de vida dos habitantes.

¹¹⁰ Idem, p.49-50



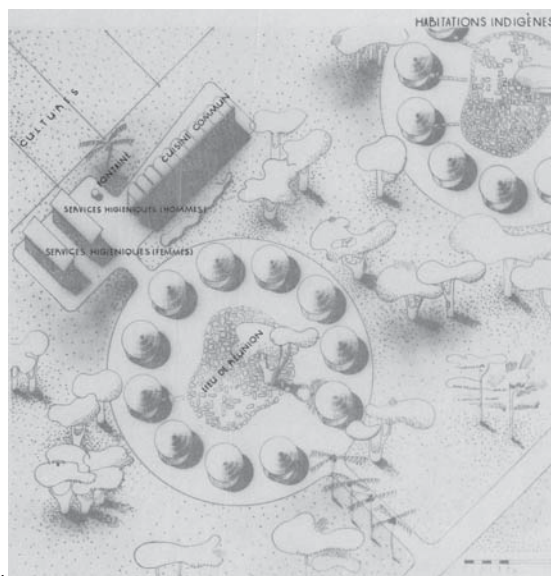
85. PORMENOR DO CENTRO CÍVICO E DA ZONA DE HABITAÇÃO H1



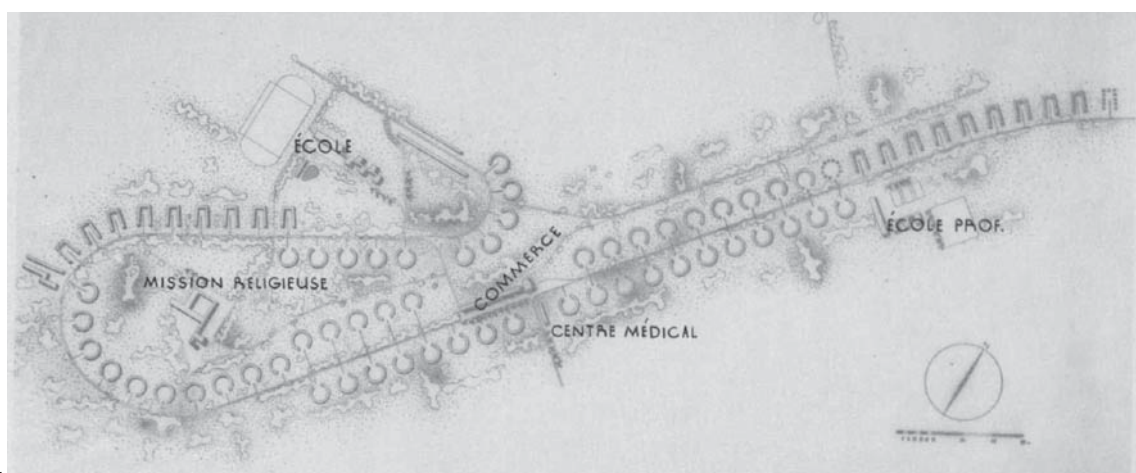
86. PORMENOR DA ZONA DE HABITAÇÃO H2



87. PORMENOR DO CENTRO CÍVICO E DA ZONA DE HABITAÇÃO H3



88. HABITAÇÕES INDÍGENAS



89. UM BAIRRO INDÍGENA

A Cidade Satélite nº3 tinha sido planeada para 40.000 habitantes, dos quais 25.000 constituíam a população considerada *civilizada* e os restantes 15.000 a *não civilizada*.¹¹¹ As zonas residenciais deste espaço urbano estavam organizadas de acordo com o agregado familiar. O Arquitecto propunha que o alojamento dos celibatários, que representavam 80% da população luandense em 1948,¹¹² fosse efectuado em unidades de habitação de 12 andares, com um afastamento de 120 m entre si, os quais acabariam por definir a zona residencial H1. Para casais sem filhos ou com um filho seria criada uma outra zona (H2) com edifícios de 4 andares interligados por passagens cobertas. Por fim, os casais com mais de um filho (H3) eram colocados numa *Unité de Voisinage* de moradias familiares.

Na periferia eram estabelecidas zonas residenciais H4 para a população indígena. Estas eram compostas por agrupamentos de 10 a 12 cubatas (habitações tradicionais construídas com materiais de carácter provisório), cada grupo possuindo acesso a água potável, serviços higiénicos, um lavadouro, incineração de lixo, sistema de esgotos e uma cozinha coberta.

Ao nível da circulação, o anteprojecto antecipava três redes viárias primárias: a circulação rápida, lenta e para peões. O conceito de “rua corredor”, característica proveniente do desenho urbanístico dos séculos anteriores, e que servia de acesso simultâneo tanto ao comércio como à habitação, foi abandonado em favor de vias específicas para cada função. A rua comercial torna-se, assim, exclusiva para os peões e caracteriza-se por ser coberta e pelo facto dos prédios que a delimitam a poente serem construídos sobre pilotis para promover o arejamento deste espaço.

Conclui-se por estas palavras que o plano para a cidade satélite pode ser igualmente interpretado como um guia orientador no processo da colonização, exibindo, para além dos ideais racionalistas da Carta de Atenas, o etnocentrismo característico da cultura europeia que procurava expandir-se pelo território africano.

¹¹¹ A população *civilizada* abrangia não só os colonos europeus como também os indígenas assimilados.

¹¹² Cf. Costa, Vasco Vieira da – “Luanda plano para a cidade satélite Nº3: Concurso para obtenção do diploma de arquitecto (1948)”, ESBAP e DAFEUA, 1984, p.57



90.

O MERCADO DO KINAXIXE NA ALTURA DA INAUGURAÇÃO



91.

O "PRÉDIO TOTOBOLA" NOS ANOS 1960



92.

O "PRÉDIO TOTOBOLA" ACTUALMENTE

3.3. ACTIVIDADE EM ANGOLA E A CRIAÇÃO DO CURSO DE ARQUITECTURA (1949-1982)

Depois de obter o diploma de curso a 17 de Fevereiro de 1949,¹¹³ Vieira da Costa regressou a Angola, onde integrou os Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Luanda, entidade que lhe tinha oferecido a bolsa para a sua licenciatura. No decorrer desta fase, recebeu em 1950 a encomenda do Mercado do Kinaxixe – a sua primeira obra pública. No entanto, com o passar dos anos, os conflitos que foi acumulando com a “difícil máquina municipal da antiga colónia (...), normalmente «crivo» fatal do trabalho do arquitecto”,¹¹⁴ fizeram com que fosse despedido.¹¹⁵ Consta que uma dessas divergências envolveu o projecto do Mercado do Kinaxixe, no qual Vieira da Costa, após ter apresentado o ponto da situação do plano para o mercado, ficou estupefacto com a atitude do Presidente da Câmara, quando este lhe disse que o próprio se encarregaria de fazer os alçados. A indignação foi tanta que ele saiu da Câmara assim que teve a oportunidade, mas não antes de ter concluído o projecto.¹¹⁶ É possível depreender, com base neste episódio, que a sociedade luandense demonstrava uma generalizada falta de compreensão sobre o que era a linguagem moderna quando esta começou a ser introduzida nas colónias.

A partir desse momento, Vieira da Costa inicia a sua actividade como profissional liberal ao instalar o seu gabinete no sétimo piso do popular “Prédio do Totobola” situado na Avenida dos Restauradores (actual Av. Rainha Ginga), o qual foi projectado pelo Arquitecto António Campino.¹¹⁷ O apartamento era em tipologia “duplex” à semelhança da *Unité d’Habitation* de Marselha, onde o espaço da *mezzanine* estava reservado para os arquitectos, enquanto os desenhadores ocupavam o piso inferior.

Neste gabinete viveram-se tempos de muita actividade complementados por pequenos eventos que marcavam a rotina do dia-a-dia e que ficaram na memória da equipa de desenhadores e arquitectos que aí trabalharam. Vieira da Costa, à medida que ia desenvolvendo os projectos, tinha

¹¹³ Cf. Quintão, José – “Vasco Vieira da Costa 1911-1982” in “Arquitectura Pintura Escultura Desenho, Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto”, Universidade do Porto, 1987, p.138

¹¹⁴ Real, Troufa – “O Arquitecto Vasco Vieira da Costa”, in Jornal “Arquitectos”, Agosto 1982, p.20

¹¹⁵ Durante a entrevista com os filhos do Arquitecto Vieira da Costa, Mário e Lucien, teve-se conhecimento que o motivo que levou ao despedimento do pai esteve relacionado com a sua recusa em querer aprovar o projecto do Cinema-Miramar por não concordar com a implantação do mesmo. Este acabaria por ser projectado mais tarde pelos irmãos João e Luís Garcia de Castilho em 1964.

¹¹⁶ Cf. Fernandes, Manuel Correia – Entrevista realizada no dia 2 de Dezembro de 2011

¹¹⁷ António Nunes e Silva Campino (1917-1997) trabalhou na Câmara Municipal de Luanda em 1961. Após a independência entra na administração do Estado de Angola, tendo regressado a Portugal durante os anos 1990. Entre as suas obras mais notáveis encontram-se o Prédio Totobola, o edifício Auto-Avenida, o Comando Naval de Luanda e o Hotel Presidente.



93. ANANGOLA - ASSOCIAÇÃO DOS NATURAIS DE ANGOLA, VIEIRA DA COSTA (1963)



94. EDIFÍCIO DA MUTAMBA (ACTUAL MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS), VIEIRA DA COSTA (1968)



95. ARQUITECTO VASCO VIEIRA DA COSTA A SAIR DO LABORATÓRIO DE ENGENHARIA DE ANGOLA

por hábito, ao fim-de-semana, visitar o local onde estavam a ser construídos para tirar apontamentos e ponderar sobre soluções a adoptar sem que ninguém o perturbasse. Por sua vez, durante as horas de expediente ao longo da semana, enviava emissários às obras de maneira a acompanhar o progresso das mesmas, nomeadamente o Sr. Cardoso, um desenhador que aparecia regularmente no escritório ao anoitecer para discutir com o Arquitecto os problemas a resolver e levar as soluções consigo para o local da construção no dia seguinte.

«Era um momento pelo qual ansiávamos muito porque víamos o Vieira da Costa a reagir face às notícias do que calhava bem, do que calhava mal, etc. O Sr. Cardoso, neste caso, era uma espécie de “pião das nicas”! Coitado do homem...»¹¹⁸

Dentro do atelier, Vieira da Costa era conhecido por ter uma conduta muito profissional, assente no rigor do projecto e na firmeza das suas convicções. Contudo, procurava instruir os jovens arquitectos que passavam pelo seu gabinete com os saberes que adquirira ao longo do seu percurso de vida. Segundo os testemunhos de quem por lá passou, o Arquitecto aconselhava-os de “todos os cuidados e cautelas (...) de que um arquitecto se devia reunir por forma a poder actuar sem os riscos (...) numa terra tão difícil de exercer a profissão como era aquela naquele tempo”.¹¹⁹ Entre as pessoas que receberam estes ensinamentos encontram-se os arquitectos: Troufa Real, Manuel Correia Fernandes, José Quintão, António Madureira, a esposa de Michel Toussant Alvares de Pereira e Teresa Saint-Maurice, entre outros.

Durante a primeira metade dos anos 1960,¹²⁰ iniciou uma colaboração com o Laboratório de Engenharia de Angola (LEA), criado no ano 1961.¹²¹ Desempenhou a função de consultor ao longo de 20 anos, tendo, neste período, realizado o projecto dos restantes pavilhões que compõem actualmente o laboratório, cujas obras iniciaram em 1965.¹²² Foi a partir deste momento que Vieira da Costa passou a repartir o seu dia de trabalho por gabinetes diferentes, deslocando-se de manhã para o LEA e, de

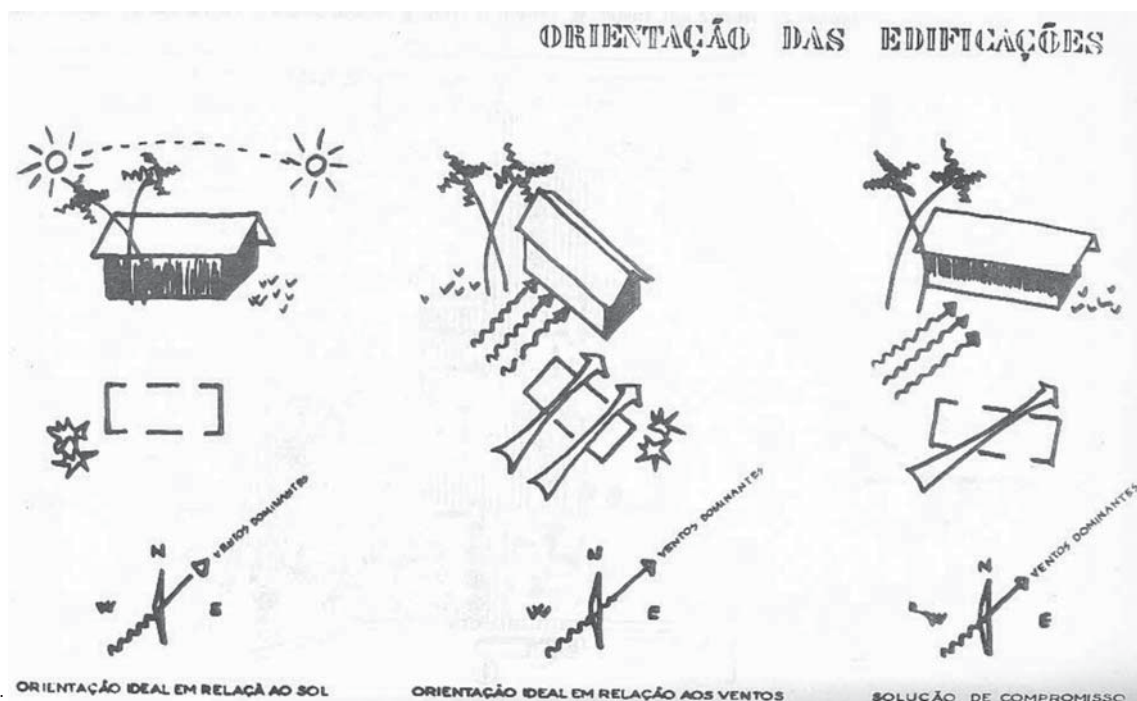
¹¹⁸ Fernandes, Manuel Correia – Entrevista realizada no dia 2 de Dezembro de 2011

¹¹⁹ Real, Troufa – “O Arquitecto Vasco Vieira da Costa”, in Jornal “Arquitectos”, Agosto 1982, p.20

¹²⁰ Cf. Vieira da Costa, Mário; Vieira da Costa, Lucien – Entrevista realizada no dia 16 de Março de 2012.

¹²¹ Cf. Tavares, A. Barata – “O Centro de Documentação Técnica do L.E.A. e a Estrutura Científico-Técnica de Angola” in “Segundas Jornadas de Engenharia e Arquitectura do Ultramar: Comunicações, vol. IV”, 1969, p.380

¹²² Cf. Magalhães, Ana; Gonçalves, Inês – “Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975”, Tinta da China Edições, 2009, p. 195



DESENHO REPRESENTATIVO DA SOLUÇÃO DE COMPROMISSO DEFENDIDA POR VIEIRA DA COSTA

tarde, para o seu atelier na Av. dos Restauradores. Esta rotina durou até à independência, altura em que fechou definitivamente as portas do seu escritório e passou a trabalhar num “pequeno gabinete do LEA cedido pelo Director Guerra Marques”.¹²³

Em 1969, enquanto urbanista colaborador do LEA, participou nas Segundas Jornadas de Engenharia e Arquitectura do Ultramar em Luanda, tendo escrito para a ocasião um texto intitulado “Breves considerações sobre o urbanismo tropical em zonas rurais”. Passados 20 anos após ter escrito Cidade Satélite nº3 e já com alguma experiência adquirida dos projectos realizados em território angolano, o Arquitecto procurou centrar a discussão nas “noções-base e (...) recomendações que deverão ser consideradas no estudo da organização e traçado geral das povoações e regedorias nas regiões de clima quente e húmido”.¹²⁴

Apesar do seu texto se referir a aglomerados rurais, os princípios propostos pelo Autor baseiam-se em alguns aspectos já referidos no seu CODA, como a separação entre circulação automóvel e pedonal, a divisão da cidade em centro, habitação e espaços livres e, por fim, a implantação dos edifícios de acordo com a acção do sol (ideal, segundo o sentido nascente-poente) e dos ventos dominantes (ideal, assumindo uma orientação perpendicular ao sentido em que sopram).

Relativamente ao último ponto, em situações onde a direcção dos ventos dominantes entra em conflito com o alinhamento do edifício segundo o eixo nascente-poente, o Arquitecto propõe a utilização de “uma solução de compromisso, que permita que a maior fachada seja (embora obliquamente) varrida pelos ventos, sem que no entanto uma grande superfície das suas paredes fique exposta aos raios solares”.¹²⁵ Para finalizar Vieira da Costa mencionou ainda três elementos a ter em consideração na projecção do aglomerado:

- Implantar as edificações de maneira que umas não venham a impedir a ventilação das outras;
- Deixar entre dois volumes de construção vizinhos a distância necessária para facilitar a ventilação das edificações situadas mais atrás;
- Evitar que as edificações sejam atingidas pela irradiação reflectida ou difundida por paredes próximas ou pelos arruamentos que as servem.

¹²³ Rodrigues, Francisco Castro – Entrevista realizada no dia 26 de Setembro de 2011

¹²⁴ Costa, Vieira da – “Breves Considerações sobre o urbanismo tropical em zonas rurais” in “Segundas Jornadas de Engenharia e Arquitectura do Ultramar: Comunicações, vol. IV”, 1969, p.302

¹²⁵ Idem, p.308

Este texto tornou-se, portanto, mais um manifesto que cumpre as funções modernistas destinadas ao contexto urbanístico nos territórios de clima tropical.

Com a entrada na década de 70, o espírito de mudança presente tanto na sociedade colonial, como no campo da arquitectura e urbanismo (que se deveu, em grande parte, ao Encontro Nacional de Arquitectos de 1969 em Lisboa¹²⁶) levou à colocação de novas questões como, por exemplo, a importância da arquitectura realizada nos trópicos. Atento a este ambiente inovador, Vasco Vieira da Costa aceitou, em 1974, o convite para se tornar Delegado da recém-criada Secção de Angola do Sindicato Nacional dos Arquitectos. O seu nome fora sugerido pelo Arquitecto Francisco Castro Rodrigues, depois do próprio ter recusado assumir esse cargo.¹²⁷

Seguidamente, recebeu do Reitor da Universidade de Angola Ivo Ferreira Soares¹²⁸ um convite feito pelo Ministro da Educação José Veiga Simão a oferecer-lhe a oportunidade de criar o primeiro curso de arquitectura em Angola, à semelhança do que já tinha sido proposto para Moçambique. Vieira da Costa requisitou a ajuda do Arquitecto Manuel Correia Fernandes (que trabalhava no seu atelier desde Dezembro de 1969) e juntamente com participações pontuais dos Arquitectos Troufa Real e Júlio Saint-Maurice elaboraram a primeira proposta do curso. Todavia, Vieira da Costa tinha algumas hesitações quanto a esse plano, pois sabia que teria de corresponder a um modelo que não era o que tinha em mente, nomeadamente o que estava a ser adoptado em Lourenço Marques (actual Maputo) e que se resumia a uma réplica do modelo usado em Portugal.¹²⁹

A proposta de Vieira da Costa era no sentido de conceber um curso de arquitectura apoiado pela criação de um Instituto de Urbanismo destinado à realização das pós-graduações e especializações. Os princípios fundadores deste curso estavam organizados em seis pontos:¹³⁰

¹²⁶ Realizado entre os dias 6 e 8 de Dezembro, o Encontro Nacional de Arquitectos de 1969 (ENA 1969), teve como objectivo reflectir sobre o papel dos arquitectos dentro do novo ambiente que se seguiu às eleições legislativas promovidas pelo Estado Novo no mesmo ano, também conhecido por “Primavera Marcelista”.

¹²⁷ Cf. Rodrigues, Francisco Castro; Dionísio, Eduarda – “Um Cesto de Cerejas”, Casa da Achada – Centro Mário Dionísio, 2009, p. 446

¹²⁸ Reitor da Universidade de Luanda entre 1966 e 1974 *in* Mendes, António Martins – “Universidade de Luanda – apontamento histórico” *in* Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias, Vol. 101, Nº 559-560, 2006, p.157-161

¹²⁹ Cf. Fernandes, Manuel Correia – Entrevista realizada no dia 2 de Dezembro de 2011

¹³⁰ Cf. Idem – “Vasco Vieira da Costa, Arquitecto Angolano (1911-1982)”, prefácio de “Luanda plano para a cidade satélite Nº3: Concurso para obtenção do diploma de arquitecto (1948)”, ESBAP e DAFEUA, 1984, p. 7

MEMÓRIAS DE UM MERCADO TROPICAL

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA
UNIVERSIDADE DE ANGOLA - GABINETE DO REITOR

Exmo. Senhor Arquitecto
MANUEL CORREIA FERNANDES
Rua Aires de Ornelas 15/2/c
PORTO - PORTUGAL

Nº referência: N.º consultação: N.º referência: Cota Postal:
295 2 / 1007 22.11 22.11 1979

ASSUNTO:

Estando a República Popular de Angola decidida a apelar a fase de Reconstrução Nacional e a criação das infraestruturas técnicas e humanas que possam garantir o desenvolvimento do País, o Governo da R.P.A. propõe-se pôr em funcionamento o Curso de Arquitectura.

Considerando o facto de não existirem experiências neste domínio e havendo a necessidade de uma troca ampla de impressões e conhecimentos sobre esta problemática, vem a Reitoria da Universidade de Angola planificando a realização de um encontro entre vários especialistas com o objectivo de em debates e colóquios possibilitar informações que nos conduzam a propostas para a materialização das preocupações que temos neste domínio.

Assim tem a Reitoria da Universidade de Angola o grato prazer de e convidar a participar nesses debates sobre a programação do Curso de Arquitectura.

Este convite é também um agradecimento à forma sincera e desinteressada pelo Senhor Arquitecto em estar disposto a ajudar o Povo Angolano a superar as grandes dificuldades com que se debate.

Assim é nossa ideia destinar a semana que vai de 29 a 25 de Agosto para os debates e colóquios.

.../...

4) Ministério, Direcção, Repartição ou Serviço. D. 1 - 2 - 41 - 34-88 - 2

97.

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA
UNIVERSIDADE DE ANGOLA - GABINETE DO REITOR

Outras informações serão fornecidas pela Comissão Instaladora do Curso.

Com os mais respeitosos cumprimentos.

GABINETE DO REITOR DA UNIVERSIDADE DE ANGOLA, EM LUANDA,
AOS 26 DE JULHO DE 1979 - " ANO DA FORMAÇÃO DE QUADROS "

O REITOR,
Augusto Lopes Teixeira

EL/773

98.

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA
UNIVERSIDADE DE ANGOLA
CURSO DE ARQUITECTURA

EXCELENTÍSSIMOS SENHORES
ARQ. ALEXANDRE ALVES DA COSTA
ARQ. MANUEL CORREIA FERNANDES

Acusamos a recepção da vossa carta datada de 2 de Setembro de 1981, que só recentemente chegou às nossas mãos, e que acompanhava as propostas de programa para as disciplinas de Iniciação a Arquitectura e Construção I e II, Arquitectura e Desenho I e II e Construção e Ambiência I e II.

Mesmo bastante tardadamente não queremos deixar de agradecer, muito sensibilizados, o interesse que continuam dedicando ao nosso curso de Arquitectura.

As vossas frequentes e múltiplas contribuições têm sido sempre muito apreciadas por todo o corpo docente do Departamento que as considera como algo que de inestimável validade pedagógica para a estruturação do nosso jovem curso.

A riqueza de vossa experiência e o conhecimento que esforçada, mas muito conscienciosamente, têm vindo a adquirir da peculiar realidade Angolana, despertam às vossas, sempre oportunas, contribuições e sugestões um prestígio que se tem vindo a acentuar desde o início do precioso apoio que a vossa Escola nos tem vindo a assegurar.

Esperando que, dentro do espírito do acordo de cooperação entre a Universidade do Porto e a Universidade de Angola, a cooperação entre as nossas Escolas continue a aprofundar-se no sentido do desenvolvimento do ensino superior e da Investigação Científica na República Portuguesa e na República Popular de Angola,

apresentamos os nossos melhores cumprimentos.

Luanda, 26 de Fevereiro de 1982.

O DIRECTOR DA FACULDADE DE ENGENHARIA
José Mendes Basto Leitão
- JOSÉ MENDES BASTO LEITÃO -

99.

DIGITALIZAÇÕES DE CARTAS RECEBIDAS PELOS ARQUITECTOS MANUEL CORREIA FERNANDES E ALEXANDRE ALVES COSTA ENTRE 1979 e 1982 PARA FORMAR O CURSO DE ARQUITECTURA EM ANGOLA.

- Participação activa dos alunos na gestão da escola, uma ideia revolucionária para a altura;
- Conjunto de disciplinas integrando de matérias devidamente coordenadas;
- Matérias a serem obrigatoriamente definidas em cada ano escolar por um conselho pedagógico;
- Equilíbrio entre o ensino de carácter teórico e o ensino de carácter prático;
- Realização de seminários;
- Actividade experimental, quer individual, quer de grupo.

Como seria de prever, o governo português não concedeu autorização para avançar com este projecto. Contudo na era pós-independência, em 1979, é convidado por Augusto Lopes Teixeira¹³¹ e Ambrósio Lukoki¹³² para concretizar o seu sonho de longa data: a inauguração do Curso de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola (FEUA). Para este efeito, Vieira da Costa contou novamente com o apoio de Manuel Correia Fernandes e os dois convidaram os Arquitectos Alexandre Alves Costa, Nuno Portas e Frank Svensson para formar a equipa que coordenou o primeiro plano de estudos durante um seminário, que, apesar de inicialmente planeado entre os dias 20 e 25 de Agosto de 1979, só se veio a realizar entre os meses de Setembro e Outubro.¹³³ Esse seminário teve uma forte participação, não só por parte de angolanos interessados, como também de estrangeiros convidados e procurou estabelecer as primeiras hipóteses de funcionamento, constituir o corpo docente e redigir a componente curricular do curso.¹³⁴

Vieira da Costa aproveitou, ainda, os contactos feitos durante o tempo que passou na ESBAP para convidar professores da Escola do Porto a visitar o novo departamento de Arquitectura e auxiliar na elaboração do programa geral do curso. Este episódio marcou o início de uma longa cooperação entre a FEUA e a ESBAP. De entre os vários docentes da Escola do Porto que viajaram para Angola com o objectivo de leccionar neste curso destacam-se os professores: Alexandre Alves Costa, José Manuel Soares, Júlio Saint-Maurice, Henrique de Carvalho, Luísa Brandão, Maria

¹³¹ Reitor da Universidade de Angola em 1979.

¹³² Ministro da Educação do Governo Angolano entre 1977 e 1980.

¹³³ Esta data foi retirada de acordo com as indicações da publicação “Ensino de Arquitectura: uma experiência de cooperação entre duas escolas” da ESBAP, mas segundo o Arquitecto Manuel Correia Fernandes na entrevista concedida no dia 2 de Dezembro de 2012, esse seminário realizou-se oito dias depois da morte do Presidente angolano Agostinho Neto (a 10 de Setembro de 1979), tendo durado três ou quatro dias.

¹³⁴ Cf. Fernandes, Manuel Correia – Entrevista realizada no dia 2 de Dezembro de 2011

Manuel Pinto de Oliveira, Rui Manuel de Lima Pinto e Sérgio Fernandez. Em anexo, encontra-se uma lista com datas de acontecimentos importantes e o plano de estudos do curso retirados da publicação “Ensino de Arquitectura: uma experiência de cooperação entre duas escolas” da ESBAP.

3.4. A HERANÇA DE UM ARQUITECTO TROPICAL (1982-2012)

O mestre da arquitectura tropical morreu a 19 de Março de 1982, no Porto, “com 71 anos de idade, desgostoso, muito cansado e doente apenas deixara Angola, terra onde vivia e queria morrer para se vir tratar a Portugal.”¹³⁵ A sua morte marcou o fim de uma carreira de grande riqueza profissional que se estendeu por mais de 30 anos, caracterizada por um grande reportório com obras de qualidade, com especial destaque para as que possuíam programas de cariz social. Estas obras encontram-se listadas cronologicamente em apêndice.

Os projectos de Vasco Vieira da Costa espelham os princípios inerentes da corrente funcionalista, adquiridos durante a sua formação académica no Porto e em Paris, sem representarem, no entanto, uma “transcrição literal da cartilha”¹³⁶ corbusiana. Portanto, ao transportar esta experiência europeia para o continente africano, o Arquitecto concebeu uma linguagem formal modernista que possibilitou uma resposta exemplar a muitos problemas provenientes da adaptação ao meio tropical. As suas ideias permitiram-lhe, assim, ocupar uma posição de relevo no debate sobre as metodologias arquitectónicas correctas a serem aplicadas em África, com o intuito de proporcionar a comodidade desejada pela população colonial.

No seu entender, a construção em climas tropicais devia assentar essencialmente em dois pontos.

O primeiro, na implantação ponderada dos edifícios considerando a interacção destes com recursos naturais existentes nesse “meio” de maneira a proporcionar uma sensação de bem-estar sem ter de recorrer a sistemas de climatização artificiais.

O segundo, na economia de meios para atingir esses mesmos objectivos. Ao examinar as suas obras é possível verificar que a clareza estrutural e a fluidez do espaço, indispensáveis numa arquitectura eficiente como a sua, não foram alcançadas através de elevados gastos financeiros, mas sim pela “excelência da forma como se montam as peças de arquitectura”.¹³⁷

Apesar da mentalidade racional de Vieira da Costa dar prioridade à relevância destas questões no seu vocabulário arquitectónico, ela nunca limitou a linguagem formal dos seus edifícios. O Arquitecto

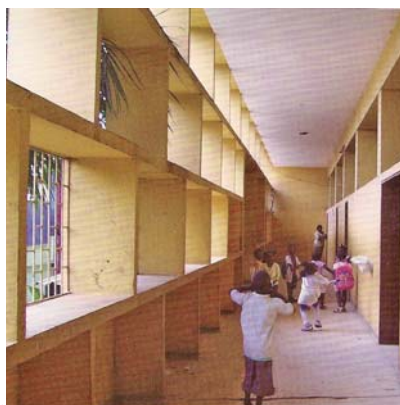
¹³⁵ Real, Troufa – “O Arquitecto Vasco Vieira da Costa”, in Jornal “Arquitectos”, Agosto 1982, p.20

¹³⁶ Fernandes, Manuel Correia – “Vasco Vieira da Costa, Arquitecto Angolano (1911-1982)”, prefácio de “Luanda plano para a cidade satélite Nº3: Concurso para obtenção do diploma de arquitecto (1948)”, ESBAP e DAFEUA, 1984, p. 8

¹³⁷ Idem – Entrevista realizada no dia 2 de Dezembro de 2011



100.



101.



102.

VARIAÇÕES DE TIPOLOGIAS DE SOMBREAMENTO UTILIZADAS POR VIEIRA DA COSTA NO EDIFÍCIO DA MUTAMBA, ANANGOLA E TORRE SECIL

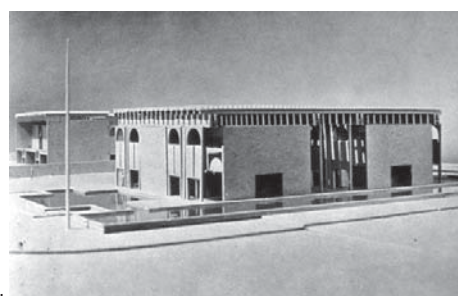


103.

LOUIS ISADORE KAHN

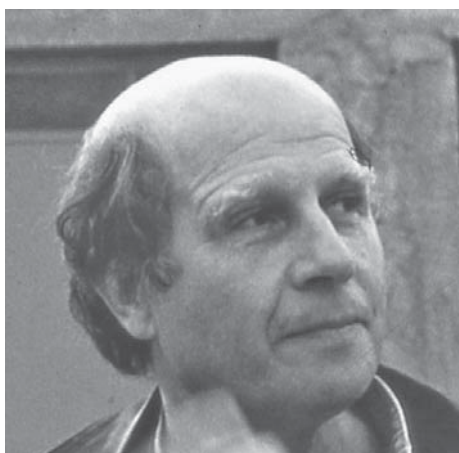


104.



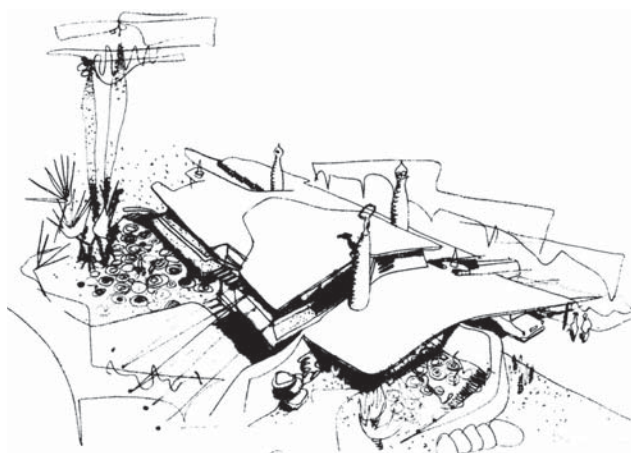
105.

PROJECTO DO CONSULADO AMERICANO, LUANDA, LOUIS KAHN (1963)



106.

AMÂNCIO "PANCHO" GUEDES



107.

CASA AVIÃO, LOURENÇO MARQUES/Maputo, PANCHO GUEDES (1951)

esforçava-se, sobretudo, por ser autêntico na concepção de cada projecto, recusando-se a empregar tipologias que, por sua vez, já tivessem sido reproduzidas por outros arquitectos para responder a uma determinada situação. Esta ambição levou-o a gerar um conjunto de obras que apesar de recorrerem frequentemente ao uso dos mesmos componentes construtivos de sombreamento e ventilação (como grelhas, palas, etc.), estes eram aplicados de uma maneira singular, o que providenciava a cada um destes edifícios uma expressão distinta. Basta observar o desenho de obras como o Mercado do Kinaxixe, o Edifício da Mutamba, a Anangola ou a Torre Secil.

O rigor e empenho demonstrados pelas suas obras ao longo dos anos tornaram-no numa referência obrigatória na cultura arquitectónica africana. A sua notoriedade no meio angolano era tão grande, que o arquitecto Louis Kahn, quando foi contratado para projectar o Consulado dos Estados Unidos da América em Luanda no ano de 1963, fez questão de o visitar e com ele passar longas horas em conversa.¹³⁸

Porém, a obra de Vieira da Costa, assim como grande parte da produção arquitectónica portuguesa feita no continente africano neste período não teve grande visibilidade além-fronteiras. Em primeiro lugar, foi vítima de uma política de “isolacionismo” implementada pelo Estado Novo após a Segunda Guerra Mundial como resposta à pressão internacional para que atribuisse a independência às colónias. O único caso de excepção foi o de Amâncio “Pancho” Guedes, que foi mencionado por Udo Kultermann em *“New Directions in African Architecture”* publicado no ano 1969.¹³⁹ Para além disso, ao nível interno notou-se em 1957, nomeadamente com a nova gerência na revista *Arquitectura* que passou a ser dirigida por Carlos Duarte,¹⁴⁰ uma mudança nos gostos dos arquitectos da Metrópole, os quais abandonaram o Movimento Moderno em favor de um Movimento Organicista, como já foi referido no primeiro capítulo. Em suma, numa altura em que o Estilo Internacional do Movimento Moderno procurava estabilizar-se nas colónias, em Portugal, já era considerado ultrapassado.

Vieira da Costa apesar de nunca se ter envolvido activamente em movimentos políticos era uma pessoa ideologicamente desalinhada do regime salazarista, demonstrando uma empatia especial para com a linha política de Agostinho Neto e Pinto de Andrade do Movimento Popular da Libertação

¹³⁸ Cf. Real, Troufa – “O Arquitecto Vasco Vieira da Costa”, in *Jornal “Arquitectos”*, Agosto 1982, p.20

¹³⁹ É de referir que Udo Kultermann quando publicou *“New Architecture in Africa”* em 1963 tinha uma ideia errada sobre a produção arquitectónica portuguesa nas colónias africanas, identificando apenas a presença de um *“colonial style”*, quando na altura já se fazia obra moderna. in Milheiro, Ana Vaz – “Opúsculo 15: As Coisas não são o que parecem que são”, Dafne Editora, Porto, 2008, p. 10 -11

¹⁴⁰ Cf. Milheiro, Ana Vaz – “Experiências em Concreto Armado na África Portuguesa: Influências do Brasil”, in *Revista “Pós – Revista do Programa de Pós-Graduação e Urbanismo da FAUUSP”*, nº25, Junho 2009, p. 73



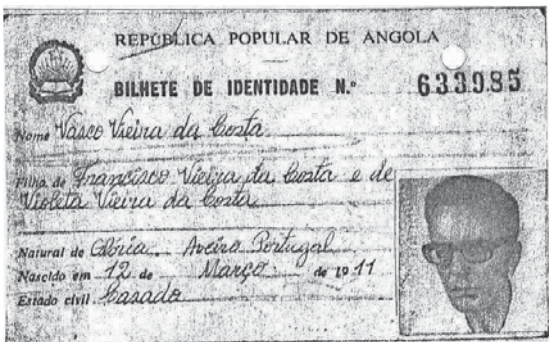
108. VASCO VIEIRA DA COSTA, "AFRICANO PURO"



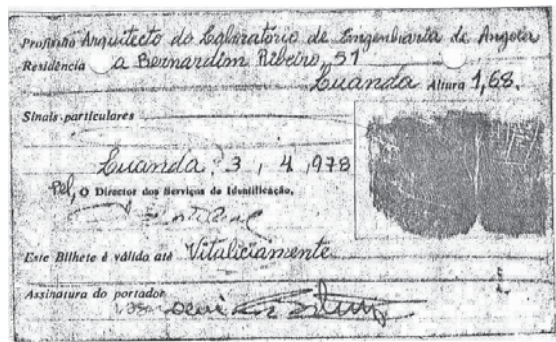
109. O BAIRRO DA CAOP



110. FOTOGRAFIA DA RUA BERNARDIM RIBEIRO, ONDE O ARQUITECTO VIVEU



111. BILHETE DE IDENTIDADE ANGOLANO DE VASCO VIEIRA DA COSTA



112.

de Angola (MPLA), pois “acreditava que Angola devia ser dos angolanos”.¹⁴¹ Assim, quando se dá a independência em 1975, Vieira da Costa, acompanhando o ambiente festivo do renascimento de Angola, nutre dentro de si uma necessidade de se tornar útil ao país, participando no desenvolvimento de novas estruturas.¹⁴² Todavia, as necessidades imediatas do povo angolano, após os dez anos de guerra colonial que percorreram o território, deitaram por terra o desejo deste arquitecto urbanista concretizar a ideia elaborada no seu CODA e transformar Luanda à imagem da Cidade Satélite nº3.

Vieira da Costa era, acima de tudo, um “africano puro”,¹⁴³ com um amor incondicional pela terra que o acolheu, Angola, a que “aludia como o último paraíso terrestre”.¹⁴⁴ Os seus tempos livres eram passados regularmente fora da cidade, apreciando o esplendor da fauna e da flora da savana africana na companhia da sua esposa Barbara. Esta postura reflecte-se numa expressão característica sua, a qual é recordada pelo Arquitecto José Quintão, com quem trabalhou entre 1971-75:

*«Oh filho, não vale a pena viver em África e não “viver” África.»*¹⁴⁵

Após a independência adoptou prontamente a nacionalidade angolana e nunca colocou a hipótese de abandonar o país, nem mesmo após o início da guerra civil. Nesta altura chegou a ser praticamente o único morador no bairro da CAOP onde vivia junto à Avenida dos Combatentes e no qual, anos mais tarde, se fizeram sentir os bombardeamentos dirigidos ao Quartel-general da União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA) na Avenida João II.¹⁴⁶

Vasco Vieira da Costa merece ser recordado não apenas como um intérprete original do Movimento Moderno, mas principalmente como um arquitecto que nos ensinou, projecto após projecto, como é possível para a arquitectura superar as condições difíceis impostas de um lugar, tornando-se assim, no principal elemento organizador da cidade. Apesar do seu corpo se encontrar no Porto, cidade onde se formou, foi em Angola que o Arquitecto deixou a sua herança retratada num extenso número de obras que marcam o que de melhor se fez na arquitectura colonial portuguesa no século XX.

¹⁴¹ Quintão, José – Entrevista realizada no dia 9 de Dezembro de 2011

¹⁴² Cf. Fernandes, Manuel Correia – “Vasco Vieira da Costa, Arquitecto Angolano (1911-1982)”, prefácio de “Luanda plano para a cidade satélite Nº3: Concurso para obtenção do diploma de arquitecto (1948)”, ESBAP e DAFEUA, 1984, p. 6

¹⁴³ Idem – Entrevista realizada no dia 2 de Dezembro de 2011

¹⁴⁴ Quintão, José – Entrevista realizada no dia 9 de Dezembro de 2011

¹⁴⁵ Idem

¹⁴⁶ Cf. Fernandes, Manuel Correia – Entrevista realizada no dia 2 de Dezembro de 2011

Capítulo 4

Mercado do Kinaxixe

«No cruzamento de inúmeras vias impera a serenidade de uma peça megalómana, francamente moderna, que desenha as ruas e delimita a praça, organizando a cidade.»

Maria Margarida Quintã, 2007¹⁴⁷

¹⁴⁷ Quintã, Maria Margarida – “Geografia de um Lugar: Luanda e a Arquitectura de Vasco Vieira da Costa”, Prova de Licenciatura, ESBAP, 2007, p. 85



113. LARGO DOS LUSÍADAS NO ANO 1955 COM O MERCADO EM CONSTRUÇÃO



114. MERCADO DO KINAXIXE E O MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL DE ANGOLA À DIREITA



115. LARGO DOS LUSÍADAS NO ANO 1968/69 COM O EDIFÍCIO DOS ANTIGOS SERVIÇOS DE AGRICULTURA EM PRIMEIRO PLANO



116. LARGO DOS LUSÍADAS NO ANO 1968/69. ATRÁS DOS ANTIGOS SERVIÇOS DE AGRICULTURA PODE-SE OBSERVAR O "PRÉDIO DA CUCA"

4.1. LOCALIZAÇÃO

A obra insere-se no Largo do Kinaxixe, anteriormente conhecido como Largo dos Lusíadas ou também, Largo Maria da Fonte, devido à figura feminina representada no monumento de desenho Art Déco erguido no mesmo local no ano de 1937 e dedicado aos soldados europeus e africanos que pereceram na Primeira Grande Guerra (1914-1918).¹⁴⁸ Durante este conflito travaram-se combates nos territórios do Sul de Angola que faziam fronteira com a Namíbia, na altura uma colónia alemã.

Este era um dos largos mais conhecidos de Luanda, o qual, para além de marcar o início de uma via importante chamada Avenida dos Combatentes (actual Av. Comandante Valódia), foi acompanhando o crescimento da cidade ao longo dos anos. Durante a década de 1920, a margem Sul do Largo dos Lusíadas assinalava um dos antigos limites da chamada “zona do asfalto” da cidade, sendo que era a partir deste ponto que começava a zona de vegetação e mato.¹⁴⁹

O mercado foi inaugurado em 1958, numa altura em que a envolvente era ainda composta por elementos rurais e o largo possuía uma dimensão mais pequena, estando directamente relacionada com o volume do edifício. Este apresentava a fachada Sul como a principal, estando esta virada para o largo. Porém, à medida que a cidade se foi expandindo e a Avenida dos Combatentes foi ganhando maior importância, novas obras foram realizadas para prolongar as dimensões do largo. Entre essas obras destaca-se a demolição do edifício dos antigos Serviços de Agricultura no ano de 1970, o qual marcava a margem Este do Largo dos Lusíadas.

Durante o mesmo período foram construídas duas obras que também se tornaram importantes para a caracterização deste espaço. A primeira foi o Museu de Angola (actual Museu Nacional de História Natural de Angola) construído em 1956 e, mais tarde, em finais da década de 1960, o bloco de habitação colectiva mais conhecido por “Prédio da Cuca” (recentemente demolido), localizados a Poente e Nascente do mercado, respectivamente. Torna-se pertinente aludir ao modo como a verticalidade do bloco de apartamentos, projectado pelo Arquitecto Luís Taquelim da Silva, contrastava com a horizontalidade do Mercado, contribuindo para a criação de um espaço de qualidade única e cuja monumentalidade partilhada pelo largo e pelo mercado foi essencial na definição da malha urbana de Luanda. A grande extensão do edifício, para além de lhe conferir uma enorme relevância

¹⁴⁸ Cf. Fernandes, José Manuel – “Geração Africana: Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975”, Livros Horizonte, 2001, p. 86

¹⁴⁹ Cf. Salvador, Paulo – “Recordar Angola”, Quetzal Editores, 2004, p. 51

MEMÓRIAS DE UM MERCADO TROPICAL



117.

LARGO DO KINAXE NOS ANOS 1970



118.

CONJUNTOS RESIDENCIAIS E COMERCIAIS PROJECTADOS POR MANOLO POTIER



119. 120. 121.

OS DIFERENTES ELEMENTOS QUE OCUPARAM O PEDESTAL DO LARGO AO LONGO DAS DÉCADAS



122.

DISPOSIÇÃO ACTUAL DAS ESTÁTUAS NO INTERIOR DA FORTALEZA DE S. MIGUEL



123.

ao nível da sua implantação à escala urbana, possibilitou-lhe também destacar-se ao nível do próprio projecto pois:

«più che definire una piazza, si definisce come piazza»¹⁵⁰

É igualmente importante referir os conjuntos residenciais e comerciais desenvolvidos pelo Arquitecto Manolo Potier durante os anos 1960, os quais para além de marcarem o arranque da Av. dos Combatentes (acabando por definir o perfil arquitectónico desta artéria da cidade), contribuíram também para reforçar a presença da arquitectura modernista no Largo do Kinaxixe.¹⁵¹

Com a chegada da independência, a estátua de Maria da Fonte foi demolida e no seu lugar foi colocado um despojo da Guerra Colonial, na forma de um veículo blindado soviético, que por ali ficou durante muitos anos até ser, finalmente, substituído por uma estátua de homenagem à Rainha Nzinga Mbandi.¹⁵² Actualmente, como o Largo do Kinaxixe se encontra em obras, a estátua da Rainha Nzinga foi removida do seu pedestal e colocada na Fortaleza de São Miguel, fazendo assim companhia às representações dos heróis portugueses como Afonso Henriques, Diogo Cão e Paulo Dias de Novais, criadas durante o período colonial.

¹⁵⁰ “Mais que definir uma praça, define-se a si mesmo como uma praça” – Accasto, Gianni, “La perfezione del mestiere: architetture per Luanda di Vasco Vieira da Costa” in “Luanda Progettare per la ricostruzione: La cooperazione universitaria in Angola”, Roma, Gangemi Editore, 1991, p.97

¹⁵¹ Cf. Milheiro, Ana Vaz – “Manolo Potier: o Arquitecto Violinista” in *Jornal Arquitectos* nº 241, 2010, p. 104

¹⁵² A Rainha Nzinga Mbandi (1583-1667), é um símbolo importante do folclore angolano. Ela foi rainha dos reinos do Ndongo e de Matamba, no Sudoeste Africano, durante o século XVII. Perante a ocupação portuguesa revoltou-se, iniciando um período de sucessivos conflitos armados contra os colonizadores, os quais terminaram sempre com a assinatura de um tratado de paz. Durante a assinatura de um desses tratados, ela converteu-se à religião católica e adoptou o nome português de Dona Ana de Sousa. Faleceu aos 84 anos, como uma figura muito respeitada pelos portugueses.



124.
MERCADO DO KINAXIXE, ANOS 1960



125.
ESCRITÓRIOS CASTILHO, LDA., ENGENHEIROS E ARQUITECTOS



126.

4.2. O PROJECTO

Como já foi referido anteriormente, o Mercado do Kinaxixe foi a primeira obra do Arquitecto Vasco Vieira da Costa, após o seu regresso a Angola na qualidade de funcionário camarário. A obra foi encomendada pelo Governador-Geral de Angola, na altura o Capitão José Agapito da Silva Carvalho (que ocupou o cargo desde 1947 até 1955) e de quem o Arquitecto era grande amigo. Esta amizade permitiu a Vieira da Costa tornar-se uma personagem muito influente durante o período colonial. A sua posição era de tal modo importante, que o escritório onde trabalhava estava disposto de uma maneira que se assemelhava a uma antecâmara através da qual se acedia ao gabinete do Governador-Geral.¹⁵³ O projecto foi desenvolvido entre 1950 e 1952, tendo a construção da obra ficado a cargo da empresa “Castilho Lda., Engenheiros e Arquitectos” do Engenheiro António Castilho e do filho Arquitecto João Garcia de Castilho, que a deixou concluída seis anos mais tarde.¹⁵⁴

O Mercado do Kinaxixe era composto por um volume rectangular de betão com sensivelmente cem metros de comprimento por sessenta de largura, o qual se encontrava suspenso, facilitando desta maneira a adaptabilidade do edifício à configuração do terreno que apresenta uma inclinação de aproximadamente 11° (3%). De facto, é possível constatar através da consulta da planta topográfica da zona concedida pela Arquitecta Margarida Quintã (a qual se encontra em anexo) que a cota mais baixa da área de intervenção se situa no canto Noroeste, ou seja, na intersecção da Rua Nossa Senhora da Muxima com a Rua Gamal Abdel Nasser.

O eixo longitudinal de implantação do edifício apresenta uma variação de 13° em relação ao eixo Nascente-Poente, o que por outras palavras, indica que o mercado se insere dentro da lógica defendida por Vasco Vieira da Costa na Cidade Satélite N°3:¹⁵⁵

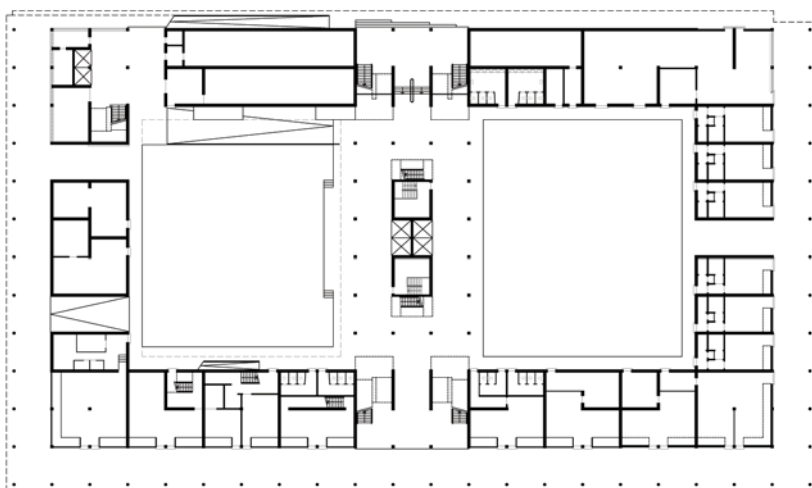
«As fachadas que apresentam as melhores condições de habitação, devem ser expostas a norte e a sul (...) A mais longa fachada deve seguir a direcção este-oeste.»¹⁵⁶

¹⁵³ Cf. Rodrigues, Francisco Castro – entrevista realizada a 26 de Setembro de 2011.

¹⁵⁴ Cf. Fernandes, José Manuel – “Geração Africana: Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975”, Livros Horizonte, 2001, p. 31

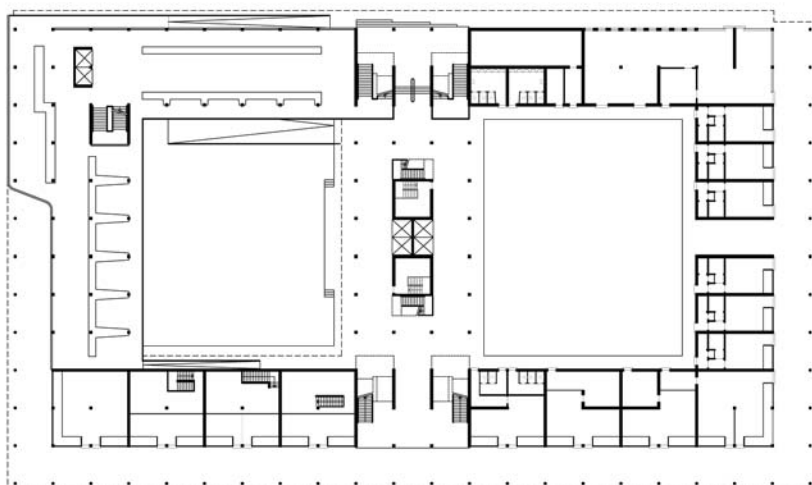
¹⁵⁵ Cf. Quintã, Maria Margarida – “Geografia de um Lugar: Luanda e a Arquitectura de Vasco Vieira da Costa”, Prova de Licenciatura, ESBAP, 2007, pág. 86

¹⁵⁶ Costa, Vasco Vieira – “Luanda plano para a cidade satélite N°3: Concurso para obtenção do diploma de arquitecto (1948)”, ESBAP e DAFEUA, 1984, pág. 65



127.

PLANTA DO RÉS-DO-CHÃO (1:1000)



128.

PLANTA DO PISO INTERMÉDIO (1:1000)



129.

A RAMPA DE ACESSO AO PISO INTERMÉDIO NA RUA NOSSA SENHORA DA MUXIMA



130.

AS PESSOAS NO MIRADOURO DO MERCADO A OBSERVAR AS OBRAS DE RECUPERAÇÃO DOS ESTRAGOS PROVOCADOS PELAS CHEIAS DE 1963

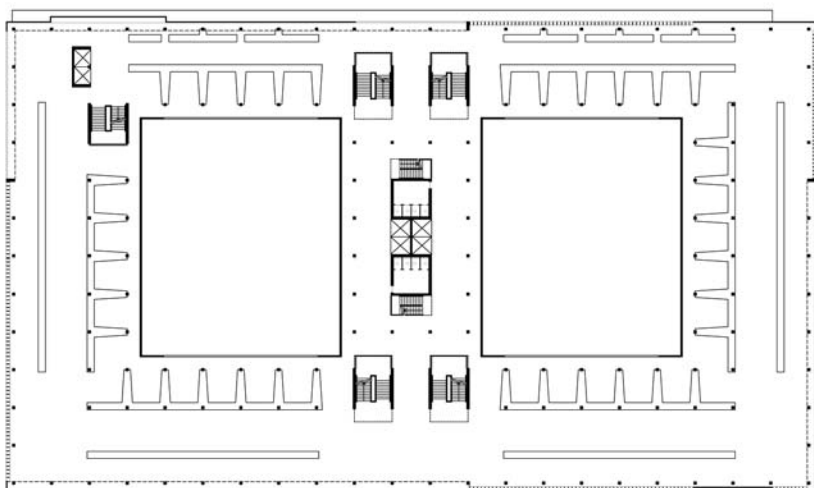
Ao nível da composição, o Mercado organizava-se em torno de dois grandes pátios interiores de cotas distintas, resultantes da já referida inclinação do terreno. Estes eram atravessados por um volume, onde se localizavam acessos verticais através de escadas e elevadores, que permitiam estabelecer a ligação desde o piso da cave, que servia de armazém, até à cobertura habitável. Para além disso, o núcleo interior deste corpo era composto por pequenas divisões correspondentes a serviços ou sanitários, como acontece no piso superior.

Neste volume central estavam igualmente demarcadas as entradas principais do mercado para peões no piso térreo nas fachadas Sul e Norte. Por outro lado, o acesso de veículos para cargas e descargas de mercadorias era feito através das ruas laterais ao Mercado, havendo duas entradas pelo alçado Poente e apenas uma pelo alçado Nascente.

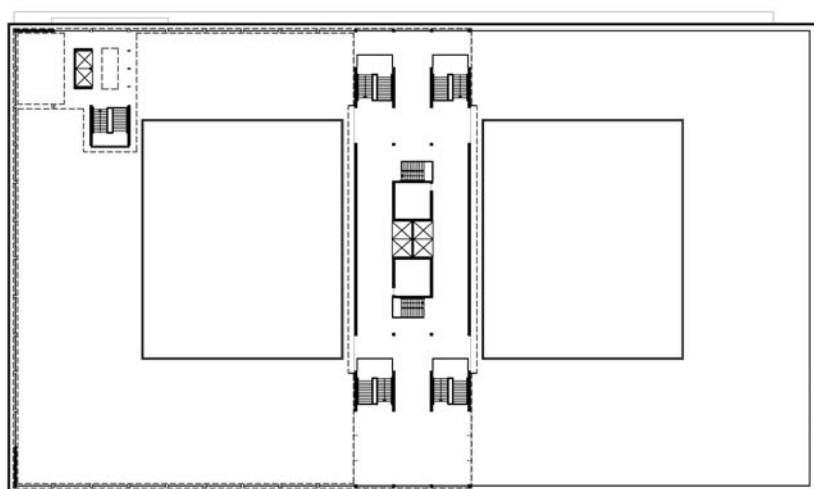
O piso térreo era constituído por lojas viradas para a rua e recuadas em relação à fachada do corpo suspenso, promovendo, assim, uma ideia de continuidade da circulação pedonal e, ao mesmo tempo, possibilitando que a mesma beneficiasse de sombreamento. Foi inserida uma lógica de pé-direito duplo ao longo do rés-do-chão que era interrompida no alçado poente, onde a cota do terreno permitiu a Vieira da Costa desenhar um piso intermédio, o qual, apesar de servir de zona de transição para o piso do mercado e possuir bancas para a exposição de produtos, gozava sobretudo de uma vista panorâmica para a baía de Luanda. Algumas das lojas situadas na esquina Sudeste do piso térreo beneficiavam igualmente do pé-direito superior aí existente, possuindo em determinados casos mais um piso sob a forma de *mezzanine*.

A zona do miradouro era acedida pelo exterior a partir da rua de Nossa Senhora da Muxima. Para concretizar esta ligação, o Arquitecto projectou uma rampa que se estendia ao longo do alçado Norte, o qual também merece algum destaque, pois ignorava o “recuo” adoptado pelos outros três alçados. Existia, contudo, um acesso alternativo a partir do pátio poente através de duas rampas colocadas nas margens Norte e Sul desse espaço, estabelecendo ligações com a plataforma na cota de entrada para peões no rés-do-chão.

O piso superior corresponde ao volume pendente do edifício e é no seu interior que surge o mercado. Este espaço era constituído por galerias com um pé-direito de seis metros, onde a circulação estava influenciada pela disposição das bancas fixas das kitandeiras – nome dado às vendedoras



131. PLANTA DO PISO DO MERCADO (1:1000)



132. PLANTA DO PISO DA COBERTURA (1:1000)



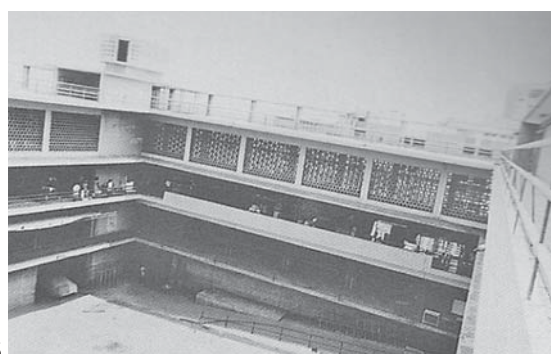
133. INTERIOR DO MERCADO DO KINAXIXE



134.



135. VISTA DA COBERTURA E ALÇADO NASCENTE



136. VISTA PARA O PÁTIO INTERIOR POENTE

angolanas – onde eram colocados os géneros alimentares para venda e, em alguns casos, instalados pequenos restaurantes.¹⁵⁷

As paredes exteriores destas galerias eram totalmente revestidas por *brise-soleils* com a forma de uma grelha de lâminas verticais, as quais permitiam, não só estabelecer um contacto visual e sonoro com a cidade que à sua volta se ia desenvolvendo, como também filtrar a luz que incidia no mercado e promover a ventilação no seu interior. No entanto, a relação para com os dois pátios interiores desfrutava de uma maior abertura, pois as *brise-soleils* que delimitavam os dois espaços, para além de possuírem um formato diferente do anterior (malha composta por padrões hexagonais), encontravam-se elevadas a três metros do chão, proporcionando assim uma vista alargada e sem obstáculos até esse ponto.

Por fim, a partir do último piso, era permitido o acesso à cobertura habitável do mercado, onde estava instalada uma pérgula que envolvia a metade poente deste enorme terraço. Foi possível também identificar no canto Noroeste da cobertura a presença de uma estrutura vertical cuja expressão é influenciada pela linguagem moderna e que tinha como função promover um acesso secundário a este espaço.¹⁵⁸ Estes elementos procuravam salientar a identidade arquitectónica do Mercado do Kinaxixe como uma obra do Movimento Moderno.

Ao nível dos alçados, apesar de todos possuírem quebra-luzes de lâminas verticais que apresentavam um ritmo constante, existiu uma tentativa por parte de Vieira da Costa de quebrar esta monotonia através da modificação das alturas destas grelhas e da introdução de rasgos horizontais e de pequenas caixas de betão coloridas, as quais eram usadas como galinheiros para uso dos comerciantes locais.¹⁵⁹ Estas decisões de natureza decorativa tomadas pelo Arquitecto concederam a cada fachada um carácter único.

A metodologia construtiva do mercado era sustentada por um conjunto de pilares com um afastamento de aproximadamente cinco metros entre si e que iam acompanhando o perímetro do volume suspenso, estando estes ligeiramente recuados em relação à parede. Esta estratégia, nitidamente apoiada nos cinco pontos da Arquitectura Moderna de Le Corbusier, permitiu a Vieira da Costa manipular as plantas e os alçados do projecto sem quaisquer constrangimentos. A iluminação

¹⁵⁷ Cf. “De onde vem essa vontade de bem servir?” in Jornal “Capital”, 16-02-2008

¹⁵⁸ Informação fornecida em conversa com a Arquitecta Ana Magalhães no dia 4 de Novembro de 2011. Museu de Cerâmica em Sacavém.

¹⁵⁹ Cf. Rodrigues, Francisco Castro – entrevista realizada a 26 de Setembro de 2011

MEMÓRIAS DE UM MERCADO TROPICAL



137. VILA SAVOYE, POISSY, LE CORBUSIER, 1928



138. ALÇADO SUL DO MERCADO DO KINAXIXE



139. GALERIA EXTERIOR NO PISO TÉRREO



140.

artificial dentro do piso do mercado seguia a dinâmica regulada pelos pilares, estando instalada nas vigas com os quais se articulavam.

Além do mais, enquanto os pilares do primeiro piso permaneciam ocultos do exterior por acção das *brise-soleils*, os do rés-do-chão encontravam-se expostos ao longo da galeria no piso térreo, onde a sua repetição sucessiva promove uma ideia de cortina, a qual procurava estabelecer uma separação entre o espaço considerado “interior” do Mercado e o espaço exterior. É igualmente possível constatar uma mudança no formato destes pilares em diferentes zonas do projecto, verificando-se que os que se encontram na galeria exterior do rés-do-chão possuíam uma secção circular ao passo que as restantes aparentavam uma secção quadrada.

4.3. VANTAGENS DAS TÉCNICAS CONSTRUTIVAS APLICADAS: LUZ, CALOR E VENTILAÇÃO

Quando em 1961 Louis Kahn esteve em Angola para projectar o Consulado Norte Americano¹⁶⁰ em Luanda o Arquitecto deparou-se com a seguinte situação:

*«Looking at the window was unbearable because of the glare. The dark walls framing the brilliant light outside made you very uncomfortable.»*¹⁶¹

Isto ocorre pois em todos os países cuja latitude se situa entre os Trópicos de Câncer e de Capricórnio, como é o caso de Angola, são afectados por uma iluminação intensa dado a sua proximidade com a linha do Equador, zona do planeta onde o sol irradia mais intensamente. A posição geográfica ocupada por estes países é também caracterizada por uma trajectória solar que permite iluminação tanto a Norte como a Sul, ao longo do ano. Relembrando a informação enunciada no segundo capítulo, durante o mês de Junho, período em que o hemisfério Sul se encontra no Inverno, o sol brilha a Norte de Luanda. De igual modo, no mês de Dezembro, altura em que o mesmo hemisfério desfruta o Verão, o sol surge a Sul. Para além disso, ainda é preciso ter em conta a amplitude solar neste território, a qual é tendencialmente muito baixa durante cerca de um terço do dia, nomeadamente a Este depois do nascer do sol e a Oeste antes do pôr-do-sol. No entanto, durante a restante parte do dia, o sol acaba por adquirir amplitudes bastante elevadas.¹⁶²

Ora, como já foi referido, a solução que Vasco Vieira da Costa arranjou para adaptar o Mercado do Kinaxixe a estas oscilações radicais de amplitude solar, que variavam entre valores muito baixos e muito altos, baseou-se na construção de brise-soleils e nas vantagens funcionais que este elemento construtivo trouxe para o mercado. A utilização de lâminas verticais revelou-se muito eficaz no sombreamento do interior do edifício produzindo melhores resultados quando aplicado nas fachadas Nascente e Poente. A razão dessa eficácia não se deve ao ângulo de incidência vertical dos raios solares, mas sim à trajectória horizontal dos mesmos, uma vez que os raios solares, enquanto oblíquos

¹⁶⁰ Apesar de Louis Kahn ter viajado a Angola a propósito do projecto do Consulado, ele acabou por perder a comissão, tendo este projecto nunca sido realizado.

¹⁶¹ “Olhar pela janela tornava-se insuportável devido à claridade. O enquadramento da luz brilhante vinda do exterior realizado pelas paredes escuras criava desconforto.” – Louis Kahn *in* Latour, Alessandra – “Kahn Writings, Lectures, Interviews”, Rizzoli: New York, 1991, pág. 122. *in* <http://architectureinthelightofday.blogspot.com/2011/02/louis-i-kahn-finding-daylight-in-luanda.html> [acedido a 9 de Novembro de 2011]

¹⁶² Cf. Schwartz, Martin – “Louis I. Kahn: Finding Daylight in Luanda” *in* Idem



141.

BRISE-SOLEILS DO MERCADO DO KINAXI



142.

CORREDOR NORTE DO MERCADO. ATRAVÉS DA POSIÇÃO DAS SOMBRAS É POSSÍVEL PRESUMIR QUE A FOTO TENHA SIDO TIRADA POR VOLTA DO MEIO-DIA



143.

*INTERIOR DO MERCADO SOB O EFEITO DE UMA ILUMINAÇÃO DIFUSA, RESULTADO DA ACÇÃO DAS *BRISE-SOLEILS**

a qualquer uma das fachadas do edifício, são mais facilmente bloqueados por este sistema do que quando assumem um ângulo paralelo ao sentido das lâminas.¹⁶³ Vasco Vieira da Costa procurava iluminar o interior do mercado recorrendo a uma iluminação indirecta, a qual era reflectida pelos quebras-luzes aquando o contacto destes com a radiação solar directa. Como resultado, a luz que acabava por entrar neste espaço era mais difusa, reduzindo assim o nível de contraste existente entre a claridade do exterior e o sombreado do interior do mercado. Esta experiência proporcionou aos seus utilizadores um maior conforto visual.

«It is the aim of good design to reflect away, baffle, intercept or absorb the extremes of heat and light so as to produce a liveable interior.»¹⁶⁴

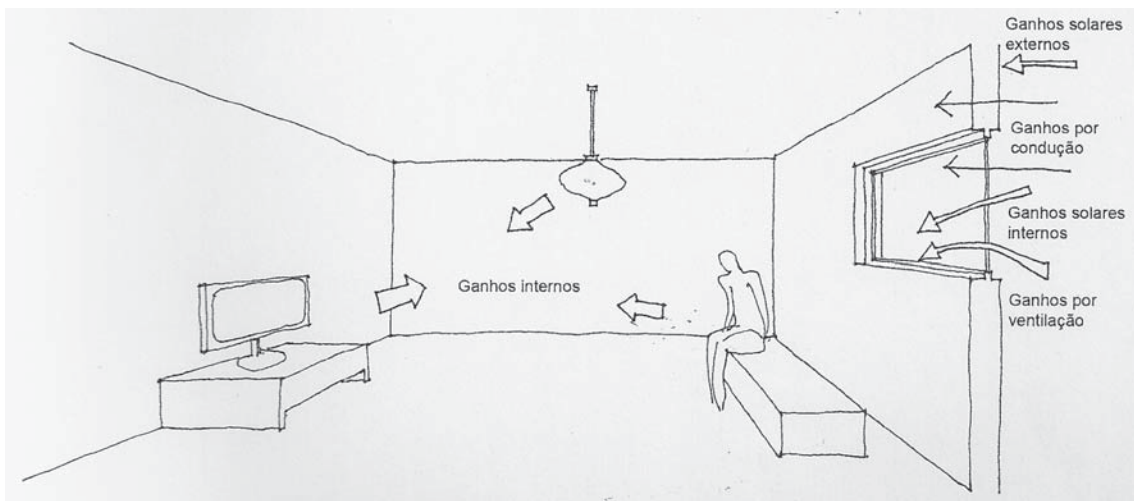
O Arquitecto teve em consideração outros factores que envolviam a radiação solar directa, nomeadamente o seu papel como fonte de calor e consequentemente minimizar o seu impacto nos edifícios. Este processo começa desde logo com um estudo dos ganhos de calor do mercado e a orientação da brisa em Luanda.

Relativamente aos ganhos de calor estes encontram-se repartidos em ganhos solares externos (provenientes da transmissão do calor para as superfícies externas da obra, sendo posteriormente conduzido para o seu interior) e ganhos solares internos (onde a radiação atravessa os vãos do edifício penetrando directamente no seu interior). Estes elementos eram calculados com base nos níveis de insolação das fachadas do mercado, os quais estavam dependentes da orientação que o edifício tomava durante a fase de implantação. Neste aspecto, Vieira da Costa adoptou uma atitude correcta, pois a direcção que deu ao eixo longitudinal do Mercado limitava a exposição das fachadas Nascente e Poente, por onde o sol penetrava com maior facilidade ao encontrar-se a um nível inferior. Por outro lado, realizava o sombreamento da fachada longitudinal oposta à irradiação do sol quando este ocupava uma posição elevada e a qual alternava entre Norte e Sul consoante a altura do ano. Isto, por sua vez, conduziu a uma redução dos ganhos solares de calor.¹⁶⁵

¹⁶³ Cf. Quintã, Maria Margarida – “Geografia de um Lugar: Luanda e a Arquitectura de Vasco Vieira da Costa”, Prova de Licenciatura, ESBAP, 2007, pág. 87

¹⁶⁴ “O objectivo de um bom desenho (arquitectónico) é de reflectir, anular, interceptar ou absorver os excessos de calor e luz de maneira a produzir um interior habitável” in Fry, Maxwell; Drew, Jane – “Tropical Architecture in the Dry and Humid Zones”, Robert E. Krieger Publishing Company, New York, 1964, p.43

¹⁶⁵ Cf. Guedes, Manuel Correia – “Arquitectura Sustentável em Angola”, SURE-Africa, 2011, pág. 34



144.

AS DIFERENTES TIPOLOGIAS DE GANHOS TÉRMICOS

Para além da acção do sol, torna-se igualmente importante ponderar sobre diferentes tipos de ganhos térmicos durante a elaboração de um projecto em climas quentes:

- Ganhos de calor internos, originados pelos ocupantes do edifício, iluminação artificial e equipamentos;
- Ganhos por condução, que ocorrem em situações onde a temperatura do ar exterior, mais elevada que a do interior do edifício, transmite o seu calor quando em contacto com as fachadas ou a cobertura da obra;
- Ganhos por ventilação, resultantes da infiltração do ar quente no interior do edifício a partir de uma abertura, como, por exemplo, uma janela.

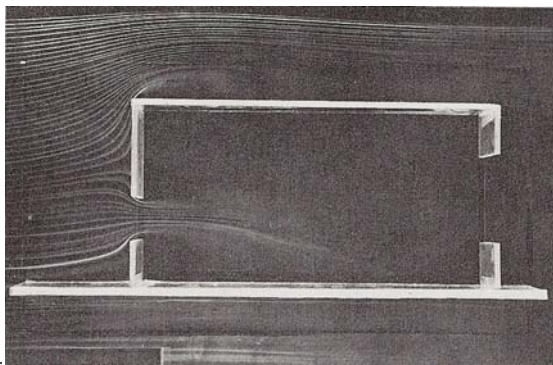
«Early bungalows in West Africa were built on stilts, which had the effect of removing them from ground radiation and allowing them to take up night temperatures from all sides.»¹⁶⁶

Para evitar que o calor absorvido pelo pavimento térreo durante o dia fosse conduzido para o edifício por acção da radiação nocturna, Vieira da Costa inspirou-se num sistema construtivo praticado na habitação autóctone e conjugou-o com materiais de construção modernos, elevando o volume principal do Mercado através de pilotis. Como consequência, a brisa fresca que se movimentava por debaixo do corpo suspenso amenizava a actuação da radiação proveniente do solo.

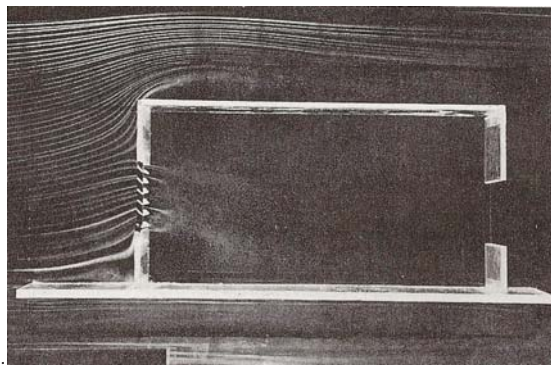
A ventilação natural foi, evidentemente, um elemento indispensável na dissipação do calor nos edifícios construídos em territórios tropicais com o intuito de criar um ambiente de bem-estar. No caso do Mercado do Kinaxixe esta ideia era sustentada por uma aparente abertura das brise-soleils, reforçada pelo facto do espaçamento entre cada uma das lâminas não possuir vidro, permitindo deste modo, a entrada livre de uma brisa fresca oriunda dos ventos dominantes.

Os arquitectos que valorizam a importância de uma arquitectura “sustentável”, procuram que os seus projectos disponham de áreas passivas (espaços que sejam naturalmente ventilados e iluminados) de grandes dimensões. Contrariamente, em projectos onde predominam as chamadas áreas activas, os

¹⁶⁶ “Os primeiros bungalows na África ocidental eram construídos sobre estacas, o que tinha como efeito protegê-los da radiação do solo e permitir que absorvessem as temperaturas nocturnas a partir de todos os lados” in Fry, Maxwell; Drew, Jane – “Tropical Architecture in the Dry and Humid Zones”, Robert E. Krieger Publishing Company, New York, 1964,p.58

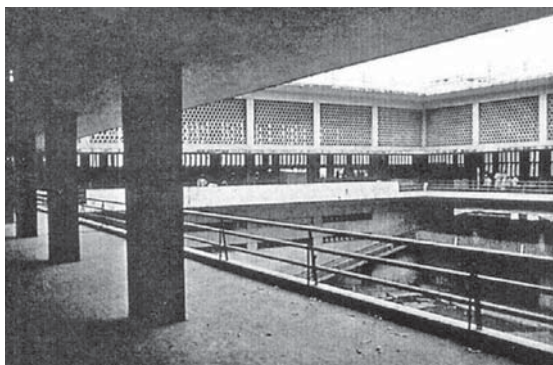


145.



146.

GRÁFICOS DE ESTUDO DO FLUXO DE AR PARA OS CASOS EM QUE A DIMENSÃO DAS ABERTURAS POR ONDE O AR ENTRA SÃO MAIS PEQUENAS DO QUE AS DE SAÍDA , O QUE RESULTA NUM EFEITO MAIS BENÉFICO PARA O AREJAMENTO DESTES ESPAÇOS.



147.



148.

VISTAS PARA OS PÁTIOS INTERIORES, NAS QUAIS SE DENOTA A TOTAL ABERTURA DO MERCADO DE KINAXIXE COM O ESPAÇO ENVOLVENTE.

arquitectos vêm-se obrigados a recorrer a sistemas mecânicos para suportar as condições de conforto adequadas, as quais irão consumir muita energia.¹⁶⁷ Vasco Vieira da Costa pertencia, sem dúvida, ao primeiro grupo, tendo conseguido no Mercado do Kinaxixe desenhar um espaço totalmente passivo, uma vez que o sistema de grelhas que envolvia os quatro alçados da obra permitia, conseqüentemente, uma abertura de 360° para o exterior originando, assim, uma ventilação cruzada, a qual intervinha ao longo de todo este espaço comercial. Os pátios interiores desempenhavam um papel muito útil no sentido de melhorar a eficácia do arejamento numa área de grande dimensão como o mercado, pois permitia uma saída rápida do ar que entrava pelas *brise-soleils*:

«Mention should be made of the phenomena that the maximum air current is secured by placing small openings on the breeze side and larger openings on the other»¹⁶⁸

Houve um outro elemento que Vieira da Costa soube aproveitar na execução deste projecto: a inércia térmica. Esta define-se como a capacidade de um material controlar as oscilações de temperatura a que se encontra sujeito. Como a temperatura dos materiais com uma baixa inércia térmica varia drasticamente ao longo do dia, o uso dos mesmos na construção tropical revelou-se inadequada. Foi por esta razão que na generalidade dos edifícios em Angola, tanto os elementos estruturais como as paredes foram construídas com materiais maciços como o betão, tijolo ou pedra, cuja elevada inércia térmica permite atenuar os elevados valores de temperatura, oferecendo assim maior comodidade para os frequentadores destes espaços.

Este foi também o caso da obra em estudo, tendo ela sido inteiramente projectada em betão e onde a face interior das paredes, assim como os pilares se encontram revestidos em material cerâmico. O uso destes componentes revelou-se idênticamente vantajoso devido ao facto de serem produzidos pela indústria local o que possibilitava a sua aquisição por um baixo custo, ao contrário do que acontecia com os produtos importados.

Por último, a decisão de decorar o mercado com tonalidades claras foi adequada, pois, ao contrário dos tons escuros, estas conseguem reflectir melhor a radiação solar, limitando a absorção de

¹⁶⁷ Cf. Guedes, Manuel Correia – “Arquitectura Sustentável em Angola”, SURE-Africa, 2011, pág. 33

¹⁶⁸ “É de referir o fenómeno, no qual o valor máximo do fluxo de ar é assegurado pela colocação de pequenas aberturas na fachada a barlavento e de aberturas maiores na outra” *in* Fry, Maxwell; Drew, Jane – “Tropical Architecture in the Dry and Humid Zones”, Robert E. Krieger Publishing Company, New York, 1964,p.62



149.

ESTA FOTOGRAFIA DA DEMOLIÇÃO DO MERCADO DO KINAXIXE PERMITE-NOS IDENTIFICAR ALGUNS ELEMENTOS DO PONTO DE VISTA CONSTRUTIVO INTRODUZIDOS POR VIEIRA DA COSTA COMO, POR EXEMPLO, A COBERTURA.

calor do edifício, ao mesmo tempo que beneficia a acção da iluminação natural. Este factor revelou-se fundamental na concepção do pavimento da cobertura habitável, que representava a zona do projecto mais afectada pela incidência da radiação solar.

Em zonas tropicais, para proteger correctamente uma cobertura plana dos efeitos prejudiciais do sol, torna-se imprescindível recorrer a um método de sombreamento que envolve a montagem de uma superfície com propriedades reflectoras por cima da laje da cobertura. O espaço entre ambos é geralmente complementado por câmaras ventiladas, por onde o ar recolhe o calor acumulado na placa exterior e conseqüentemente proporciona o arrefecimento do espaço interior.

Relativamente ao escoamento de águas pluviais, a mesma cobertura precisa de ser impermeável e equipada com calhas de dimensões correspondentes aos níveis de pluviosidade da zona. É preferível que a água da chuva seja conduzida através de tubagens pelo interior do edifício, ao invés de sair por goteiras na fachada exterior. A razão incide no facto de, no decorrer de uma chuva intensa característica dos trópicos, a água ao cair incessantemente num determinado ponto do chão definido pela goteira vai provocar a erosão dos solos, o que pode ter conseqüências negativas nas fundações do edifício. Todavia, a resposta mais viável para esta situação resume-se à construção do pavimento onde o edifício está implantado com materiais resistentes como o tijolo, pedra ou betão.¹⁶⁹

Com base no material fotográfico e gráfico recolhido durante a pesquisa é possível presumir que a metodologia aplicada por Vieira da Costa na cobertura da obra em estudo tenha sido diferente. O facto de o Mercado ser um equipamento que funcionava exclusivamente durante o dia, estando desocupado de noite, juntamente com a propriedade de ser continuamente ventilado, leva-nos a crer que Vieira da Costa não precisava de se preocupar com acumulações de calor a partir da cobertura. Tendo em consideração estes elementos, deduz-se que a cobertura seria composta por painéis de betão leves pré-fabricados, os quais para além de apresentarem a já referida tonalidade clara na superfície exterior, estendiam-se para os pátios interiores formando palas para proteger o espaço de circulação da acção da chuva e promover o escoamento das águas pluviais.

Olhando com atenção para as características enumeradas até aqui, a grande abertura que o projecto possuía com o meio envolvente impede-nos de o definir como um espaço interior. Para tal seria necessário que existissem componentes que cortassem a comunicação entre esses

¹⁶⁹ Cf. Idem, p.74

dois elementos. Neste contexto, o Mercado do Kinaxixe era um espaço completamente ao ar-livre e sujeito às influências do ambiente onde estava inserido.¹⁷⁰

«Ideally the hot-wet tropical house is a thing of point supports, a light framework allowing of the maximum of openings for adjustable louvres, windows, mosquito-screening and whatever devices can be invented to induce ventilation and keep out sun, rain and insects, and ideally to cope with one or two only of these themes at the time, as occasion demands.»¹⁷¹

É possível identificar neste excerto diversos elementos em comum com o Mercado do Kinaxixe e consequentemente concluir que Vasco Vieira da Costa, quando projectou esta obra na década de 1950, estava certamente a par dos conhecimentos científicos referentes ao desenho arquitectónico bioclimático da época patenteados pelas teorias de Maxwell Fry, Jane Drew (*"Tropical Architecture in the Humid Zone"*, 1956) e Victor Olgay (*"Design with Climate: a Bioclimatic Approach to Architectural Regionalism"*, 1963). No entanto, não se deve presumir que os conhecimentos do Arquitecto angolano tivessem sido adquiridos somente a partir da consulta dessas publicações. Acima de tudo, o que separava Vieira da Costa dos seus colegas europeus era o facto das suas noções sobre o pensamento tropical serem motivados pela experiência de quem lá viveu quase toda a sua vida.

Esta condição permitiu-lhe conhecer o território tropical e as suas limitações numa perspectiva mais pessoal e ter um contacto próximo com a habitação indígena local, o melhor exemplo de como uma construção básica se consegue adaptar ao ambiente onde se insere. Portanto, para Vieira da Costa, este tipo de informação vinha-lhe naturalmente durante a realização de cada projecto, como se fosse instintivo.

¹⁷⁰ Cf. Quintã, Maria Margarida – "Geografia de um Lugar: Luanda e a Arquitectura de Vasco Vieira da Costa", Prova de Licenciatura, ESBAP, 2007, pág. 88

¹⁷¹ "Idealmente, a casa dos climas tropicais quentes e húmidos é algo com suportes pontuais, uma estrutura leve permitindo o maior número de aberturas possível para lâminas ajustáveis, janelas, redes de mosquitos e quaisquer instrumentos que possam ser inventados para introduzir a ventilação e manter o sol, chuva e insectos. De preferência, conseguindo conciliar com um ou dois destes temas de cada vez, consoante as necessidades da ocasião." *in* Fry, Maxwell; Drew, Jane – "Tropical Architecture in the Dry and Humid Zones", Robert E. Krieger Publishing Company, New York, 1964,p.64

«Architecture is a personal art responding directly to what its creator brings to it of feeling, knowledge and experience. Each time a new building is created the process takes place within a individual. What that individual does is modified by what others have done before him, and by all kinds of influences in the life about him – many of which he is unconscious – that make up the civilization he is a part.»¹⁷²

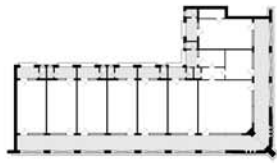
Esta experiência de vida contribuiu para que o Mercado do Kinaxixe se tornasse num dos melhores exemplos do movimento Moderno em Luanda, aplicando com sucesso diversas estratégias bioclimáticas na procura de uma arquitectura sustentável e pouco dispendiosa, que fosse adequada aos climas tropicais.

Em suma, esta peça arquitectónica representa o produto de séculos de evolução do processo construtivo em regiões tropicais, conjugada com o pensamento modernista e os novos materiais construtivos que surgiram no século XX. A sua inquestionável qualidade arquitectónica de excelência assenta no facto de, apesar de ter sido construída há mais de 50 anos, tenha conseguido produzir impressionantes resultados ao nível do conforto em ambientes quentes e húmidos, economizando nos recursos actualmente exigidos pelos edifícios de aço e vidro, totalmente dependentes em sistemas mecânicos de ventilação e os quais têm vindo a preencher gradualmente a malha urbana da capital angolana. Citando as palavras da Arquitecta Ângela Mingas o Mercado do Kinaxixe foi, sem dúvida, a verdadeira *“Magnum Opus”* da arquitectura tropical.¹⁷³

¹⁷² “Arquitectura é uma arte pessoal que responde directamente ao que o seu criador lhe transmite em sentimento, conhecimento e experiência. Cada vez que um novo edifício é criado, este processo decorre dentro do indivíduo. O que esse indivíduo produz é modificado pelo que outros fizeram antes dele e por todo o tipo de influências na sua vida – a muitas das quais ele é alheio – que fazem parte da civilização a que ele pertence.” *in* Idem, p. 17

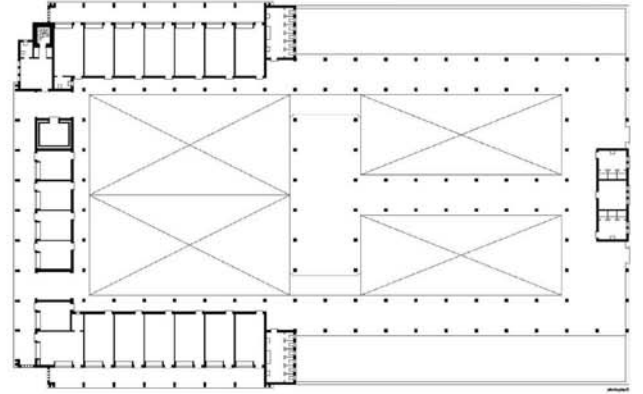
¹⁷³ Mingas, Ângela – “Modernismo Luanda”, Ed. Goethe-Institut Angola/Universidade Lusíada de Angola, 2011, p. 106

CRONOLOGIA DAS PROPOSTAS APRESENTADAS PELO GUC E REPARTIÇÕES LOCAIS



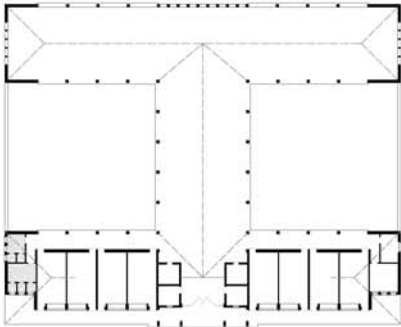
150. MERCADO TIPO PARA EUROPEUS (1:1000)

1946



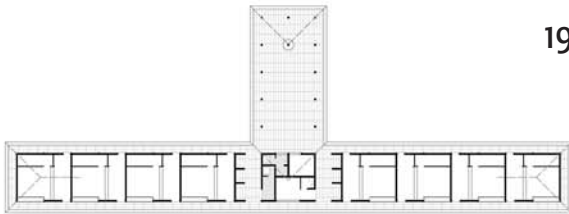
151. MERCADO CENTRAL DE BISSAU (1:1000)

1948



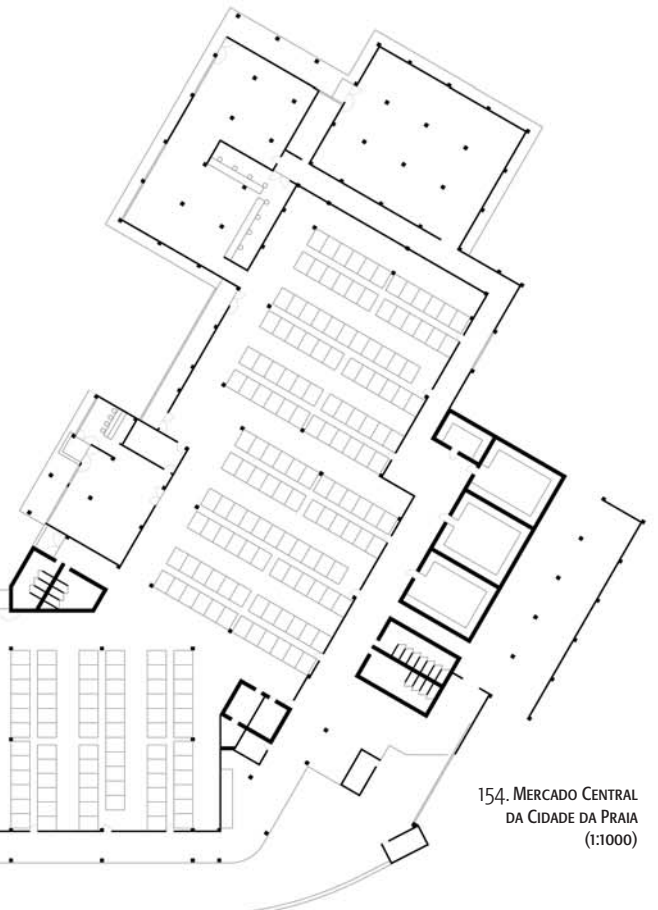
152. MERCADO TIPO (1:1000)

1951



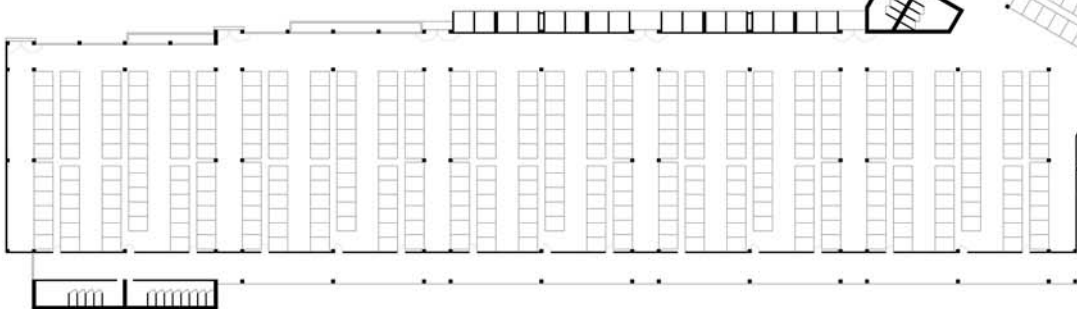
153. MERCADO DE SANTA FILOMENA (1:1000)

1956



154. MERCADO CENTRAL
DA CIDADE DA PRAIA
(1:1000)

1973



4.4. ESTUDO COMPARATIVO COM OUTRAS TIPOLOGIAS DE MERCADO

Para concluir este capítulo, pretendeu-se avaliar de modo sucinto um conjunto de mercados que foram construídos no mesmo período que o Mercado do Kinaxixe, mais especificamente, entre as décadas de 1930 e 1970. O objectivo resume-se a destacar as tipologias que dominavam o cenário arquitectónico português nesta época e identificar as características que os diferenciavam ou aproximavam da obra de Vieira da Costa. Este conjunto será dividido em três modelos:

- 1 – Propostas apresentadas pelo Gabinete de Urbanização Colonial e pelas repartições locais.
- 2 – Propostas Municipais com sede em Angola.
- 3 – Propostas construídas na Metrópole.

Para o primeiro modelo, temos diversos projectos-tipo de mercados municipais desenvolvidos para São Tomé e Príncipe (entre 1946 e 1956), o Mercado Central de Bissau (1948), e o Mercado da cidade da Praia em Cabo Verde (1973). No segundo, onde se encontra o Mercado do Kinaxixe, destacam-se também os mercados do Lobito (1963) e do Caputo (1962-1965). Por fim, o último modelo engloba, na área de Lisboa, os Mercados de Alvalade Norte (1949), da Encarnação Sul (1963) e Encarnação Norte (1967). Na região mais a norte de Portugal, temos o Mercado de Vila da Feira (1953-1959) e na zona do Porto, os mercados de Matosinhos (1939) e o do Bom Sucesso (1951-1952).

Começando por São Tomé e Príncipe, é necessário compreender que este território até metade do séc. XX era composto maioritariamente por aglomerados agrícolas dada a ausência de investimento urbano. No entanto, a situação mudou a partir de 1951 com a introdução do plano de urbanização da cidade de São Tomé concebido pelo Arquitecto João Aguiar (1906-1974), na altura responsável do GUC.¹⁷⁴

Contudo, é de notar o projecto desenvolvido pelo mesmo autor poucos anos antes, em 1946, para um “mercado municipal tipo considerado para abastecimento da população de costumes europeus”, que surge como uma abordagem convencional e tradicional decorrente das políticas coloniais desse tempo, as quais aplicavam uma segregação racial e económica. Este mercado era

¹⁷⁴ Cf. Milheiro, Ana Vaz – “São Tomé e Príncipe e o trabalho do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”, texto policopiado, 2012



155.



156.

MERCADO CENTRAL DE BISSAU, ENCERRADO DEVIDO A UM INCÊNDIO OCORRIDO EM 2006 E QUE LEVOU À SUA CONSEQUENTE DEMOLIÇÃO

composto por oito divisões para a instalação de lojas, acedidas através de uma galeria em arcadas coberta e por um terreiro posterior para a realização dos serviços de abastecimento de géneros.¹⁷⁵

Uma das estratégias do plano de urbanização do GUC para São Tomé propunha a construção de um determinado número de equipamentos urbanos essenciais para o desenvolvimento dos aglomerados coloniais, como por exemplo: habitação para funcionários, estruturas administrativas, hospitalares, escolares e desportivas, entre outras.¹⁷⁶ É neste contexto que surgem as respostas mais pragmáticas de mercados-tipo desenhadas pelo Arquitecto Eurico Pinto Lopes (1951) e pela equipa liderada pelo Engenheiro Santos Paiva¹⁷⁷ (1956). Estes programas haviam sido pensados tendo em conta a versatilidade na sua implantação, podendo ser aplicados em qualquer lugar. Neste âmbito, devem ser interpretados como uma matriz do modo como os mercados eram atendidos nos territórios ultramarinos portugueses.

Na maioria dos casos, tal como acontece no Mercado de Santo Amaro, a planta do edifício formava um “L” sendo um braço constituído por quatro lojas e o outro por uma zona de telheiro para a venda de frescos. Para além disso, o conjunto encontrava-se “organizado de forma que a sua ampliação é facilmente exequível, pela construção de mais um corpo de 4 lojas”.¹⁷⁸ O Mercado de Santa Filomena, utilizado no esquema comparativo, corresponde a uma simplificação do modelo, sendo constituído por um único bloco com entrada central.

Todavia, é possível concluir que nos poucos casos em que estes mercados-tipo foram construídos (por exemplo, o Mercado de Vila das Neves), essa ampliação não costumava ser realizada de acordo com o que estava definido no plano do projecto, mas sim de maneira a que o edifício possuísse uma forma em “U” estabelecendo, assim, um pátio interior.

Na capital da Guiné-Bissau foi criado, em 1948, o Mercado Central da autoria do Arquitecto Lucínio Cruz. A sua planta estende-se ao longo de um único piso e é composta por dois pátios definidos por galerias cobertas onde se encontram as bancas para venda de produtos e que caracterizam a área nascente do mercado. Os pátios são também usados por vendedores que não têm possibilidades de pagar os custos de renda para utilizar as bancas, optando, assim, por se instalarem no chão. A poente,

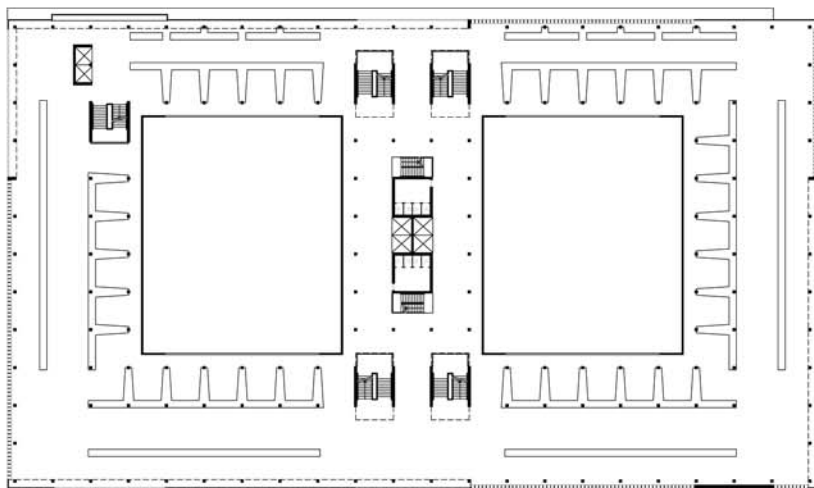
¹⁷⁵ Cf. Aguiar, João – “Características do Mercado Municipal Tipo Considerado Para Abastecimento da População de Costumes Europeus”, Ministério das Colónias: Gabinete de Urbanização Colonial, Trabalho nº 30, 1946

¹⁷⁶ Milheiro, Ana Vaz – “São Tomé e Príncipe e o trabalho do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”, texto policopiado, 2012

¹⁷⁷ Dos mercados projectados por esta equipa identificam-se o de Santo Amaro, Guadalupe, Neves, Madalena, Bombom, Pantufo, Angolares, Trindade, Santana, Santa Filomena e Santo António do Príncipe. Nem todos chegaram a ser construídos. Fonte: Idem

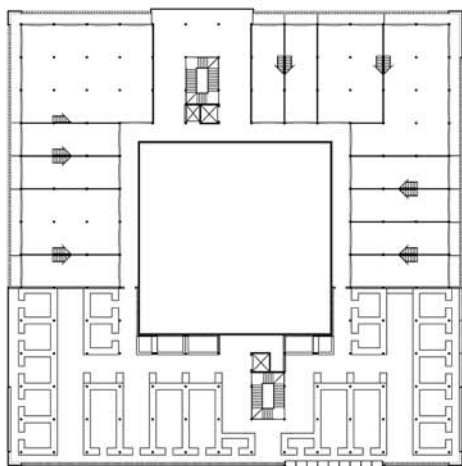
¹⁷⁸ Memória descritiva do Mercado de Santo Amaro, 1956

CRONOLOGIA DAS PROPOSTAS MUNICIPAIS COM SEDE EM ANGOLA



157. MERCADO DO KINAXIXE (1:1000)

1958



158. MERCADO DO LOBITO (1:1000)

1963



159. MERCADO DO CAPUTO (1:1000)

1965

o projecto é delimitado por lojas que operam de modo independente do restante programa, estando voltadas para o exterior. Os acessos são realizados a partir das duas principais vias de circulação que envolvem o mercado: a nordeste, pela Avenida Amílcar Cabral e a sudoeste, pela Avenida Domingos Ramos. Com base no material fotográfico existente, é possível verificar que este edifício foi planeado com o propósito de ser uma obra de baixo custo. Ao nível da organização interior do programa, o mercado exibe uma grande influência na disposição planimétrica típica do mercado tradicional africano, um pouco à semelhança do Kinaxixe, excepto que, no último, Vieira da Costa modificou esta distribuição, introduzindo uma componente de “verticalidade”.¹⁷⁹ Para além disso, o Mercado Central de Bissau não desfruta de uma grande abertura para com o meio envolvente, como acontece no Mercado do Kinaxixe, pois foi desenhado como um recinto fechado, cuja ligação visual com a cidade é estabelecida apenas através das entradas. Apesar de tudo, estão presentes soluções de sombreamento e de escoamento de águas pluviais que garantem o bem-estar da população e a manutenção do edifício.

O Mercado da Praia em Cabo Verde projectado pelos Arquitectos António Seabra e Maria Emília Caria nos anos 1970 representa uma evolução das tipologias de mercado desenvolvidas até então pela Direcção de Serviços de Urbanismo e Habitação exibindo uma configuração mais organicista e que incorporava as arquitecturas autóctones. A sua implantação em ângulo obtuso, assim como o seu sistema de ventilação (cobertura em cone), sugerem uma abordagem de tendência mais orgânica. Esta é visível pela não insistência num modelo geométrico regular ao nível da planta.

O Mercado do Lobito, projectado pelo Arquitecto Francisco Castro Rodrigues, no ano 1963, apresenta muitas semelhanças em relação ao Mercado do Kinaxixe, tanto a nível estético como funcional. Todavia, difere no modo de implantação, não seguindo as directivas definidas na “solução de compromisso” de Vieira da Costa. Este aspecto deve-se ao facto do mercado ter sido encomendado pela Câmara Municipal para substituir um outro já existente no mesmo local, limitando desde logo a intervenção do arquitecto.¹⁸⁰ Neste contexto, o Mercado do Kinaxixe, projectado num terreno livre inserido na zona de expansão da cidade, possibilitou uma maior liberdade no planeamento da obra, acabando, inclusive, por definir a orientação da malha urbana na zona do Ingombotas. Assim sendo, o mercado de Castro Rodrigues assume uma planta quadrada com aproximadamente 60 metros de cada lado e o seu programa desenvolve-se em torno de um único pátio central. Tal como acontecia

¹⁷⁹ Cf. Sotgia, Antonello, “L’Architettura Didattica di Vasco Vieira da Costa” in “Luanda Progettare per la ricostruzione: La cooperazione universitaria in Angola”, Roma, Gangemi Editore, 1991, p.114

¹⁸⁰ Cf. Rodrigues, Francisco Castro – Entrevista realizada a 26 de Setembro de 2011.



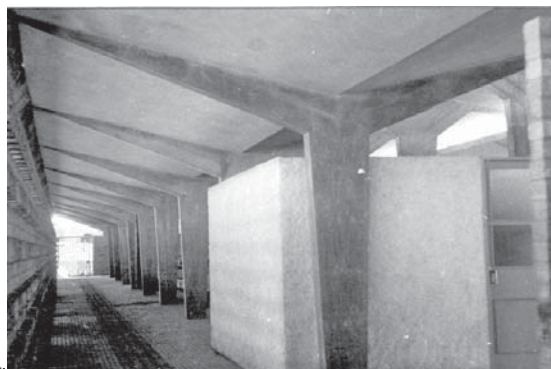
160. MERCADO DO LOBITO, ALÇADO SOBRE O LARGO TOMAZ RIBEIRO



163. MERCADO DO CAPUTO



161. INTERIOR DO MERCADO DO LOBITO



164. INTERIOR DO MERCADO DO CAPUTO



162. PÁTIO INTERIOR DO MERCADO



165. VISTA PARA A ENTRADA PRINCIPAL

no do Kinaxixe, o piso do rés-do-chão é constituído por lojas voltadas para a rua, enquanto o 1º piso (representado pelo volume suspenso) está reservado para o mercado de bens alimentares. O último piso, originalmente constituído por uma pérgula, que realizava o sombreamento da cobertura, foi, mais tarde, reconvertido para uma área de escritórios, onde actualmente funcionam os serviços camarários.¹⁸¹ Em contraste com o do Kinaxixe, que usufruía de acessos distintos para veículos e peões, o Mercado do Lobito possuía somente duas entradas, utilizadas simultaneamente pelos peões e viaturas que efectuavam as cargas e descargas no pátio central. Apesar das soluções adoptadas por Castro Rodrigues, para combater a insolação e promover a ventilação cruzada, serem praticamente iguais às de Vieira da Costa, o Arquitecto do Lobito tenta variar na tipologia dos mesmos. Portanto, em vez de simplesmente considerar este mercado como uma solução inspirada no Mercado do Kinaxixe, talvez seja possível interpretá-lo como uma resposta natural do pensamento “tropicalista” que procurava dotar este espaço dos atributos necessários para promover uma vivência agradável neste clima.

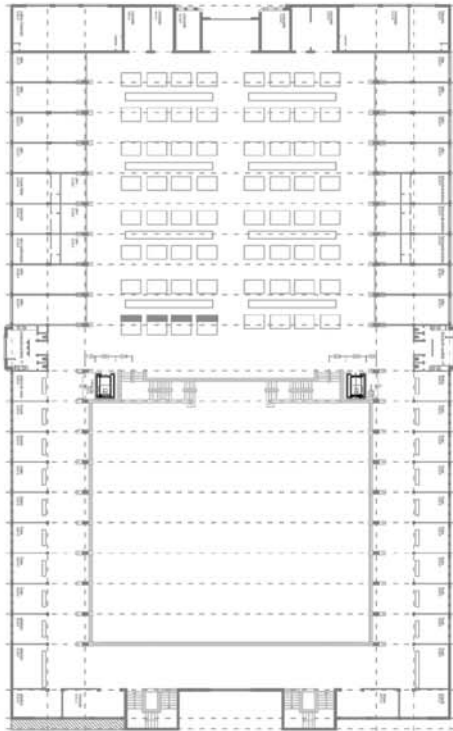
O Mercado do Caputo, por outro lado, representa uma tipologia formal completamente diferente das anteriores. Projectado pelo Arquitecto Simões de Carvalho, este mercado não foi concebido para servir a população europeia que vivia no centro urbano (como era o caso do Kinaxixe), mas sim a população “economicamente débil” que morava nos musseques.¹⁸² Localizado no Bairro da Reserva dos Caminhos de Ferro (actual Bairro do Cazenga), este equipamento encontra-se assente numa plataforma com 170 m de comprimento e 30 de largura. O público circulava ao longo de uma extensa galeria no rés-do-chão à qual se podia aceder por um hall localizado a meio do percurso, que marcava a entrada principal deste mercado ou, então, através dos acessos nas extremidades do edifício, não interferindo com a zona de distribuição de mercadorias e vendedores. Para além disso, os talhos e bazares foram desenhados virados para o exterior, para que pudessem funcionar fora das horas normais do mercado, “atribuindo-se-lhes, assim, uma função complementar da do comércio do bairro”.¹⁸³ Do ponto de vista construtivo, o mercado é composto por materiais pouco dispendiosos, sendo os pilares concebidos de betão armado e as vigas de entramento em betão descobrado, as coberturas em betão celular, as bancas de venda em lajes de betão e as paredes em alvenaria de tijolo

¹⁸¹ Cf. *Ibidem*

¹⁸² Cf. Carvalho, Fernão Simões de – Entrevista realizada a 28 de Outubro de 2011.

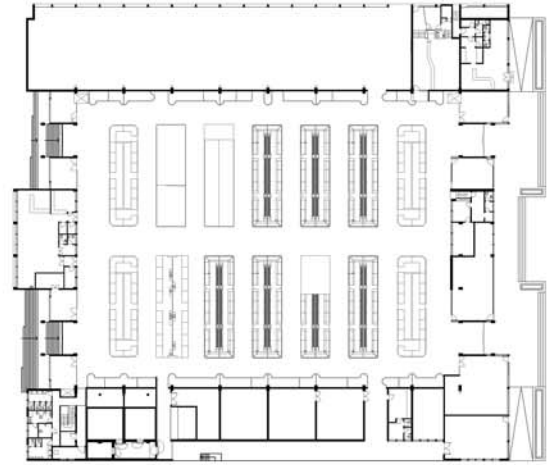
¹⁸³ Carvalho, Fernão Simões de – “Memória descritiva e Justificativa Geral: Mercado para o Bairro da Reserva dos Caminhos de Ferro em Luanda”, Comissão Administrativa do Fundo dos Bairros Populares, Província de Angola, 1962, p. 3

CRONOLOGIA DAS PROPOSTAS CONSTRUÍDAS NA METRÓPOLE



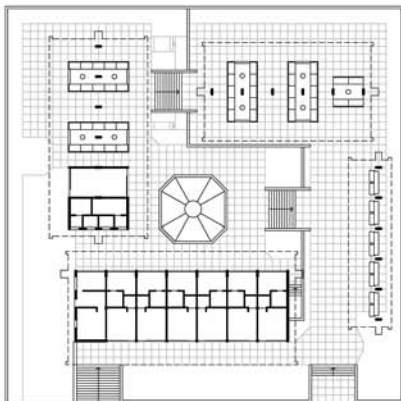
167. MERCADO DE MATOSINHOS (1:1000)

1939



166. MERCADO DE ALVALADE NORTE (1:1000)

1949



168. MERCADO DE VILA DA FEIRA (1:1000)

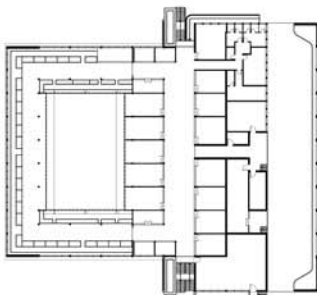
1952



169. MERCADO DA ENCARNÇÃO SUL (1:1000)

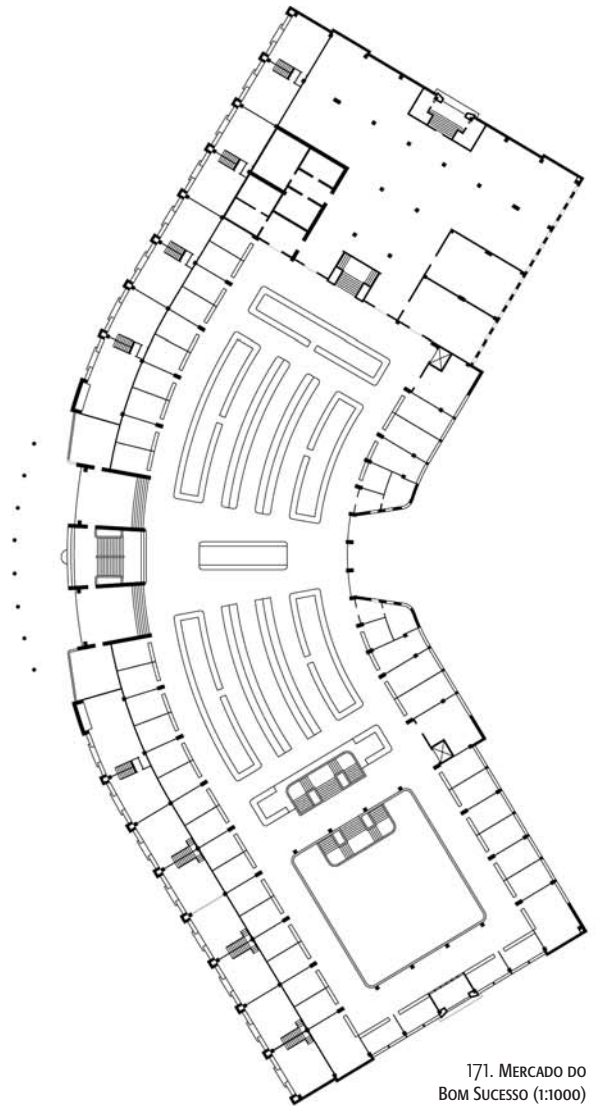
1959

1963



170. MERCADO DA ENCARNÇÃO NORTE (1:1000)

1973



171. MERCADO DO BOM SUCESSO (1:1000)

furado.¹⁸⁴ Sendo uma obra de concepção bastante simples e projectada como um espaço ao ar livre, o mercado conta com uma ventilação permanente para solucionar as questões do calor e humidade excessivas.

Em Lisboa, dos três mercados desenhados pelo Arquitecto Fernando da Costa Belém,¹⁸⁵ o da Encarnação Norte é, sem dúvida, o que mais se diferencia do conjunto. Os mercados de Alvalade Norte e o da Encarnação Sul, os primeiros a serem construídos, desenvolvem-se ao longo de um único piso e partilham de um planeamento idêntico, no qual a zona das bancas dos vendedores ocupa a centralidade do programa e se encontra circunscrita por lojas que funcionam exclusivamente no interior do edifício. Do ponto de vista estético, identifica-se o sistema de clerestórios em forma de frontão presente nos alçados das duas obras – laterais, no caso do Mercado da Encarnação Sul; posterior e anterior no caso do Mercado de Alvalade Norte – e cujo desenho do padrão é idêntico. Por outro lado, no Mercado da Encarnação Norte, formado por dois pisos, verifica-se uma clara repartição entre o espaço das lojas e o espaço reservado ao mercado, ficando o último numa galeria projectada para o piso superior e que contorna o pátio central, por onde é concretizada a iluminação natural do edifício. Apesar das diferenças, Fernando da Costa Belém providenciou os dois mercados da Encarnação com o mesmo sistema de cargas e descargas, inserido numa divisão ligada à fachada anterior do edifício e realizado no sentido transversal.

O Mercado de Vila da Feira desenvolvido pelo Arquitecto Fernando Távora foi inaugurado no ano 1959 em Santa Maria da Feira e reproduz a vontade do arquitecto em fazer progredir a arquitectura portuguesa para uma vertente organicista, afastando-se do pensamento associado aos movimentos da “Casa Portuguesa” e do Estilo Internacional. O projecto é determinado pela repetição de um módulo de bancas de venda protegidas por coberturas, que foi inserido nas diferentes plataformas que configuram este espaço de comércio exterior. As mesmas estruturas encontram-se dispostas em redor de uma fonte que define o ponto central da área de intervenção e foram fabricadas com recurso a materiais locais e outros característicos da tradição construtiva portuguesa deste período, o que lhes conferiu uma forte expressividade estética. Entre eles é possível identificar o betão aparente na estrutura, pedra artificial no pavimento, tijoleira na cobertura, azulejo azul e branco nas paredes, bancas de venda e

¹⁸⁴ Cf. Idem, p. 4-5

¹⁸⁵ Informações recolhidas na Divisão de Mercados e Feiras da Câmara Municipal de Lisboa pela Dra. Luisa Martinez e a Arquitecta Mafalda Sousa da Câmara.

MEMÓRIAS DE UM MERCADO TROPICAL



172. FACHADA DO MERCADO DE ALVALADE NORTE (AV. RIO DE JANEIRO)



173. FACHADA DO MERCADO DE ALVALADE NORTE (RUA JOSÉ DURO)



174. ENTRADA DO MERCADO DA ENCARNAÇÃO SUL



175. VISTA LATERAL DO MERCADO DA ENCARNAÇÃO SUL



176. FRENTE DO MERCADO DA ENCARNAÇÃO NORTE



177. PÁTIO INTERIOR DO MERCADO DA ENCARNAÇÃO NORTE



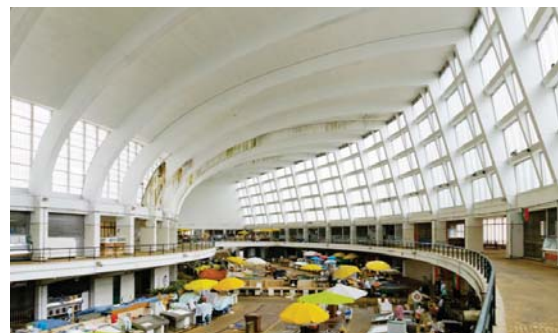
178. DIFERENTES VISTAS DO MERCADO DE VILA DA FEIRA



179.



180. MERCADO DE MATOSINHOS



181. INTERIOR DO MERCADO DO BOM SUCESSO

pias de lavagem em mármore.¹⁸⁶ Não deixa de ser curioso a maneira como o desenho em “asa de borboleta” das coberturas, concebido para facilitar o escoamento de águas pluviais, alude à arquitectura moderna praticada em África, nomeadamente a do Mercado do Caputo. Isto levanta a questão sobre a possibilidade do Mercado de Vila da Feira ter influenciado o desenho do último.

Na zona do grande Porto, existem dois mercados planeados pelo atelier ARS-Arquitectos (constituído por Fortunato Leal, Cunha Leão e Morais Soares), mas com diferentes filosofias de projecto: o Mercado de Matosinhos e o do Bom Sucesso. O primeiro mercado surgiu num concurso realizado em 1936, tendo o projecto definitivo sido desenvolvido em 1939. Orientado perpendicularmente à marginal do porto de Leixões, o projecto aproveita a inclinação do terreno onde está assente, para criar os dois pisos que organizam o seu programa interior. Enquanto no piso inferior se encontram os espaços para a venda de peixe e arrecadações, o piso superior é dedicado ao comércio dos restantes artigos. Ao longo de toda a sua fachada, o mercado está ainda equipado com lojas independentes abertas para o passeio. A cobertura, que acaba por ser o elemento mais marcante nesta obra devido ao seu desenho em forma de abóbada, foi concebida para servir de fonte de iluminação natural do espaço interior através da instalação de lanternins que seguem a dinâmica do arco, os quais também funcionam como mecanismos de ventilação de ar.¹⁸⁷

Por outro lado, o Mercado do Bom Sucesso, projectado treze anos depois, apesar de aproveitar igualmente o declive do terreno, para definir os três pisos que o estruturam, a forma do edifício afasta-se da planta rectangular que caracteriza o Mercado de Matosinhos e decide explorar as potencialidades do betão armado, adoptando uma curvatura que evoca as experiências da arquitectura moderna brasileira. As principais entradas do mercado a poente e nascente estavam assinaladas por palas exteriores, sendo a segunda utilizada, sobretudo, para cargas e descargas de produtos. O piso inferior era novamente dedicado para o comércio de peixe e podia ser acedido separadamente a partir da fachada sul, aparentando uma maior autonomia relativamente aos outros dois pisos. Contrariamente, o piso superior era constituído por galerias que percorriam toda a extensão do edifício, beneficiando, desta maneira, de uma maior relação visual com o piso intermédio. Essas galerias eram providas de lojas interiores e uma zona de bancadas junto à entrada no alçado norte do edifício.¹⁸⁸ Por fim, a

¹⁸⁶ Cf. *Arquitecturas do Século XX - Portugal*, Deutsches Architektur-Museum, 1997, p. 222

¹⁸⁷ Cf. Costa, Sandra Vaz, 2001, Fonte: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/330042/> [consultado a 1 de Maio de 2012]

¹⁸⁸ Cf. Quartilho, Ana Teresa Raposo – “Factos Urbanos: Os Mercados na cidade do Porto”, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, FCTUC, 2011, p.133

expressividade plástica da obra encontra-se presente, não só no desenho da planta, mas também na cobertura, a partir da qual se efectua a iluminação e a ventilação natural do mercado, através de “amplos lanternins armados com caixilhos de cimento Gracifer que correm pelos dois lados ao longo de toda a abóbada”.¹⁸⁹

Embora o Mercado de Matosinhos siga por uma lógica mais simples e que se torna bastante mais favorável para o funcionamento do programa em questão, o Mercado do Bom Sucesso demonstra um avanço na procura de uma nova fisionomia de edifício, sacrificando, contudo, determinadas condições do ponto de vista prático, como se pode entender pelas palavras do Arquitecto Duarte Morais Soares:

*«O mercado em si tem alguns problemas funcionais que nunca chegaram a ser resolvidos, que são resultado da forma apressada como o mercado foi construído, e que têm nomeadamente a ver com a sua orientação solar, qualquer fotografia que se veja do mercado do Bom Sucesso durante anos a fio teve sempre guarda-sóis lá dentro...»*¹⁹⁰

Neste contexto, é possível constatar as diferenças entre os mercados construídos em Portugal e os mercados das regiões africanas como o do Kinaxixe, começando pelo sistema de iluminação que seria inconcebível num território tropical, pelos motivos enunciados anteriormente. No entanto, como a radiação solar a esta latitude não é tão intensa como em África, os mercados portugueses procuram receber a maior quantidade de iluminação possível, o que se revela especialmente importante durante o Inverno. Todavia, a criação de grandes aberturas requer naturalmente um sistema de sombreamento adequado para que a acção directa do sol não prejudique o bem-estar das pessoas no interior do edifício. Caso este elemento não seja tido em consideração pode vir a ter consequências desagradáveis, tal como aconteceu no Mercado do Bom Sucesso. Em contraste com a maior abertura para o exterior dos mercados africanos, a generalidade dos mercados em Portugal está estruturada em espaços fechados, pois facilita a resolução dos problemas relativos ao isolamento térmico e hidrófugo que advêm do tempo frio, sendo utilizadas pequenas aberturas para gerar a ventilação durante o Verão, de modo a extrair o calor acumulado no interior do edifício.

¹⁸⁹ ARS-Arquitectos – Memória Descritiva do projecto do Mercado do Bom Sucesso, 1949, p. 22-23

¹⁹⁰ Soares, Duarte Morais – Entrevista realizada a 27 de Junho de 2011 por Ana Teresa Raposo Quartilho. In “Factos Urbanos: Os Mercados na cidade do Porto”, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, FCTUC, 2011, p. 187

Não obstante ao que até aqui foi descrito, é impossível negar a presença de um elemento comum entre a maioria dos mercados portugueses e africanos enunciados neste texto, na medida em que ambos seguem uma lógica semelhante de planta rectangular onde a fachada urbana do edifício é constituída por lojas e só no seu interior se situam os lugares de venda. A diferença está no facto de, em Portugal, esse espaço interior ser coberto ao contrário do que sucede nos trópicos.

A solução da planta decorre de um entendimento funcionalista do programa e de uma hierarquia de usos que remete para o exterior as lojas de comércio convencional e para o interior, os feirantes. Este desenho, herdado dos mercados do século XIX, denuncia a implantação urbana destes equipamentos.

Naturalmente, esta tipologia foi sofrendo algumas modificações ao longo dos anos como se pôde verificar nos mercados do Kinaxixe, Lobito e Encarnação Norte. Nestes exemplos, a fachada urbana das lojas permaneceu no piso inferior, enquanto o espaço de mercado passou a funcionar nos pisos superiores. No caso do Bom Sucesso, apesar da tentativa em preservar a disposição dos elementos que compõem a circulação dentro do programa, este representa, sobretudo, uma variação de natureza mais plástica. Por outro lado, o Mercado do Caputo, acompanhando a linguagem do Estilo Internacional, surge, contudo, como uma alternativa mais brutalista à arquitectura moderna tropical inaugurada por Vieira da Costa. Incorpora igualmente uma estrutura mais simples, de um mercado que se desenvolve ao longo de uma única galeria.

Por último, constatou-se que o Mercado de Vila da Feira rompeu por completo com a tipologia em questão, através da introdução de uma arquitectura orgânica. Esta nova linguagem foi exemplificada no continente africano pelo Mercado da Praia, ainda que sem o radicalismo da proposta de Fernando Távora.

Capítulo 5

A Demolição: Considerações

«Hoje tenho múltiplas razões para verter uma lágrima pelos afectos (...). Foi lá que eu negocieei a compra da cana-de-açúcar e ginguba, com os tostões que a mãe me dava. Foi lá que eu apreciei as pirâmides de tubérculos, organizados pela mestria do equilíbrio manifestado pelas quitandeiras. (...) Foi lá que imprimi na minha memória o perfume do peixe fresco. Foi lá que me familiarizei com o quimbundo. O Kinaxixe já era importante para mim sem eu suspeitar da importância arquitectónica. Até do nome eu gostava. (...) Até sempre Kinaxixe!»

Anabela Quelhas, 2008¹⁹¹

¹⁹¹ Quelhas, Anabela - "Mercado Kinaxixe, foi", 2008

Fonte: <http://blogdangola.blogspot/2008/07/j-divulguei-em-vrios-sitios-da-net.html>[accedido a 28 de Dezembro de 2010].

Depois do governo português ter abdicado das suas províncias ultramarinas e de lhes ver reconhecida a sua independência em 1975, Angola envolveu-se numa guerra civil que durou vinte e sete anos, tendo levado a jovem nação à beira do colapso. Ainda assim, no meio da situação caótica em que o país se encontrava, a centralidade de que o Mercado do Kinaxixe beneficiava permitiu-lhe que continuasse a deter uma activa utilização diária por parte da clientela e dos vendedores, muitos dos quais operavam também no mercado de São Paulo e noutros mercados periféricos. No entanto, tal como foi acontecendo com a maioria dos edifícios públicos, o Estado não se responsabilizou pela sua manutenção, desvalorizando a necessidade de se efectuarem obras de conservação. Isto fez com que, à medida que o tempo ia passando, o Mercado do Kinaxixe se fosse naturalmente degradando.

Com o fim da guerra civil e a transição para um clima de estabilização político-social, as vantagens que outrora tinham feito do mercado um caso de sucesso começaram a despertar outros interesses que conduziram mais tarde ao seu desaparecimento. A abertura aos investimentos internacionais acelerou o processo de desenvolvimento da capital angolana e suscitou o aparecimento gradual de uma nova arquitectura de aço e vidro, fortemente ligada à cultura corporativa de “arranha-céus”. Foi dentro deste contexto de transformação da imagem da cidade, que um grupo associado aos transportes públicos chamado Macon viu, na localização e na área do terreno ocupado pelo Mercado do Kinaxixe, uma oportunidade de reconvertê-lo num centro comercial. A sua proposta delineava um plano de obras de recuperação e ampliação do edifício original e representava um “investimento de 30 milhões de dólares para uma concessão de 20 anos”.¹⁹²

De acordo com o testemunho fornecido pela Arquitecta Maria João Teles Grilo, houve, na altura, algumas tentativas de negociação deste plano com os responsáveis da Macon, uma delas sugerida pela própria, na qual propunha o uso do espaço existente entre o Mercado do Kinaxixe e o Prédio Cuca, que servia de parque de estacionamento, para a construção do novo centro comercial. Apesar de ter havido um interesse inicial nesta ideia ela nunca chegou a concretizar-se.¹⁹³

Assim, após quarenta e quatro anos de serviço, o governo angolano, alegando a ausência de condições de higiene necessárias para o exercício da actividade comercial, ordenou o encerramento do Mercado do Kinaxixe em 2002. Consequentemente, os comerciantes foram retirados do local sendo-lhes

¹⁹² “Madalenos fazem tremer Governo”, 18-06-2005 in <http://www.angonoticias.com/Artigos/item/5367> [consultado a 1 de Março de 2012]

¹⁹³ Cf. Grilo, Maria João Teles – Entrevista realizada a 19 de Janeiro de 2012. Por indicação da Arquitecta referenciam-se as suas posições na entrevista dada ao jornal Público e que foi publicada a 22 de Setembro 2008. Esta pode ser consultada no *website* da Ordem dos Arquitectos. Fonte: <http://arquitectos.pt/?no=2020491272,156> [consultado a 1 de Maio de 2012]



182. VISTA PARA A PASTELARIA MARAVILHA



184.



183.

ESTADO DETERIORADO DO MERCADO DO KINAXIXE, 2008



185.

O NOVO PROJECTO PARA O CENTRO COMERCIAL NO LARGO DO KINAXIXE



186.

aparentemente concedidos espaços de vendas alternativos, o que, segundo alguns artigos de jornais, na maioria dos casos não aconteceu.¹⁹⁴ Houve um episódio que também suscitou muita polémica relativamente à pastelaria “Maravilha”, situada na esquina nordeste do edifício e a qual pertencia à família Madaleno. Esta família, detentora de bastante influência nos meios políticos e financeiros angolanos, tentou, por meios legais, resistir ao encerramento do mercado, o que acabou por atrasar este processo durante anos.

Depois de toda a controvérsia causada por esta situação, seguiu-se um período de silêncio por parte do governo, ficando assim a ideia de que o assunto teria sido esquecido. A partir do momento em que o encerramento do mercado ficou concluído, assistiu-se a uma rápida deterioração desta imponente peça arquitectónica, transformando-se em pouco tempo numa ruína. O aspecto degradado que veio a adquirir levou-o a ser apelidado por alguns de “monstro adormecido” e não tardou até que este local abandonado se convertesse num lugar de marginalidade e onde ocorriam frequentemente assaltos à luz do dia.¹⁹⁵ Um espaço que em tempos fora um símbolo do desenvolvimento de Luanda, passou, então, a ser uma zona a evitar.

O fim do funcionamento deste edifício trouxe outras consequências para os cidadãos, designadamente o deixar de poder usufruir de um espaço onde lhes eram proporcionadas refeições e produtos a baixos preços, numa cidade que é actualmente considerada uma das mais caras do mundo. Assim sendo, a única alternativa que passou a estar disponível para estas pessoas foram os jovens vendedores ambulantes que andavam pelas ruas a vender os seus produtos e cujo número aumentou com a saída dos comerciantes do Kinaxixe. Para além disso, foram também surgindo novos mercados na zona dos musseques.

A situação manteve-se assim até 2006, quando surgiram notícias a confirmarem a existência de um novo projecto para o centro comercial. Esta proposta não considerava a preservação da estrutura do mercado original, mas sim a sua demolição e a criação de um edifício de raiz. Foi então que se levantou um grande sentimento de contestação, o qual foi acompanhado de perto pela comunicação social.

¹⁹⁴ “Kinaxixi, monstro adormecido” in Jornal “Capital”, 16-02-2008

¹⁹⁵ “Mercado de Kinaxixi é ninho de víboras” in Folha 8, Luanda, 23-02-2008



187.



188.

A DEMOLIÇÃO DO MERCADO DO KINAXIXE

“Queremos uma capital angolana moderna e que represente o avanço das tecnologias de ponta, mas isso não significa que se destrua sem qualquer critério o património construído só porque é velho e está mal conservado. Devemos intervir, sim, desde que essa intervenção não signifique a destruição da história, mas sim a sua revalorização e a sua utilidade”¹⁹⁶

Este movimento para salvar o Mercado do Kinaxixe reuniu muitas personalidades intelectuais angolanas e portuguesas destacando-se os Arquitectos André Mingas, Ângela Mingas, Maria João Teles Grilo, Cristina Salvador, Ana Vaz Milheiro, Isabel Martins, entre muitos outros. No entanto, esta entusiasta onda de apoio revelou-se insuficiente para alterar o destino do mercado e, por fim, numa manhã de sábado, dia 2 de Agosto de 2008,¹⁹⁷ iniciou-se a inevitável demolição do que melhor se fez em arquitectura nos trópicos.

Porém, se houve muitas vozes que se opuseram à demolição do mercado, foram ainda mais as que a apoiaram, ou melhor, que se mostraram meramente indiferentes sobre o assunto. Caso contrário, este, provavelmente, ainda hoje estaria de pé. Todo este desenvolvimento levanta uma questão pertinente sobre o significado que o Mercado do Kinaxixe teve para os angolanos autóctones, os quais, após a independência, se mudaram para o centro de Luanda, anteriormente ocupado por uma população maioritariamente europeia. Deste modo, como se pode interpretar esta relação de amor-ódio?

Em primeiro lugar, existe um profundo ressentimento, que ainda hoje perdura em grande parte da sociedade angolana, contra tudo o que simbolize o sistema colonial, tal como já foi referido no primeiro capítulo. O mercado, sendo uma peça que marcou o momento em que a colonização dos territórios africanos foi mais activa, acabou por se tornar vítima de uma leitura política infeliz. De seguida, é preciso ter em consideração que Angola é um país cuja idade média dos seus habitantes ronda os dezoito anos e onde a percentagem da camada infantil (com menos de quinze anos) representa quase metade da população.¹⁹⁸ Ora, estamos a falar de uma sociedade sem conhecimento suficiente para compreender a importância da arquitectura do Movimento Moderno aí realizada há mais de

¹⁹⁶ Martins, 2006 in Mingas, Ângela – “Modernismo Luanda”, Ed. Goethe-Institut Angola/Universidade Lusíada de Angola, 2011, p. 11

¹⁹⁷ Cf. <http://www.engenhoeobra.org/index.php?lg=1&id=34&nid=39> [consultado a 1 de Março de 2012]

¹⁹⁸ Informações retiradas de <http://pt.worldstat.info/Africa/Angola/> [consultado a 1 de Março de 2012]



189.



190.

LUANDA EM CRESCIMENTO

cinquenta anos, ainda mais quando a maior parte deste espólio se encontra num estado deteriorado. É, portanto, compreensível que, para a nova geração de angolanos, não faça muito sentido conservar estas “lembranças” de uma época que preferem esquecer, considerando-as, em última análise, obsoletas.

Por esta razão, o seu interesse vira-se para a arquitectura contemporânea praticada fora das suas fronteiras e que, ironicamente, tem vindo a proliferar pela paisagem urbana luandense. Isto resulta na construção de edifícios climatericamente inapropriados ao meio em que estão localizados, sendo forçados a compensar estas falhas de carácter ambiental através de enormes despesas energéticas. Para além disso, a sua implantação na “baixa” da cidade traz outros problemas, nomeadamente ao nível do bombeamento de água durante a construção de parques de estacionamento subterrâneos, uma vez que o nível freático dessa zona se encontra entre um e dois metros de profundidade, acabando assim por aumentar exponencialmente o custo da obra.

Por fim, a edificação de prédios de maior cêrcea no centro de Luanda trouxe, conseqüentemente, um maior tráfego automóvel para uma zona cuja infra-estrutura fora originalmente projectada para servir uma cidade de trezentos mil habitantes, dos quais apenas sessenta mil habitavam na “zona de asfalto”. Tendo em conta o quanto Luanda cresceu nos últimos trinta e sete anos, possuindo actualmente cinco milhões de habitantes, este tipo de irreflexão no planeamento construtivo tornou-se o principal responsável pelos problemas de trânsito da cidade:

“A Brito Godins [actual Av. Lenine] era a primeira via de cintura que eu considerava no meu plano (...) Neste percurso tinha que se alargar a via e proibir o estacionamento de maneira a fazer uma via de cintura trabalhar como era suposto. As moradias que existiam lá, que tinham um terreno formidável (...) e que eram jóias da arquitectura daquele tempo, foram na sua maioria substituídas por prédios de 10 e 15 pisos. Agora, ninguém consegue circular naquela via! As asneiras somam-se e somam-se...”¹⁹⁹

Apesar de tudo, é, no mínimo, curioso que o sentimento de rejeição para com o Mercado não se tenha reflectido da mesma maneira num outro edifício de grande importância também realizado na década de 1950: o Banco Nacional de Angola. Por que razão o banco projectado pelo Arquitecto Vasco Regaleira, um edifício de “estilo oficial” inspirado na metrópole portuguesa, se manteve até hoje em

¹⁹⁹ Carvalho, Fernão Simões de – Referindo-se ao Plano Director de Luanda. Entrevista realizada a 28 de Outubro de 2011



191. BANCO DE ANGOLA, 1966



192. MERCADO DO KINAXIXE, ANOS 1960



193. SALA DE CONSELHO DO BANCO DE ANGOLA



194. INTERIOR DO MERCADO DO KINAXIXE

bom estado e, mais importante ainda, é aparentemente estimado pela comunidade angolana, ao passo que o Mercado do Kinaxixe foi sacrificado?

Do ponto de vista arquitectónico, as duas linguagens retratadas por estas obras partilhavam um elemento em comum, no sentido em que ambas davam primazia à criação de condições de climatização adequadas ao contexto local. No Banco de Angola este factor está patente nas galerias exteriores cobertas, paredes duplas e coberturas inclinadas para facilitar o escoamento de águas pluviais. Todavia, enquanto na corrente moderna internacional a racionalidade se sobrepunha à configuração estética do edifício, na vertente tradicionalista havia necessidade de manifestar uma expressão nacionalista.

Edifícios como o banco, influenciados pelas linhas do “Português Suave”, tornaram-se então portadores de um discurso histórico evidenciado na decoração requintada que os tornava facilmente identificáveis. Em contraste, a arquitectura moderna usufruía de uma pureza e simplicidade nos seus volumes. Contudo, apesar de ter tido uma melhor receptividade nos países tropicais do que a arquitectura tradicionalista, a sua conseqüente proliferação pelo território angolano, nomeadamente na última década do período colonial, acabou por provocar uma reacção inesperada, ficando associada a uma certa banalidade. Por este motivo, o povo angolano mais facilmente atribui ao Banco de Angola um nível de qualidade superior ao do Mercado do Kinaxixe, não pelo seu valor arquitectónico, mas pelo facto destas pessoas estarem mais sensibilizadas a reconhecer os acabamentos, que no primeiro caso são de luxo, enquanto no segundo o não são.

Outro aspecto a ter em consideração envolve a utilização que ambos os edifícios tiveram desde a sua criação. Enquanto o Banco de Angola foi uma encomenda estatal, desempenhando a função de sede de uma instituição do Governo e um local de referência para uma comunidade formal essencialmente ligada ao patamar político, o Mercado era um Equipamento Colectivo Municipal e uma referência popular, onde se praticava um comércio em regra informal.

Por fim, é importante referir que o Banco Nacional de Angola é considerado um monumento, segundo o Despacho nº27, de oito de Abril de 1995, enquanto, nem o Mercado do Kinaxixe, nem nenhum edifício modernista em Angola estão sequer inventariados pelo Instituto Nacional de Património Cultural.²⁰⁰

Todos os elementos aqui enumerados contribuíram, assim, para a eventual desvalorização da herança modernista deixada pelo fim da era colonial.

²⁰⁰ Informações cedidas pela Arquitecta Ângela Mingas.

Conclusão

O tema central desta tese de mestrado é a realização de um estudo aprofundado sobre o Mercado do Kinaxixe de maneira a enaltecer os atributos que fizeram com que este projecto se destacasse no contexto da arquitectura moderna feita num clima húmido tropical, assim como a evolução que este representou comparativamente com outras tipologias de mercado desenvolvidas no mesmo período.

A obra em estudo assumiu um carácter de grande importância a diversos níveis, pois assinalou o começo da carreira de Vasco Vieira da Costa na qualidade de arquitecto, a introdução da linguagem arquitectónica moderna no espaço colonial português e, de certo modo, a entrada na fase final da colonização portuguesa nesse mesmo território.

Aproveitando o ambiente de desenvolvimento industrial e construtivo que percorreu Angola durante este período, Vasco Vieira da Costa conseguiu através deste projecto mostrar como era possível aplicar o vocabulário funcionalista da arquitectura de Le Corbusier de uma maneira genuína ao território onde se encontrava. A busca exaustiva de técnicas que promovessem a ventilação e sombreamento do edifício representou a componente fundamental do processo criativo do arquitecto, permitindo, assim, contrariar as limitações ao bem-estar provocadas por um clima com elevados níveis de calor e humidade. O reportório deixado pelo Arquitecto Vieira da Costa confirma a importância do seu pensamento vanguardista, o qual se difundiu por Angola até à ao momento da independência.

Com esta dissertação de mestrado ficou igualmente comprovado que o Mercado do Kinaxixe estabeleceu em Angola um novo modelo de mercado, que se apresenta como uma evolução dos planos estipulados pelos primeiros mercados portugueses modernos, construídos nos anos 1930, como é o exemplo de Matosinhos. Vieira da Costa provavelmente conheceria este edifício, uma vez que, quando estudou no Porto, esta obra já existia. Todavia, não convém esquecer que esta configuração de programa com lojas viradas para a rua e com nave coberta teve origem em ideias desenvolvidas desde o séc. XIX por Víctor Ballard no Mercado *Les Halles* e que em Portugal estava representada pelo Mercado da Ribeira (1882) e o Mercado do Bolhão (1917). De qualquer modo, interessa referir que esta nova tipologia de mercado tropical conseguiu desenvolver-se autonomamente em África como ficou demonstrado pelo Mercado do Lobito.

Porém, como se pôde verificar ao longo da realização deste trabalho, por muitas que tivessem sido as qualidades arquitectónicas presentes no projecto do Mercado do Kinaxixe, estas não impediram que o mesmo fosse demolido. Em última análise, este aspecto demonstra que o valor de uma obra de arquitectura não se define apenas pela sua capacidade em criar um espaço funcional ou na expressão

estética que detém, mas no significado, no impacto que ela tem na vida das pessoas que nela habitam. Citando as palavras do Arquitecto Francisco Castro Rodrigues, o Mercado do Kinaxixe no final da sua existência não era mais que um “modelo de recordações”.¹⁹⁹

Nesse âmbito, a tese teve também como propósito chamar a atenção para as consequências que advêm do descuido na preservação do património arquitectónico, como aconteceu em Angola no período da pós-independência. Assim sendo, as particularidades destas obras do ponto de vista arquitectónico e histórico tornam imperativa a realização do seu levantamento e subsequente reconhecimento como património angolano. Este procedimento baseia-se na compreensão de que todo o espólio de arquitectura moderna, erguido nesta terra, não deve ser interpretado unicamente como um símbolo da presença colonial portuguesa. Na verdade, este espólio representa o produto da incorporação de diversas influências, tanto de natureza africana como estrangeira, ao longo de gerações e as quais tiveram um papel marcante no desenvolvimento cultural da civilização angolana. Acima de tudo, obras como o Mercado do Kinaxixe não são projectos representativos de uma nacionalidade, mas sim de uma linguagem que definiu a época e do lugar em que foram erguidas.

Por este motivo, torna-se necessário travar a crescente tendência para a demolição descontrolada dessas obras. O que aconteceu com o Mercado do Kinaxixe lembra-nos o quão frágil é a condição do Modernismo em Luanda e deve, por isso, servir de aviso para futuras intervenções. Neste sentido, cabe às entidades governativas angolanas o papel de salvaguardar o potencial oculto destes edifícios, através de uma reconversão das funções que anteriormente desempenhavam. Deste modo, será possível preservar a expressão formal que a cidade possuía ao longo do século XX.

Por fim, tem-se verificado um número cada vez maior de publicações e exposições que desenvolvem este tema e promovem um discurso proteccionista para que, na eventualidade destas obras serem demolidas, possam ser recordadas. Tudo isto aliado ao facto do Mercado do Kinaxixe ser frequentemente referenciado, dá a ideia de que, para a comunidade de arquitectos portuguesa e angolana, este edifício, de certo modo, nunca “morreu”, dada a importância que o Mercado teve na história da arquitectura dos dois países.

«Embora a cidade tenha perdido recentemente o Mercado do Kinaxixe, o símbolo maior e mais expressivo do modernismo da cidade e, conseqüentemente, do país, sobrevive ainda um parque edificado representativo e digno de estar emparelhado com os maiores exemplos do painel mundial.»²⁰⁰

¹⁹⁹ Informações cedidas pela Arquitecta Ângela Mingas.

²⁰⁰ Mingas, Ângela – “Modernismo Luanda”, Ed. Goethe-Institut Angola/Universidade Lusíada de Angola, 2011, p. 19

Referências

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCASTO, Gianni – *“La perfezione del mestiere: architetture per Luanda di Vasco Vieira da Costa” in “Luanda Progettare per la ricostruzione: La cooperazione universitaria in Angola”*, Roma, Gangemi Editore, 1991
- AGUIAR, João – *“Características do Mercado Municipal Tipo Considerado Para Abastecimento da População de Costumes Europeus”*, Ministério das Colónias: Gabinete de Urbanização Colonial, Trabalho nº 30, 1946
- ALMEIDA, Pedro Vieira de – *“Arquitectura Moderna em Portugal”*, in *“História de Arte em Portugal”*, vol. 14, Edições Alfa, 1986
- AMARAL, Ilídio do – *“Luanda (Estudo de Geografia Urbana)”*, Junta de Investigações do Ultramar, 1968
- ARS-Arquitectos – *Memória Descritiva do projecto do Mercado do Bom Sucesso*, 1949
- BAPTISTA, Marta – *“Arquitectura como Instrumento na Construção de uma Imagem do Estado Novo”*, Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, FCTUC, 2008
- BATALHA, Fernando – *“A Urbanização de Angola” in “Angola: Arquitectura e História”*, Edições Nova Veja, 2006
- BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried [organização], *Arquitectura do Século XX – Portugal*, Lisboa/Frankfurt, Deutsches Architektur-Museum, 1997
- CARVALHO, Fernão Simões de – *“Memória descritiva e Justificativa Geral: Mercado para o Bairro da Reserva dos Caminhos de Ferro em Luanda”*, Comissão Administrativa do Fundo dos Bairros Populares, Província de Angola, 1962
- CARVALHO, Fernão Simões de – *“Luanda do Futuro” in “Ronda pelo Ultramar, Angola terra de Portugal”*, Edições Tapete Mágico, Lisboa, Dezembro de 1963
- COSTA, Vasco Vieira da – *“Luanda plano para a cidade satélite N°3: Concurso para obtenção do diploma de arquitecto (1948)”*, ESBAP e DAFEUA, 1984
- COSTA, Vieira da – *“Breves Considerações sobre o urbanismo tropical em zonas rurais” in “Segundas Jornadas de Engenharia e Arquitectura do Ultramar: Comunicações, vol. IV”*, 1969
- COSTA, Sandra Vaz – *“Mercado Municipal e Matosinhos”*, 2001,
Fonte: <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/330042/> [consultado a 1 de Maio de 2012]
- FERNANDES, José Manuel – *“Geração Africana: Arquitectura e Cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975”*, Livros Horizonte, 2001
- FERNANDES, José Manuel – *“Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa”*, Caleidoscópio Editora, 2005
- FERNANDES, José Manuel – *“Simões Carvalho: Urbanista de Angola” in “Arquitectos do Século XX”*, Edições Caleidoscópio, 2006

FERNANDES, Manuel Correia – “Vasco Vieira da Costa Vasco Vieira da Costa, Arquitecto Angolano (1911-1982)”, prefácio de “Luanda plano para a cidade satélite N°3: Concurso para obtenção do diploma de arquitecto (1948)”, ESBAP e DAFEUA

FERNANDEZ, Sérgio – “Percurso: Arquitectura Portuguesa 1930/1974”, FAUP, 1988

FIGUEIRA, Jorge – “Digitalizar a dúvida. 5 pontos sobre a arquitectura portuguesa contemporânea”, in “A Noite em Arquitectura”, Relógio D’Água Editores, 2007

FONTE, Maria Manuela – “Urbanismo e Arquitectura em Angola – de Norton de Matos à Revolução”, Dissertação para Doutoramento em Planeamento Urbanístico, UTL|FA, 2007

FRY, Maxwell; DREW, Jane – “*Tropical Architecture in the Dry and Humid Zones*”, Robert E. Krieger Publishing Company, New York, 1964

GUEDES, Manuel Correia – “Arquitectura Sustentável em Angola”, SURE–Africa, 2011

GRILO, Maria João Teles – “Perdemos todos, mesmo os que pensam que não”, 2008,
Fonte: <http://arquitectos.pt/?no=2020491272,156> [consultado a 1 de Maio de 2012]

LATOURE, Alessandra – “*Kahn Writings, Lectures, Interviews*”, Rizzoli: New York, 1991, in Schwartz, Martin – “*Louis I. Kahn: Finding Daylight in Luanda*”.

Fonte: <http://architectureinthelightofday.blogspot.com/2011/02/louis-i-kahn-finding-daylight-in-luanda.html> [acedido a 9 de Novembro de 2011]

MAGALHÃES, Ana – “Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975”, Edições Tinta da China, 2009

MARTINS, Isabel – “Luanda: a cidade e a arquitectura”, Dissertação para Doutoramento, FAUP, 2000

MATOS, Madalena Cunha; RAMOS, Tânia Beisl – “Por Via do Atlântico: Traçados e Monumentos Urbanos no Brasil e em Territórios Africanos de Colonização Portuguesa”, UTL

MENDES, António Martins – “Universidade de Luanda – apontamento histórico” in Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias, Vol. 101, N° 559-560, 2006

MILHEIRO, Ana Vaz; FERREIRA, Jorge Manuel – “A Joyous Architecture: As exposições de Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal e a sua influência nos territórios português e africano”.

Fonte: <http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/018.pdf> [consultado a 15 de Janeiro de 2012]

MILHEIRO, Ana Vaz; NUNES, Jorge – “Le Corbusier e os portugueses” in revista “arq./a”, Julho|Agosto 2008

MILHEIRO, Ana Vaz – “Opúsculo 15: As Coisas não são o que parecem que são”, Dafne Editora, Porto, 2008

MILHEIRO, Ana Vaz – “Experiências em Concreto Armado na África Portuguesa: Influências do Brasil”, in Revista “Pós – Revista do Programa de Pós-Graduação e Urbanismo da FAUUSP”, n°25, Junho 2009

- MILHEIRO, Ana Vaz – “Manolo Potier: o Arquitecto Violinista” *in* *Jornal Arquitectos* nº 241, 2010,
- MILHEIRO, Ana Vaz – “São Tomé e Príncipe e o trabalho do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”, texto policopiado, 2012
- MILHEIRO, Ana Vaz; SALDANHA, José Luis – “Luís Possolo: Um Arquitecto do Gabinete do Urbanização do Ultramar”, CIAAM, 2012
- MINGAS, Ângela – “Modernismo Luanda”, Ed. Goethe-Institut Angola/Universidade Lusíada de Angola, 2011
- QUARTILHO, Ana Teresa Raposo – “Factos Urbanos: Os Mercados na cidade do Porto”, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, FCTUC, 2011
- QUELHAS, Anabela - “O Mercado de Kinaxixe”, 2008
Fonte: <http://blogdangola.blogspot/2008/07/j-divulguei-em-vrios-sitios-da-net.html> [acedido a 28 de Dezembro de 2010]
- QUINTÃ, Maria Margarida – “Geografia de um Lugar: Luanda e a Arquitectura de Vasco Vieira da Costa”, Prova de Licenciatura, ESBAP, 2007
- QUINTÃO, José – “Vasco Vieira da Costa 1911-1982” *in* “Arquitectura Pintura Escultura Desenho, Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto”, Universidade do Porto, 1987
- REAL, Troufa – “O Arquitecto Vasco Vieira da Costa”, *in* *Jornal “Arquitectos”*, Agosto 1982
- RODRIGUES, Francisco Castro; Dionísio, Eduarda – “Um Cesto de Cerejas”, Casa da Achada – Centro Mário Dionísio, 2009
- ROSA, Edite – “ODAM: Valores Modernos e a Confrontação com a Realidade Produtiva”, Tese de Doutoramento, Escuela Tecnica Superior de Arquitectura de Barcelona, 2005.
Fonte: <http://tdx.cat/handle/10803/6819> [consultado a 15 de Janeiro de 2012]
- SALVADOR, Paulo – “Recordar Angola”, Quetzal Editores, 2004
- SCHWARTZ, Martin – “Louis I. Kahn: Finding Daylight in Luanda”, 2011
Fonte: <http://architectureinthelightofday.blogspot.com/2011/02/louis-i-kahn-finding-daylight-in-luanda.html> [acedido a 9 de Novembro de 2011]
- SOTGIA, Antonello, “L’Architettura Didattica di Vasco Vieira da Costa” *in* “Luanda Progettare per la ricostruzione: La cooperazione universitaria in Angola”, Roma, Gangemi Editore, 1991
- TAVARES, A. Barata – “O Centro de Documentação Técnica do L.E.A. e a Estrutura Científico-Técnica de Angola” *in* “Segundas Jornadas de Engenharia e Arquitectura do Ultramar: Comunicações, vol. IV”, 1969
- TOSTÕES, Ana – “Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50”, FAUP, 1997
- TOSTÕES, Ana – “Arte Portuguesa: da Pré-história ao século XX – Arquitectura Moderna e obra global a partir de 1900”, Fubu Editores, 2009

Gabinete de Urbanização do Ultramar – Memória descritiva do Mercado de Santo Amaro, São Tomé, 1956

S.A. – “Exposição-Feira de Angola 1938”, Luanda: Agência Técnica de Publicidade, 1938

PERIÓDICOS

“De onde vem essa vontade de bem servir?” in Jornal “Capital”, 16-02-2008 in “Mercado Informal: Extractos da imprensa Angolana sobre questões sociais e de desenvolvimento”, Development Workshop – Angola
 Fonte: <http://hdl-bnc.idrc.ca/dspace/bitstream/10625/40330/1/128832.pdf> [consultado a 1 de Março de 2012]

“Kinaxixi, monstro adormecido” in Jornal “Capital”, 16-02-2008 in Idem

“Mercado de Kinaxixi é ninho de víboras” in Folha 8, Luanda, 23-02-2008 in Idem

“Madalenos fazem tremer Governo”, 18-06-2005

Fonte: <http://www.angonoticias.com/Artigos/item/5367> [consultado a 1 de Março de 2012]

ENTREVISTAS

Francisco Castro Rodrigues – Entrevista realizada a 29 de Setembro de 2011

Fernão Simões de Carvalho – Entrevista realizada a 28 de Outubro de 2011

Ângela Mingas – via e-mail, Novembro de 2011

Manuel Correia Fernandes – Entrevista realizada a 2 de Dezembro de 2011

José Quintão – Entrevista realizada a 9 de Dezembro de 2011

Maria João Teles Grilo – Entrevista realizada a 19 de Janeiro de 2012

Mário e Lucien Vieira da Costa – Entrevista realizada a 16 de Março de 2012

Sérgio Fernandez – Entrevista realizada a 4 de Maio de 2012

Fonte de Imagens

- 1 – <http://www.flickr.com/photos/biblarde/3450624386/in/photostream/>
- 2 – *Correios do Crato [Material Gráfico]*, Adelino Nunes, FCG - Biblioteca de Arte
Fonte: http://www.biblardepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1NNS367373816.759868&profile=ba&uri=link=3100026~!322146~!3100024~!3100022&aspect=basic_search&menu=search&ri=2&source=~!fcbgga&term=CTT+%28Crato%2C+Portugal%29+--+Edif%C3%ADcios+--+%5BFotografias%5D&index=SUBJECT
- 3 – <http://www.flickr.com/photos/biblarde/3787640875/>
- 4 – http://lisboario200anos.cm-lisboa.pt/index.php?id=4138&tx_ttnews%5Btt_news%5D=995&tx_ttnews%5BbackPid%5D=4137&cHash=d0e87cf83a
- 5 – NUNES, Pedro Noronha – “Depoimento do Arquitecto Celestino Castro”, 2007
Fonte: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/771/1/9-20Pages%20from%20aObraNasce05.pdf>
- 6 – “ODAM – 60 anos depois: Evocação da Exposição de 1951”, brochura da Ordem dos Arquitectos Secção Regional Norte, 2011
Fonte: <http://www.oasmn.org/cultura.php?id=272>
- 7 – BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried [organização], *Arquitectura do Século XX – Portugal, Lisboa/Frankfurt, Deutsches Architektur-Museum*, 1997, p. 166
- 8 – http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/09/os-planos-para-o-porto-dos-almadas-aos_28.html
- 9 – BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried [organização], *Arquitectura do Século XX – Portugal, Lisboa/Frankfurt, Deutsches Architektur-Museum*, 1997, p. 170
- 10 – http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010_09_01_archive.html
- 11 – “Vazios Urbanos” – Trienal de Arquitectura de Lisboa, Caleidoscópio, 2007, p.63
- 12 – http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:20110924_TZ10_EdificioSoaresIrmao-330478_1010209.jpg
- 13 – *Jornal Arquitectos*, nº 241, 2010, p.105
- 14 – Imagens retiradas do documentário “Luanda”, realizado pelo Prof. Doutor António de Almeida, Missão Antropobiológica de Angola, 1955
Fonte: <http://www.tvciencia.pt/tvcarq/pagarq/tvcarq03.asp?codaqv=80015>
- 15 – http://4.bp.blogspot.com/-AIMzSlo_718/TIQhOdgXzMI/AAAAAAAAACPM/ABQfnFYqE5c/s1600/IMG_3183.jpg
- 16 – AMARAL, Ilídio do – “Luanda (Estudo de Geografia Urbana)”, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, estampa 20
- 17 – Idem, estampa 76
- 18 – Imagens retirada do documentário “Angola do outro lado do tempo”, COMSOM, 1996
Fonte: <http://www.macua1.org/blog/angolaoutroladotempo.html>
- 19 – BETTENCOURT, Sandro – “As mais belas cidade de Angola”, Zebra Publicações, 2011, p.19
- 20 – <http://www.hpip.org/Default/pt/Homepage/Obra/Imagens/Fotografia?a=54>

- 21 – <http://ar9uitectura.blogspot.pt/2011/07/o-leao-que-ri-smiling-lion.html>
- 22 – Imagens retirada do documentário “Angola do outro lado do tempo”, COMSOM, 1996
Fonte: <http://www.macua1.org/blog/angolaoutroladotempo.html>
- 23 – MAGALHÃES, Ana; GONÇALVES, Inês – “Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975”, Edições Tinta da China, 2009, p. 168
- 24 – MILHEIRO, Ana Vaz – “Opúsculo 15: As Coisas não são o que parecem que são”, Dafne Editora, Porto, 2008, p. 9
- 25 – <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/236/mais%20velhos/>
- 26 – Ibidem
- 27 – BETTENCOURT, Sandro – “As mais belas cidade de Angola”, Zebra Publicações, 2011, p.72
- 28 – AMARAL, Ilídio do – “Luanda (Estudo de Geografia Urbana)”, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, estampa 54
- 29 – Arquivo Histórico do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento
- 30 – Ibidem
- 31 – Ibidem
- 32 – Ibidem
- 33 – AMARAL, Ilídio do – “Luanda (Estudo de Geografia Urbana)”, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, estampa 27
- 34 – Idem, estampa 28
- 35 – <http://recordacaoemfoto.blogspot.pt/2008/02/luanda-maro-de-1963.html>
- 36 – <http://recordacaoemfoto.blogspot.pt/2008/02/luanda-maro-de-1963-i.html>
- 37 – COSTA, Vasco Vieira da – “*La Ville du Coton: avant-projet d'une ville satellite pour Luanda*”, Vol. 1, *L'Institut d'Urbanisme de Paris*, 1948, p. 21
- 38 – Idem, p. 19
- 39 – Fotografia cedida pela Professora Doutora Ana Vaz Milheiro
- 40 – AMARAL, Ilídio do – “Luanda (Estudo de Geografia Urbana)”, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, estampa 15
- 41 – Idem, figura 5
- 42 – SALVADOR, Paulo – “Recordar Angola Vol.1”, Quetzal, 2003, p. 38
- 43 – AMARAL, Ilídio do – “Luanda (Estudo de Geografia Urbana)”, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, estampa 11

- 44 – Idem, estampa 12
- 45 – Idem, figura 6
- 46 – Idem, estampa 17
- 47 – Idem, estampa 24
- 48 – Idem, estampa 4
- 49 – Idem, estampa 5
- 50 – Idem, figura 7
- 51 – Idem, figura 8
- 52 – Idem, estampa 6
- 53 – Idem, estampa 7
- 54 – Idem, estampa 9
- 55 – Idem, estampa 10
- 56 – LOBO, Margarida Souza – “Planos de Urbanização. A Época de Duarte Pacheco”, FAUP, 1995, p.78
- 57 – Arquivo Histórico do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento
- 58 – FONTE, Maria Manuela – “Urbanismo e Arquitectura em Angola - de Norton de Matos à Revolução”, FAUTL, Tese de Doutoramento, 2007, p.182
- 59 – Idem, p. 183
- 60 – SALVADOR, Paulo – “Recordar Angola Vol.1”, Quetzal, 2003, p. 76
- 61 – Idem, p. 38
- 62 – Arquivo Histórico do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento
- 63 – Ibidem
- 64 – Ibidem
- 65 – Ibidem
- 66 – Ibidem
- 67 – Fotografia cedida por Mário e Lucien Vieira da Costa
- 68 – “Exposição-Feira de Angola 1938”, Luanda: Agência Técnica de Publicidade, 1938
Fonte: http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2011/08/luanda-1932-2.html
- 69 – Ibidem
- 70 – Fotografia cedida por Mário e Lucien Vieira da Costa

- 71 – <http://www.cyber-heritage.co.uk/history/plan.jpg>
- 72 – <http://42ndblackwatch1881.files.wordpress.com/2009/04/c-9.jpeg>
- 73 – <http://www.domusweb.it/en/news/fire-damages-le-corbusier-s-cite-radieuse/>
- 74 – Fotografia cedida por Mário e Lucien Vieira da Costa
- 75 – “Le Corbusier 1910-65”, Editorial Gustavo Gili, 1971, p.320
- 76 – <http://www.flickrriver.com/photos/crossetlibrary/5954944279/>
- 77 – <http://postalesinventadas.blogspot.pt/2011/01/edificio-sede-do-ministerio-da-educacao.html>
- 78 – COSTA, Vasco Vieira da – “Luanda plano para a cidade satélite N°3: Concurso para obtenção do diploma de arquitecto (1948)”, ESBAP e DAFEUA, 1984
- 79 – COSTA, Vasco Vieira da – “*La Ville du Coton: avant-projet d’une ville satellite pour Luanda*”, Vol. 2. *L’Institut d’Urbanisme de Paris*, 1948
- 80 – Idem, p. 4
- 81 – Idem, p. 8
- 82 – Idem, p. 17
- 83 – Idem, p. 19
- 84 – Idem, p. 25
- 85 – Idem, p. 18
- 86 – Idem, p. 22
- 87 – Idem, p. 21
- 88 – Idem, p. 24
- 89 – Idem, p. 23
- 90 – <http://jcnavegatur.blogspot.pt/2008/05/luanda-angola.html>
- 91 – Fotografia cedida pela Professora Doutora Ana Vaz Milheiro
- 92 – Fotografia cedida pela Professora Doutora Ana Vaz Milheiro
- 93 – QUINTÃ, Maria Margarida, “Arquitectura e clima, Geografia de um lugar: Luanda e a obra de Vasco Vieira da Costa”, FAUP, Prova de Licenciatura, 2007, p. 110
- 94 – <http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra/Imagens/Fotografia?a=76>
- 95 – Fotografia cedida por Mário e Lucien Vieira da Costa
- 96 – COSTA, Vasco Vieira da – “Breves Considerações sobre o urbanismo tropical em zonas rurais” *in* “Segundas Jornadas de Engenharia e Arquitectura do Ultramar: Comunicações, vol. IV”, 1969, p. 316

- 97 – Fotografia cedida pelo Prof. Doutor Manuel Correia Fernandes
- 98 – Fotografia cedida pelo Prof. Doutor Manuel Correia Fernandes
- 99 – Fotografia cedida pelo Prof. Doutor Manuel Correia Fernandes
- 100 – MAGALHÃES, Ana; GONÇALVES, Inês – “Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975”, Edições Tinta da China, 2009, p. 151
- 101 – MARTINS, Isabel; GRILO, Maria João Teles; MACHADO Roberto – “Arquitecturas de Luanda”, Dilazo Artes Gráficas, 2010, p. 161
- 102 – QUINTÃ, Maria Margarida, “Arquitectura e clima, Geografia de um lugar: Luanda e a obra de Vasco Vieira da Costa”, FAUP, Prova de Licenciatura, 2007, p. 98
- 103 – <http://www.archicool.com/expos/myarchitect/MYARCH8.jpg>
- 104 – <http://architectureinthelightofday.blogspot.pt/2011/02/louis-i-kahn-finding-daylight-in-luanda.html>
- 105 – <http://eng.archinform.net/projekte/2020.htm>
- 106 – <http://www.gizmoweb.org/2011/01/one-modernism-one-history-one-world-one-guedes/>
- 107 – <http://www.gizmoweb.org/2011/01/one-modernism-one-history-one-world-one-guedes/>
- 108 – Fotografia cedida por Mário e Lucien Vieira da Costa
- 109 – http://www.sanzalangola.com/galeria/album45/Cedida_por_Rui_Ribeiro_4
- 110 – http://recordacaoemfoto.blogspot.pt/2008_02_01_archive.html
- 111 – Fotografia cedida por Mário e Lucien Vieira da Costa
- 112 – Fotografia cedida por Mário e Lucien Vieira da Costa
- 113 – Imagens retiradas do documentário “Luanda”, realizado pelo Prof. Doutor António de Almeida, Missão Antropobiológica de Angola, 1955
Fonte: <http://www.tvciencia.pt/tvcarq/pagarq/tvcarq03.asp?codaqv=80015>
- 114 – “Vazios Urbanos”, Trienal de Arquitectura de Lisboa, Caleidoscópio, 2007, p.64
- 115 – SALVADOR, Paulo – “Recordar Angola Vol.1”, Quetzal, 2003, p. 50
- 116 – AMARAL, Ilídio do – “Luanda (Estudo de Geografia Urbana)”, Junta de Investigações do Ultramar, 1968, estampa 47
- 117 – SALVADOR, Paulo – “Recordar Angola Vol.1”, Quetzal, 2003, p. 71
- 118 – Jornal Architectos, nº 241, 2010, p.107
- 119 – BETTENCOURT, Sandro; PINHEIRA, Jean Charles – “Em Paz Por Terras de Angola”, Zebra Publicações, 2010
- 120 – <http://pissarro.home.sapo.pt/angola.htm>

- 121 – <http://www.panoramio.com/photo/11348384?source=wapi&referrer=kh.google.com>
- 122 – <http://tudosobreangola.blogspot.com/>
- 123 – <http://tudosobreangola.blogspot.com/>
- 124 – <http://recordacaoemfoto.blogspot.com/2008/02/luanda-anos-60-v.html>
- 125 – FONTE, Maria Manuela – “Urbanismo e Arquitectura em Angola - de Norton de Matos à Revolução”, FAUTL, Tese de Doutoramento, 2007, p. 381
- 126 – Ibidem
- 127 – Rigorosos desenhados por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz
- 128 – Rigorosos desenhados por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz
- 129 – http://www.sanzalangola.com/galeria/album45/Cedida_por_MGV
- 130 – <http://recordacaoemfoto.blogspot.com/2008/02/luanda-marco-de-1963-i.html>
- 131 – Rigorosos desenhados por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz
- 132 – Rigorosos desenhados por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz
- 133 – http://www.sanzalangola.com/galeria/album45/137_Interior_do_mercado_de_Kinaxixe_Anos_60
- 134 – BETTENCOURT, Sandro; PINHEIRA, Jean Charles – “Em Paz Por Terras de Angola”, Zebra Publicações, 2010
- 135 – “Arquitectura do movimento moderno: inventário DOCOMO Ibérico : 1925-1965”, Associação dos Arquitectos Portugueses, Fundação Mies van der Rohe, DOCOMO Ibérico, 1997
- 136 – Ibidem
- 137 – <http://irene-ngocta.blogspot.pt/2010/04/arch-1201-villa-savoye-le-corbusier.html>
- 138 – http://www.arquitectura.pt/forum/topic/2442-luanda-angola-mercado-do-kinaxixe-vasco-vieira-da-costa/page__st__20
- 139 – Foto cedida pela Arquitecta Maria Margarida Quintã
- 140 – Foto cedida pela Arquitecta Maria Margarida Quintã
- 141 – Foto cedida pela Arquitecta Maria Margarida Quintã
- 142 – http://www.sanzalangola.com/galeria/album45/Cedida_por_MGV_3_005
- 143 – Foto cedida pela Prof. Doutora Ana Vaz Milheiro
- 144 – GUEDES, Manuel Correia – “Arquitectura Sustentável em Angola (Manual de Boas Práticas)”, CPLP, 2011, p. 35
- 145 – OLGAY, Victor – “Arquitectura y Clima: Manual de Diseño Bioclimático para Arquitectos y Urbanistas”, Editorial Gustavo Gili, 1998, p. 109

146 – Idem, p. 111

147 – *“Luanda Progettare per la ricostruzione: La cooperazione universitaria in Angola”*, Roma, Gangemi Editore, 1991, p. 114

148 – MAGALHÃES, Ana; GONÇALVES, Inês – *“Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975”*, Edições Tinta da China, 2009, p. 53

149 – <http://www.diariodafrica.com/2008/08/o-mercado-do-kinaxixi.html>

150 – Rigorosos desenhados pela Arquitecta Filipa Fiúza

151 – Rigorosos desenhados pela Arquitecta Débora Félix

152 – Rigorosos desenhados pela Arquitecta Filipa Fiúza

153 – Rigorosos desenhados pela Arquitecta Filipa Fiúza

154 – Rigorosos desenhados pela Arquitecta Filipa Fiúza

155 – Fotografia tirada por Eduardo Costa Dias e cedida pela Professora Doutora Ana Vaz Milheiro

156 – Fotografia cedida pela Professora Doutora Ana Vaz Milheiro

157 – Rigorosos desenhados por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz

158 – Rigorosos desenhados por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz

159 – Rigorosos desenhados por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz

160 – Fotografia cedida por José Bettencourt

161 – Fotografia cedida por José Bettencourt

162 – Fotografia cedida por José Bettencourt

163 – <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/236/mais%20velhos/>

164 – <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/236/mais%20velhos/>

165 – <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/236/mais%20velhos/>

166 – Rigorosos cedidos pela Câmara Municipal de Matosinhos

167 – Rigorosos cedidos pela Câmara Municipal de Lisboa

168 – Rigorosos desenhados por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz

169 – Rigorosos cedidos pela Câmara Municipal de Lisboa

170 – Rigorosos cedidos pela Câmara Municipal de Lisboa

171 – Rigorosos desenhados por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz

172 – Fotografia tirada por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz

- 173 – Fotografia tirada por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz
- 174 – Fotografia tirada por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz
- 175 – Fotografia tirada por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz
- 176 – Fotografia tirada por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz
- 177 – Fotografia tirada por Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz
- 178 – <http://www.resenhaavozdeleca.blogspot.pt/>
- 179 – <http://www.revistapunkto.com/2010/06/praca-do-bom-sucesso-114-168.html>
- 180 – TRIGUEIROS, Luiz – “Fernando Távora”, Blau, 1993, p. 61
- 181 – Idem, p. 60
- 182 – http://www.arquitectura.pt/forum/attachments/f11/2764d1194577140-luanda-angola-mercado-do-kinaxixe-vasco-vieira-da-costa-kif_0813.jpg
- 183 – MAGALHÃES, Ana; GONÇALVES, Inês – “Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique 1948-1975”, Edições Tinta da China, 2009, p. 148
- 184 – Idem, p. 149
- 185 – “Kinaxixi Complex shopping center & office/residence: Schematic Design”, Sigma Group, 2009
Fonte: http://www.sigmagroup.ao/index.php?option=com_rokdownloads&view=file&id=17%3Akinaxixi-complex&Itemid=98&lang=en
- 186 – Ibidem
- 187 – http://2.bp.blogspot.com/_eyL5nvlFzY/TMBwBA7b1EI/AAAAAAAAAz0/QuCrzcaKZ4/s1600/IMG_7140.JPG
- 188 – http://1.bp.blogspot.com/_iMuFEzJULu0/SSnP58G2MkI/AAAAAAACPQ/0rsWNQabu3Q/s1600/Angola+Luanda+Largo+do+Kinaxixi+.jpg
- 189 – <http://imageshack.us/f/3/61862918199c0bb2b3e6b.jpg/>
- 190 – <http://imageshack.us/f/705/602201993852b6a161e2b.jpg/>
- 191 – <http://www.hpip.org/Default/pt/Homepage/Obra/Imagens/Fotografia?a=72>
- 192 – <http://www.hpip.org/Default/pt/Homepage/Obra/Imagens/Fotografia?a=74>
- 193 – MARTINS, Isabel; GRILO, Maria João Teles; MACHADO Roberto – “Arquitecturas de Luanda”, Dilazo Artes Gráficas, 2010, p. 129
- 194 – http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAVirtualExhibition.aspx?id=0dc0f808-c34a-4fa9-a1cf-8a29b233ed66

